

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FFCLRP - DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Percepção de pais e professores sobre práticas de educação e da criança sobre o certo e o errado: intervindo com ela para promover o respeito à diversidade.

Vanessa Delfino

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como parte das exigências para a obtenção do título de Doutor em Ciências, Área: Psicologia.

RIBEIRÃO PRETO - SP

2006

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FFCLRP - DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Percepção de pais e professores sobre práticas de educação e da criança sobre o certo e o errado: intervindo com ela para promover o respeito à diversidade.

Vanessa Delfino

Zélia Maria Mendes Biasoli-Alves

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como parte das exigências para a obtenção do título de Doutor em Ciências, Área: Psicologia.

RIBEIRÃO PRETO - SP

2006

FICHA CATALOGRÁFICA

Delfino, Vanessa

Percepção de pais e professores sobre práticas de educação e da criança sobre o certo e o errado: intervindo com ela para promover o respeito à diversidade. 2006

176 p. : il.; 30 cm

Tese, apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto / USP – Dep. de Psicologia e Educação.

Orientador: Biasoli-Alves, Zélia Maria Mendes

1. Práticas educativas. 2. Violência doméstica. 3. Violência entre as crianças

DEDICATÓRIA

À Minha Mãe

Pela mulher maravilhosa e encantadora que foi ao longo de sua vida, que me ensinou a ser uma pessoa digna e guerreira e lutar sempre pelos meus objetivos. Esta é uma vitória conquistada com muito esforço e que dedico a você (sei que onde estiver deve estar me aplaudindo por correr atrás dos meus sonhos).

AGRADECIMENTOS

A todas as pessoas que estiveram ao meu lado, me apoiando durante estes anos de pós-graduação, o momento é de satisfação e felicidade por mais uma etapa vencida.

À Zélia, minha orientadora, pela atenção, orientação segura e por ter me introduzido no universo da pesquisa de modo tão especial.

Ao meu pai, por sempre ter sido um pai presente, pelo apoio e força dada em todos os momentos.

Ao Guigo, meu grande amor. Agradeço pelo apoio incondicional, pela ajuda com o computador (desenhos, capa; não sei o que faria sem você, afinal não possuo estas habilidades de informática), por sempre ter ficado ao meu lado, pelo carinho, atenção e paciência, enfim pelo grande companheiro que você é.

À Helena. Agradeço pelo carinho, pelas orações e por sempre torcer por mim.

À Mirian e Fabíola, grandes amigas que fiz durante a pós. Foi muito bom dividir tantos momentos e vou estar sempre torcendo por vocês.

Ao pessoal do grupo: Larissa, Maria Helena, Alessandra, Élide, por compartilhar muitas tardes com vocês.

À Sônia Graminha e à Regina Caldana pelas sugestões dadas no exame de qualificação que muito me ajudaram na elaboração da tese.

Á Isilda, Robson, Inês e Bia, pela colaboração e disposição em me auxiliar sempre que precisei.

Aos professores, pais e crianças que participaram desta pesquisa. Agradeço imensamente a disposição e colaboração de todos. Como disse uma aluna de oito anos quando agradecei sua participação:

“Que isto tia, você deve ter tido muito trabalho para fazer estes desenhos, para mim foi muito bom olhar tanta coisa bem feita e só responder umas perguntas que você mesma disse que não tinha certo e errado, se você precisar posso voltar amanhã!”

Às escolas estaduais e particulares que permitiram que eu realizasse minha pesquisa.

À CAPES, pelo apoio financeiro.

RESUMO

Delfino, Vanessa. **Percepção de pais e professores sobre práticas de educação e da criança sobre o certo e o errado: intervindo com ela para promover o respeito à diversidade.** 2006. 176 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto – São Paulo, 2006.

Se a família é o primeiro ambiente socializador da criança, preparando-a para a inclusão em um contexto social mais amplo, a escola pode ser considerada o segundo, salientando-se que pais e professores são figuras essenciais no desenvolvimento do indivíduo, cabendo a eles a função de transmitir valores e normas de conduta assim como compor o ambiente, estabelecendo formas e limites para as gerações mais novas; a infância é, pois, quando a criança incorpora estes valores e, então, o momento propício para verificar a assimilação que ela faz dos fatores relacionadas à tolerância, direitos e deveres. Neste sentido, inicialmente foi investigada a percepção de professores e pais de alunos de Escolas Públicas e Privadas sobre formas de educar a criança e o que seria a violência doméstica contra ela (Estudo I). Na continuidade, analisou como crianças de 2ª a 4ª séries do Ensino Fundamental, que freqüentavam Escola Pública, percebiam as ações dos adultos em relação a elas, o que consideravam certo e errado no contato entre os colegas, o que deveria ser feito para garantir o respeito aos direitos de cada um (Estudo II); e por último foi executado um conjunto de discussões em grupo voltado às questões da Tolerância e Direitos com crianças de 4ª série (Estudo III). Para cumprir estes objetivos, no Estudo I três Escolas Públicas e três Particulares foram contatadas, participaram quatro professores (um por série) e oito pais (dois por série) por Escola de primeira à quarta série do Ensino Fundamental, somando um total de setenta e dois entrevistados; na coleta de dados foram usados uma entrevista estruturada com os pais e jogo de sentenças incompletas com os professores. No Estudo II foram entrevistados 160 alunos de 2ª (40), 3ª (40) e 4ª (80) séries do Ensino Fundamental de uma Escola Pública; dois instrumentos foram elaborados, o primeiro composto por um conjunto de desenhos, seguidos de questões, o segundo na forma de uma entrevista estruturada. No Estudo III, o material usado na intervenção foi em forma de jogo que consistia em lançar uma certa situação com duas possíveis alternativas (uma direcionada para a incompreensão e desobediência e a outra voltada para a tolerância e a recusa à agressão) a serem escolhidas pelos seus participantes (duas salas de 4ª série). Os dados obtidos foram analisados pelos sistemas quantitativo e qualitativo interpretativo. Os resultados, de um modo geral, mostraram que para os pais de alunos de ambas as escolas um sistema ideal de educação quanto à punição está no ponto central, a grande maioria nega que o excesso e a ausência sejam bons para a educação, mas sinalizam que, num grau médio, punir é uma ação aceita como forma de educar a criança. Os professores de escolas particulares e públicas disseram que já detectaram algum tipo de violência doméstica contra seus alunos. Os dados das crianças demonstraram que elas responsabilizam os adultos por sua formação e o que mais as incomoda no contato com os pares são as brigas. Discute-se assim a questão da visibilidade maior da violência doméstica contra a criança nas escolas, sendo os professores grandes aliados na sua detecção e também a necessidade da realização de outras intervenções com as crianças com o objetivo de trabalhar estratégias menos violentas diante de situações que exigem auto-controle em seu relacionamento com os colegas.

Palavras- Chave: Práticas educativas, Violência doméstica, Violência entre as crianças.

ABSTRACT

Delfino, Vanessa. **Perception of parents and teachers regarding childrearing practices and of children regarding what is right and wrong: intervention with children in order to promote respect of diversity.** 2006, 176 f. Thesi (Doctoral) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto – São Paulo, 2006.

If the family is the first socializing environment for children, preparing them for inclusion in a more expanded social context, school can be considered to be the second, with emphasis on the fact that parents and teachers are essential figures in the development of an individuals. It is their function to transmit values and behavioral norms and to compose the environment, establishing forms and limits for the younger generations. It is during childhood that children incorporate these values, this being the proper time to verify how children assimilate the factors related to tolerance, rights and duties. On this basis, we first investigated the perception of teachers and parents of pupils enrolled in Public and Private Schools regarding the way to educate children and domestic violence against them (Study I). Next, we analyzed how 2nd to 4th grade Elementary School pupils enrolled in Public School perceived the actions of adults towards themselves and what they considered to be right or wrong regarding contact among schoolmates and what should be done to guarantee respect of the rights of each person (Study II); finally, a set of group discussions was held regarding the questions of Tolerance and Rights with 4th grade pupils (Study III). To fulfill these objectives, three Public Schools and three Private Schools were contacted in Study I, with the participation of four teachers (one per grade) and eight parents (two per grade) per School from first to fourth grade of Elementary School, with a total of 72 persons interviewed. For data collection, a structured interview was applied to the parents and a set of incomplete sentences was used with the teachers. In Study II, 160 pupils of 2nd (40), 3rd (40) and 4th (80) grades of Elementary School were interviewed. Two instruments were elaborated, the first consisting of a set of drawings followed by questions, and the second in the form of a structured interview. In Study III, the material used for intervention was a game consisting of the presentation of a certain situation with two possible alternatives (one directed at incomprehension and disobedience and the other directed at tolerance and refusal of aggression) to be selected by the participants (two 4th grade classrooms). The data obtained were analyzed by the quantitative and quantitative interpretative systems. In general, the results showed that the parents of children from both schools considered punishment to be a central point in an ideal educational system. Most denied that the excess or the absence of punishment is good for education, but pointed out that a medium type of punishment is an action accepted as a form of child education. The teachers of both the public and private schools stated that they had already detected some type of domestic violence against their pupils. The data regarding the children demonstrated that they hold the adults responsible for their education and that what most bothers them in the contact with their peers is fighting. Thus, the question of greater visibility of domestic violence against children in the schools is discussed, with the teachers being important allies in its detection, together with the need for other interventions with the children in order to devise less violent strategies in situations that require self-control in their relationships with their schoolmates.

Key-Words: Childrearing practices, Domestic violence, Violence among children

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	15
INTRODUÇÃO GERAL.....	17
OBJETIVO GERAL.....	29
<i>ESTUDO I – A percepção que pais e professores têm das formas de educar a criança e da violência doméstica contra ela.</i>	
Introdução	30
Objetivos e Metodologia.....	34
Fase I: Elaboração e Teste dos Instrumentos.....	35
Fase II: Coleta de Dados Propriamente Dita	36
Participantes – Pais e Professores.....	37
Procedimento de coleta de dados	41
Resultados	43
Discussão.....	75
<i>ESTUDO II - Como as crianças das primeiras séries do Ensino Fundamental de Escola Pública percebem as ações dos adultos em relação a elas e os aspectos ligados à convivência com seus pares</i>	
Introdução.....	79
Objetivos e Metodologia.....	82
Fase I: Elaboração e Teste dos Instrumentos	82
Fase II: Coleta de Dados Propriamente Dita	86
Participantes – Alunos de 2 ^a a 4 ^a série.....	87
Procedimento de Coleta de dados	87
Resultados	89

Discussão	123
<i>ESTUDO III - Discutindo com crianças de 4ª série questões ligadas a tolerância, direitos, deveres e o respeito à diversidade.</i>	
Introdução.....	127
Objetivo específico e Metodologia.....	129
Fase 1: Intervenção Paralela.....	129
Fase 2- Intervenção.....	131
Participantes	131
Procedimento	132
Resultados	133
Discussão	139
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	142
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	147
ANEXOS.....	156

LISTA DAS TABELAS

Tabela 1- Grau de Escolaridade dos pais de alunos entrevistados das Escolas Particulares e Públicas.....	39
Tabela 2 - Profissões exercidas pelos pais entrevistados das Escolas Particulares e Públicas.....	40
Tabela 3 - Com quem ficam os filhos na ausência dos entrevistados de Escolas Particulares e Públicas.....	41
Tabela 4 - Frequência e porcentagem de cada categoria de resposta dos professores de Escolas Particulares e Públicas à questão: quando um aluno se comporta mal em sala de aula eu.....	44
Tabela 5 - Frequência e porcentagem de cada categoria de resposta dos professores de escolas particulares e públicas à questão: quando um aluno se comporta bem em sala de aula eu.....	45
Tabela 6 - Frequência e porcentagem de cada categoria de resposta dos professores de escolas particulares e públicas à questão: meus alunos são educados porque.....	46
Tabela 7 - Frequência e porcentagem de cada categoria de resposta dos professores de escolas particulares e públicas à questão: meus alunos são mal educados porque.....	47
Tabela 8 - Frequência e porcentagem de cada categoria de resposta dos professores de escolas particulares e públicas à questão: as pessoas responsáveis pela educação da criança são.....	48
Tabela 9 - Frequência e porcentagem de cada categoria de resposta dos professores de escolas particulares e públicas à questão: violência doméstica contra a criança é.....	49
Tabela 10 - Frequência e porcentagem de cada categoria de resposta dos professores de escolas particulares e públicas à questão: violência física contra a criança é.....	50
Tabela 11- Frequência e porcentagem de cada categoria de resposta dos professores de escolas particulares e públicas à questão: violência psicológica contra a criança é.....	52

Tabela 12 - Frequência e porcentagem de cada categoria de resposta dos professores de escolas particulares e públicas à questão: violência sexual contra a criança é.....	53
Tabela 13 - Frequência e porcentagem de cada categoria de resposta dos professores de escolas particulares e públicas à questão: negligência contra a criança é.....	55
Tabela 14 - Frequência e porcentagem de cada categoria de resposta dos professores de escolas particulares e públicas à questão: eu já detectei algum tipo destas violências contra meus alunos.....	55
Tabela 14-1: Tipos de violência doméstica contra a criança detectados pelos professores de escolas particulares e públicas.....	56
Tabela 15- Frequência e porcentagem de cada categoria de resposta dos professores de escolas particulares e públicas à questão: o que me leva a afirmar isto é.....	56
Tabela 16- Frequência e porcentagem de cada categoria de resposta dos professores de escolas particulares e públicas à questão: diante de uma situação de violência contra meus alunos eu.....	57
Tabela 17- Frequência e porcentagem de cada categoria de resposta dos professores de escolas particulares e públicas à questão: eu percebo algum tipo de violência na escola quando.....	58
Tabela 18- Frequência e porcentagem de cada categoria de resposta dos professores de escolas particulares e públicas à questão: diante de uma situação de violência na escola eu.....	59
Tabela 19- Julgamento pelos professores de escolas particulares e públicas do ideal em Autoridade.....	60
Tabela 20- Julgamento pelos professores de escolas particulares e públicas do ideal em Afeição e carinho.....	60
Tabela 21- Julgamento pelos professores de escolas particulares e públicas do ideal em Liberdade.....	61
Tabela 22- Julgamento pelos professores de escolas particulares e públicas do ideal em Exigência.....	61

Tabela 23- Julgamento pelos professores de escolas particulares e públicas do ideal em Cuidados.....	61
Tabela 24- Julgamento pelos professores de escolas particulares e públicas do ideal em Punição.....	62
Tabela 25- Julgamento pelos professores de escolas particulares e públicas do ideal em Explicações.....	62
Tabela 26- Frequência e porcentagem de cada categoria de resposta dos pais de escolas particulares e públicas à questão: o que você faz quando seu filho te desobedece.....	64
Tabela 27- Frequência e porcentagem de cada categoria de resposta dos pais de escolas particulares e públicas à questão: o que você sente quando pune seus filhos.....	65
Tabela 28- Frequência e porcentagem de cada categoria de resposta dos pais de escolas particulares e públicas à questão: o que você faz quando seu filho te obedece.....	65
Tabela 29- Frequência e porcentagem de cada categoria de respostas dos pais de escolas particulares e públicas à questão: o que é violência doméstica contra a criança.....	67
Tabela 30- Frequência e porcentagem de cada categoria de resposta dos pais de escolas particular e pública à questão: quais os tipos de violência contra a criança você conhece.....	69
Tabela 31- Frequência e porcentagem de cada categoria de resposta dos pais de escolas particulares e públicas à questão: o que é negligência.....	69
Tabela 32- Frequência e porcentagem dos pais de escolas particulares e públicas sobre o conhecimento de algum tipo de violência doméstica contra a criança.....	70
Tabela 33- Julgamento pelos pais de escolas particulares e públicas do ideal em Autoridade.....	71
Tabela 34- Julgamento pelos pais de escolas particulares e públicas do ideal em Afeição e Carinho.....	72
Tabela 35- Julgamento pelos pais de escolas particulares e públicas do ideal em Liberdade.....	72
Tabela 36- Julgamento pelos pais de escolas particulares e públicas do ideal em Exigência.....	72

Tabela 37- Julgamento pelos pais de escolas particulares e públicas do ideal em Cuidados.....	73
Tabela 38- Julgamento pelos pais de escolas particulares e públicas do ideal em Punição.....	73
Tabela 39- Julgamento pelos pais de escolas particulares e públicas do ideal em Explicações.....	74
Tabela 40- Porcentagem de respostas dos alunos sobre o que gostam de fazer em sala de aula, divididos por série.....	112
Tabela 41- Porcentagem de respostas dos alunos sobre o que gostam de fazer no recreio, divididos por série.....	113
Tabela 42- Porcentagem de respostas dos alunos sobre o que gostam de fazer em casa, divididos por série.....	114
Tabela 43- Porcentagem de respostas dos alunos sobre o que acontece de errado na sala de aula, divididos por série.....	115
Tabela 44- Porcentagem de respostas dos alunos sobre o que acontece de errado no pátio da escola, divididos por série.....	116
Tabela 45- Porcentagem de respostas dos alunos sobre o que acontece de errado na hora da saída da escola, divididos por série.....	117
Tabela 46- Porcentagem de respostas dos alunos sobre as mudanças que poderiam ser feitas no ambiente escolar, divididos por série.....	118
Tabela 47- Porcentagem de respostas das crianças se e o que acontece com elas de errado na escola, divididas por série.....	119
Tabela 48- Porcentagem de respostas das crianças sobre fatos que acontecem em casa que eles não gostam, divididas por série.....	120

Tabela 49- Porcentagem de respostas dos alunos sobre o que mudariam em casa, divididos por série.....	122
Tabela 50- Frequência e porcentagem de respostas de alunos de 4ª série (manhã e tarde) frente a situações propostas no 1ª encontro (A Tolerância Começa Em Casa).....	133
Tabela 51 - Frequência e porcentagem de respostas de alunos de 4ª série (manhã e tarde) frente a situações propostas no 2ª encontro (A Tolerância Cria Amizades).....	135
Tabela 52- Frequência e porcentagem de respostas de alunos de 4ª série (manhã e tarde) frente a situações propostas no 3ª encontro (A Tolerância Detém A Violência).....	136
Tabela 53- Frequência e porcentagem de respostas de alunos de 4ª série (manhã e tarde) frente a situações propostas no 4ª encontro (A Tolerância Traz A Paz).....	138

Apresentação

Justificar o interesse em desenvolver um projeto de pesquisa, que em um primeiro momento, pretendeu avaliar a percepção que professores e pais têm sobre a violência doméstica contra crianças e a forma de educá-las, implica inicialmente na revisão de alguns pontos.

Em um estágio de 306 horas, realizado na Universidade Federal de Uberlândia, quando ainda estudante de Psicologia, que tinha como público alvo pais, de um bairro periférico, denunciados ao SOS Criança por praticarem violência contra seus filhos e pais vindos de escolas/creches/centros de formação públicos deste mesmo bairro, encaminhados por diretores/professores/educadores que percebiam algum traço de violência contra os alunos, trabalhou-se para promover a adequação e o desenvolvimento das relações familiares. Inicialmente buscou-se levar o assunto para as escolas/creches/centros de formação, por se pensar que a escola é um ambiente de socialização, onde o aprendizado, a transmissão de valores e o processo de interação estão presentes todos os dias. Além disso, o professor/educador é, nesse contexto, a figura mais marcante para as crianças. A proposta envolveu explicações e discussões sobre a questão da violência entre adultos e crianças, solicitando-se, à Direção e aos professores, que indicassem os pais de alunos que por ventura dessem indícios de tal tipo de problema, que depois seriam encaminhados para um grupo que visava informar e trabalhar esta temática.

Ao final de quatro meses, verificou-se que, entre outras coisas, muitos pais vindos das escolas/creches/centros de formação não sabiam o por quê de estarem ali; foi necessário um trabalho lento com explicações sobre o assunto e a realização de tarefas, para eles começarem a perceber o que realmente acontecia nas suas relações com seus filhos. A fala de uma mãe, convidada pela escola a participar do grupo porque batia na filha de sete anos quando a menina estava fazendo tarefa, deixa isto bem claro:

“Até então, eu não sabia que estava prejudicando minha filha, era só uns tapas, uns puxões de orelha, que eu achava que ajudava ela a pensar melhor. Quando a escola pediu para eu comparecer aqui, não entendi direito, mas hoje vejo que melhorei muito, tento ensinar a minha menina e não bato mais, ela também melhorou muito. Fico imaginando se tivesse sido denunciada ao SOS criança, acho que eu não ia agüentar de tanta vergonha, ia quere sumir... nestas horas eu penso que ainda bem que a escola percebeu meu problema e

falou para eu participar do grupo.”

Este estágio trouxe, como consequência, além do interesse por continuar um trabalho de intervenção, a necessidade de mais estudos sobre a temática da violência doméstica, aí incluídas as questões do papel que a escola pode desempenhar e de como são percebidas as práticas de educação da criança pelos pais.

Inicialmente, então, elaborou-se um projeto que visava avaliar a percepção de professores e pais de crianças de Escolas Públicas e Privadas de primeira a quarta série do Ensino Fundamental sobre formas de educar a criança e o que seria a violência contra ela, além de indagar se tinham conhecimento de episódios de violência, tanto em casa quanto na Escola, em que as crianças eram os sujeitos.

Terminada a coleta e análise dos dados obtidos, verificou-se que seria importante dar continuidade ao projeto, introduzindo mais duas fases, a primeira para obter informações sobre a maneira de as crianças perceberem situações do ambiente familiar e escolar em que tanto se poderia identificar o comportamento positivo dos adultos para com as crianças, quanto o negativo e também o adequado e inadequado das próprias crianças; a segunda que seria realizar um projeto de intervenção, voltado às questões da Tolerância, Direitos e Deveres, trabalhando-se, em especial com uma Escola Pública, pelo fato de ela ter aberto a possibilidade de se manter o espaço para se ter contato direto com as crianças e fazer reuniões de grupo com elas, no próprio período de aula.

Deste modo, devido à extensão e abrangência da tese, optou-se por deixar em separado os três estudos: Estudo I (introdução, objetivo, metodologia, resultados e discussão); Estudo II (introdução, objetivo, metodologia, resultados e discussão); Estudo III (introdução, objetivo, metodologia, resultados e discussão).

Introdução Geral

Este trabalho se baseia em alguns fundamentos teóricos desenvolvidos pela Abordagem Bio-Ecológica do desenvolvimento humano, proposta por Bronfenbrenner (2005), que considera quatro núcleos básicos que interagem na produção do desenvolvimento: Pessoa, Tempo, Contexto e Processo.

Inicialmente, Bronfenbrenner (1996), denominou sua abordagem de Ecológica e afirma que:

“A ecologia do desenvolvimento humano envolve o estudo científico da acomodação progressiva mútua, entre um ser humano ativo, em desenvolvimento, e as propriedades mutantes dos ambientes imediatos em que a pessoa em desenvolvimento vive, conforme este processo é afetado pelas relações entre esses ambientes, e pelos contextos mais amplos em que os ambientes estão inseridos” (p. 18).

Já nas obras do final da década de 90 e início do século XXI (Bronfenbrenner, 2005), ele acrescenta uma ênfase à pessoa.

O núcleo *Pessoa* deve ser visto segundo as *Características Pessoais*, que seriam as particulares de cada uma e que atuam diretamente sobre o ambiente, a *Responsividade Seletiva*, que indica a maneira de responder aos diferentes estímulos ambientais; as *Tendências Estruturadoras*, que apontam a intensidade com que o indivíduo se envolve em tarefas de complexidade crescente; as *Crenças Diretivas* que se ligam à organização e contextualização da experiência de vida.

O núcleo *Tempo* é de grande importância no processo de desenvolvimento, e ele tem tanto a vertente histórica, com seus grandes acontecimentos e mesmo os pequenos fatos do dia a dia, quanto o tempo pessoal, ligado à idade da pessoa (Bronfenbrenner, 1989, 2005).

O *Contexto* possui quatro estruturas: o *Microsistema*, que corresponde aos ambientes em que a pessoa em desenvolvimento mantém interações face a face; o *Mesosistema*, que inclui as inter-relações entre dois ou mais ambientes nos quais a pessoa em desenvolvimento participa ativamente; o *Exossistema*, que se refere a um ou mais ambientes que não envolvem a pessoa em desenvolvimento como um participante ativo,

mas no qual ocorrem eventos que a afetam; o *Macrossistema*, que diz respeito aos valores e crenças que existem no nível da subcultura ou da cultura como um todo.

O *Processo* refere-se à maneira de a pessoa em desenvolvimento e o ambiente se inter-relacionarem.

Com base nesta visão, Biasoli-Alves e Dessen (2001a) afirma que as proposições desta teoria trazem subsídios para o entendimento dos processos de desenvolvimento da criança e da família na atualidade, ao enfatizar que o indivíduo deve ser focalizado no seu contexto de vida, físico e social. O pressuposto geral é que o processo de desenvolvimento constitui o resultado de uma ação conjunta das características do indivíduo e do ambiente e mantém assim uma relação bidirecional, em que há reciprocidade entre ele e o meio em que vive. Inforsato (2001) ressalta o impacto do meio ambiente sobre o desenvolvimento, enfatizando que os fatos vividos pelo indivíduo em um lugar afetam o que acontece em todos os outros meios por ele freqüentados, o que, de certa forma, significa que tudo volta a influir sobre ele.

Assim, compreender a criança num sistema mais abrangente é, antes de tudo, enfatizar que ela convive com pessoas que cuidam e transmitem costumes e normas baseados em regras, crenças e valores. As pessoas responsáveis por esta tarefa são, em um primeiro momento, os pais e, mais tarde, quando a criança é inserida em um ambiente coletivo (creche, escola maternal), os educadores e professores que também têm a tarefa de complementar sua socialização.

A família, então, é vista como o elemento básico da sociedade e, de acordo com Bruschini (1997), ela é:

“(...) um grupo social composto de indivíduos diferenciados por sexo e por idade, que se relacionam cotidianamente, gerando uma complexa e dinâmica trama de emoções; ela não é uma soma de indivíduos, mas um conjunto vivo, contraditório e cambiante de pessoas com sua própria individualidade e personalidade...” (p. 77).

Ceballos e Rodrigo (1998) caracterizaram esta instituição como um contexto de desenvolvimento primordial para o filho, pois ao lhe proporcionar a socialização ela prepara a criança para a vida em sociedade através da aprendizagem de valores, normas e comportamentos.

Nesta mesma direção, Biasoli-Alves (2004) diz que ela seria o meio natural para o crescimento e bem estar de todos os seus membros, em particular das crianças, que devem

receber a proteção e assistência necessárias para se desenvolverem plenamente; cabe a ela ser o agente principal da socialização primária de seus membros, ou seja, ela determina como serão as práticas educativas de seus filhos, assim como compõe o ambiente para a criança, estabelecendo formas e limites para as relações e interações entre as gerações.

A família aparece, então, como o primeiro ambiente socializador da sua prole, a responsável pelo seu cuidado e sobrevivência, e também a que dá os fundamentos da formação do indivíduo, através das atitudes, dos valores e dos relacionamentos, sendo no ambiente familiar que a personalidade da criança tomará forma e sua auto-imagem se constituirá. Ela tem, portanto, um papel fundamental. O que se verifica é que, no século XX, a criança começa a ocupar uma posição central, tendo os adultos, em especial, seus familiares, a tarefa de garantir a completa expressão de suas necessidades e potencialidades.

Porque, ao longo da história, a infância foi percebida de diferentes maneiras e nem sempre a criança foi vista como o membro principal de atenção e cuidados por parte da família. Ariès (1981) afirma que o sentimento de infância é relativamente novo e que até por volta do século XII ele inexistia, não se dando aos primeiros anos da vida uma caracterização específica, o que perdura, sobretudo, até o final da Idade Média, em que a criança era considerada como pequeno adulto, convivendo e dividindo os mesmos espaços com os adultos, além do que, era freqüente que fosse logo afastada dos pais e colocada como aprendiz em outras casas e ambientes.

Durante os séculos XVI e XVII aparece certa duplicidade no modo de sentir a criança, que de um lado era tratada com indiferença e sem muitos cuidados, e de outro começa a ser objeto de ‘paparicação’, “*em que a criança, por sua ingenuidade, gentileza e graça, se tornava uma fonte de distração e de relaxamento para o adulto*” (Ariès, 1981, p. 158).

Com a transição do feudalismo para o capitalismo (fim do séc. XVII), a criança da classe burguesa deixa de ser misturada aos adultos e de aprender a vida no contato com eles, porque havia aí o desejo de que os filhos fossem educados de forma especial, para que mais tarde eles viessem a se tornar uma pessoa capaz de cumprir as tarefas impostas pelo sistema social, razão porque Poster (1979) diz que a relação pais e filhos, no período burguês, caracterizou-se por um alto grau de intimidade e profundidade, mas também por uma autoridade parental absoluta.

O séc. XIX começa a descobrir a criança, a ver a Infância como um período particular da vida, o que faz com que no século XX, na continuidade dessa idéia, ela venha a assumir um papel central na vida familiar, vista como cidadã em formação; e, a partir da Declaração Universal dos Direitos Humanos, posteriormente ao final da Segunda Guerra Mundial, ver-se-á surgir e se concretizar a idéia de Convenções sobre os Direitos da Criança, num movimento que tem início na Europa, mas irá terminar por envolver países do mundo inteiro.

Essa evolução far-se-á sentir no Brasil na década de 80, culminando com a elaboração e posterior promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente em 1990, que reza em seu artigo 1º: *Essa Lei dispõe sobre a proteção integral à criança e ao adolescente*, o que deixa claro a preocupação com a infância e a adolescência no país, pelo menos no que diz respeito à existência de Lei que regulamente a matéria.

Portanto, as garantias básicas para a infância são reconhecidas e oficializadas; porém, permanece o desafio de implantá-las, havendo ainda um longo caminho a ser percorrido para que se tenha, de fato, uma infância inteiramente resguardada, em todas as camadas sociais.

Assim, é necessário reconhecer que a família, ao longo dos tempos, sofre alterações, influenciada por variáveis sociais, culturais, econômicas e políticas vigentes em cada período da história, não podendo ser considerada um agente isolado e estático. E a criança, figura inserida no seu contexto, acompanhou estas mudanças (Biasoli-Alves, 2001b).

Deste modo, a discussão acerca do processo de educação que a criança recebe não pode vir desvinculada de uma análise das transformações por que passaram as sociedades ao longo da história, que atingiram a maneira como se compõem e convivem as famílias e as formas dos principais socializadores assumirem a sua tarefa de lidar com a criança (Biasoli-Alves, 1997), o que implica em um processo que leva o indivíduo a adquirir os padrões e as normas do grupo social no qual ele está inserido. Segundo Berger e Luckman (1976) isto seria o processo de socialização, constituído por

"uma ampla e consistente introdução de um indivíduo no mundo objetivo da sociedade ou de um setor dela numa relação dialética homem-sociedade, com três momentos: interiorização, objetivação e exteriorização, ficando claro que o novo membro da sociedade interioriza um mundo já posto, que lhe é apresentado com uma configuração definida, de cuja construção ele não pertenceu." (p. 2).

Essa definição deixa claro, primeiramente que a pessoa não nasce pronta, acabada, mas, pelo contrário, que ela deve aprender formas de se comportar com o seu grupo; segundo, que essa aprendizagem vai acontecendo ao longo de um tempo; terceiro, que existe uma particularização em relação à educação dos indivíduos que é dirigida pelo seu grupo social (Biasoli-Alves, 1996).

Segundo Schaffer (1996), ao final da primeira infância, a socialização deve ter levado a criança a distinguir o certo do errado, tendo adquirido o sentido de moralidade, que é sustentado pela sua convicção interior e não mais pelo medo da punição, num processo de aprendizagem em que os princípios morais foram transmitidos pelos adultos, mas ela teve seu modo próprio de interpretá-los, no curso de seu desenvolvimento.

Certos autores afirmam que o processo de socialização foi eficaz quando há obediência e internalização das normas pela criança (Bronfenbrenner, 1974; Ceballo; Rodrigo, 1998). Neste sentido, o processo de socialização inclui as práticas educativas empregadas pelos pais, a maneira de os valores e regras serem transmitidos à criança, e como ela os internaliza. Portanto, ao educarem o filho, os pais têm objetivos específicos, em diferentes domínios, tais como o social, o afetivo, o acadêmico (Ceconello; De Antoni; Koller, 2003).

Por outro lado, assim como a família sofreu transformações ao longo dos séculos e o conceito de criança e infância se modificaram, também as práticas de cuidado e educação de filhos foram se alterando, nas diversas sociedades.

Segundo Biasoli-Alves (2001b), a evolução nas práticas educativas vem da influência de uma Moralidade Religiosa (séculos XVIII e XIX), centralizada na idéia de salvar a alma da criança, fazendo-a obediente e temente a Deus. Esta corrente, identificada em muitas das sociedades ocidentais, parece ter suas bases no fato de o índice de mortalidade infantil, até o final do século XIX, ser muito elevado, o que tornava a morte de crianças uma realidade presente na vida das famílias, daí a idéia de que elas deveriam ser educadas para obedecer ao pai, representante direto de Deus, de tal modo a garantir a salvação de sua alma, e o céu.

Segundo Newson e Newson (1974), a morte de crianças como uma ocorrência natural na sociedade, juntava-se à crença em um Deus extremamente autoritário, com poderes de punição e recompensa.

“... a conseqüência lógica é preparar as crianças tão cuidadosamente quanto possível para a morte, como para a vida, assegurando acima de tudo de que a criança seja ‘salva’, pelo menos espiritualmente, se não fisicamente, e ainda evitando a tentação de qualquer sugestão de que a vida é preferível a uma morte feliz” (p. 6).

O final do século XIX e início do XX vai dar lugar a uma nova Moralidade, a Higienista, nascida sob a influência do movimento médico higienista, responsável pelo declínio da mortalidade infantil, e pelas conseqüências da Primeira Guerra Mundial. Esta moralidade consistia na busca de um corpo e um caráter sadios e para isso treinava as crianças na regularidade de hábitos, na total ausência de possibilidade de satisfação de suas vontades. De acordo com Newson e Newson (1974), a religião não impressiona tanto como anos atrás e *“a moralidade do racionalismo assético superou a da regeneração espiritual”* (p.9).

Biasoli-Alves (2001b) comenta que neste período a criança ideal era a que seguia rigorosamente as regras que o mundo dos adultos impunha, não questionava as ordens, era limpa, obediente e fortemente preparada para enfrentar a juventude.

As décadas de 30/40 trazem uma mudança acentuada na maneira de pensar a criança e sua educação, sob a influência da Psicanálise e de correntes da Psicologia, gerando uma Moralidade das Necessidades Naturais, em que tudo é permitido, bom e natural desde que seja da vontade da criança. Pela primeira vez uma tolerância com relação ao mau comportamento dos filhos foi vista, e os adultos passam a atender a vontade da criança e a se basear no conhecimento técnico científico a respeito do certo e errado nas práticas educativas (Biasoli-Alves, 2001b).

A II Guerra Mundial, por sua vez, vai enfatizar os aspectos divertidos e prazerosos da criança, acentuando que conviver com ela era algo muito bom e que ternura e estimulação levavam a um desenvolvimento saudável, atrelando-os ao lúdico e ao lazer, tendo início a Moralidade Individualista e de Curtição (décadas de 50/60). Muitas das mudanças da fase anterior permaneceram neste período, com a relação de pais e filhos dirigida pela permissividade, com muita flexibilidade nas regras cotidianas, baseadas na aproximação e amizade entre as gerações (Caldana, 1991).

As décadas de 70/80/90 vão enfatizar o valor do diálogo com a criança, e intensifica-se a preocupação com o seu bem estar subjetivo; segundo Biasoli-Alves (2001b), pode-se chamar este período de Moralidade Mista

“Delineia-se uma moralidade mista, preocupada, sobretudo, com o desenvolvimento (emocional) saudável da criança, conservando uma prática mais individualista do que regulada por normas gerais, fundada na idéia da necessidade da liberdade para a auto-realização e a felicidade...” (p. 85).

No Brasil, as famílias também seguiram a maioria dos fundamentos propostos pelos modelos de práticas educativas expostos acima. Porém algumas particularidades do contexto brasileiro afetaram diretamente o modo de educar os filhos. Do final do século XIX e início do XX tem-se um período de muitas mudanças. E, da década de 30 em diante, acelera-se o processo de industrialização e urbanização, das migrações internas, com grande crescimento populacional; mais um tempo e vai-se verificar o acesso das camadas médias à Universidade, o aumento das comunicações e transportes, o surgimento do movimento feminista, o aparecimento dos serviços de Psicologia, o trabalho da mulher fora de casa, a proliferação das escolas e a criança frequentando-as desde mudanças nos papéis sexuais e na organização familiar (Dias da Silva, 1986; Caldana, 1991).

No estudo feito por Caldana (1991), analisando a revista católica, Família Cristã, criada no Brasil em 1933, de 1933 a 1988, destinada a leigos, voltada à família e publicada mensalmente, verificou alguns pontos sobre as recomendações de como educar a criança.

Segundo Biasoli-Alves, Caldana e Dias da Silva (1997) a educação na década de 30 foi influenciada pela religião, pela luta contra o Demônio e pela vigilância da criança. No trato com a prole um forte laço afetivo entre mãe e filho era estabelecido, em que dar ordens, corrigir os comportamentos inadequados, ser consistente e exigente, evitar as explicações eram os padrões usados na educação da criança.

Nas décadas de 40/50 os olhos se voltaram para os conceitos da pediatria norte-americana e conhecimento do desenvolvimento infantil. As mães, no trato com os filhos, deviam seguir os conselhos do pediatra, propiciando amigos e atividades para a criança, valorizando a conversa com a prole e a expressão de amor e carinho limitados pela autoridade. O intuito era educar formando pessoas moral e emocionalmente sadias e a estimulação da boa auto-estima da criança (Caldana, 1998; Caldana; Biasoli-Alves, 1996).

Já nas décadas de 70/80 a marca vem da influência do pediatra e do psicólogo. Deste modo, o cuidado com a educação da criança para que não tivesse problemas na vida adulta, enfatiza o desenvolvimento da sua individualidade e independência e dar explicações sobre quaisquer dúvidas.

Deste modo, as práticas educativas evoluíram de uma “...preocupação religiosa; salvação da alma; na década de 30, ela passa pela visão paradisíaca da infância, na década de 50 e atinge o conceito de que educar é preparar para o futuro, em 80...” (Biasoli-Alves; Caldana; Dias da Silva, 1997, p.60).

Nas últimas décadas, de acordo com Biasoli-Alves (2002), a criança ocupa um lugar central na família; os pais buscam estimulá-la desde cedo, poucas regras são exigidas do filho e as restrições são raras; os socializadores priorizam a permissividade. Com relação à disciplina, o recurso mais empregado é da comunicação, numa prática em que se dá preferência ao uso de técnicas disciplinares verbais não punitivas. Há ainda o reforço ao bom comportamento da criança e as mães, pelo menos no campo do discurso, afirmam exercer sua autoridade e permitir a liberdade em um nível médio e de maneira consistente.

Camino, Camino e Moraes (2003) ao estudar a relação entre pais e filhos e suas implicações, citam três técnicas de socialização, normalmente utilizadas na família: a indução, a retirada de afeto e a afirmação de poder. A indução consiste no emprego, pelos agentes de socialização, de explicações que levam a criança a se convencer de que seu comportamento é inadequado. A retirada de afeto consiste em mostrar que seu comportamento teve ou pode ter por consequência a ruptura do elo afetivo entre ela e o adulto. Cecconello, De Antoni e Koller (2003), ao discutirem a última técnica, definem o poder como o potencial de uma pessoa em compelir a outra e agir de maneira contrária à sua própria vontade.

A relação pais/filhos ilustra uma típica situação na qual tem-se uma concentração de poder na figura dos pais; há duas maneiras pelas quais eles podem utilizar este poder para alterar o comportamento dos filhos: através de uma disciplina indutiva e de uma disciplina coercitiva. A indutiva tem como objetivo a modificação voluntária do comportamento da criança, envolvendo práticas educativas que comunicam ao filho o desejo dos pais de que ele modifique seu comportamento, induzindo-o a obedecer (Cecconello; De Antoni; Koller, 2003). É uma estratégia disciplinar caracterizada por direcionar a atenção da criança para as

conseqüências de seu comportamento para as outras pessoas e demandas lógicas da situação, ao invés das conseqüências punitivas para ela mesma. Este tipo de prática envolve explicações sobre princípios, regras, valores, advertências morais, apelos ao seu orgulho e ao amor que ela sente pelos pais; há também a comunicação sobre as possíveis implicações prejudiciais dessas ações para os outros e para si; esta técnica mostra que ela é responsável pelo seu comportamento e que sua moralidade está mais motivada por fatores internos do que externos (Koller; Bernardes, 1997).

Já a disciplina coercitiva é baseada em técnicas que reforçam e reafirmam o poder parental, sendo caracterizada por práticas que utilizam a aplicação da força e do poder dos pais, e que incluem punição física, privação de privilégios ou ameaças; elas podem provocar emoções intensas, como hostilidade, medo e ansiedade, interferindo na capacidade da criança para ajustar seu comportamento à situação, ensinando que a razão principal para a criança se comportar positivamente é externa (punição) e não interna (culpa, simpatia) (Koller; Bernardes, 1997; Cecconello; De Antoni; Koller, 2003).

Baurind (1966) ao estudar os estilos parentais classifica-os em: autoritário, permissivo e autoritativo. Maccoby e Martin (1983), posteriormente fazem uma nova proposta, salientando as dimensões de exigência e responsividade, de cuja combinação resultam quatro estilos parentais: o autoritário, o autoritativo, o indulgente e o negligente.

A exigência refere-se aos comportamentos dos pais que requerem supervisão e disciplina; a responsividade diz respeito ao apoio que favorece a auto-afirmação e a individualidade dos filhos.

O estilo autoritário é caracterizado pela manutenção de um controle severo sobre as condutas dos filhos, de acordo com um conjunto de regras de conduta, consideradas padrões absolutos, sendo amplamente empregadas a punição física e a ameaça, para obter a obediência e o cumprimento das normas. Nessa perspectiva não há valorização do diálogo, da autonomia e não se leva em consideração a opinião dos filhos (Baurind, 1966; Ceballos; Rodrigo, 1998; Vitali, 2004).

No estilo autoritativo há explicações para a criança sobre o estabelecimento das regras, sendo valorizada a comunicação entre pais e filhos, a opinião destes, além de existir incentivo para que a criança se torne independente. Segundo Vitali (2004), os pais

“...consideram o ponto de vista da criança e o avaliam, mas exercem controle firme nos pontos de divergência com ela, sem por isso limitá-la

com restrições mas avaliando seu comportamento em relação ao contexto no qual acontece e não em termos absolutos” (p. 21).

O estilo indulgente é caracterizado pela responsividade e ausência de exigência, portanto sem regras e limites para a criança, sendo os pais comunicativos, afetivos e receptivos com seus filhos, tendendo a satisfazer qualquer pedido deles (Baumrind, 1966; Cecconello; De Antoni; Koller, 2003).

Já o estilo negligente define-se pela não-exigência, não responsividade, pouco envolvimento com a tarefa de socialização da criança e supervisão do seu comportamento, sendo que os pais respondem apenas às necessidades básicas dos filhos, mostrando-se centralizados em si mesmos (Maccoby; Martin, 1983; Cecconello; De Antoni; Koller, 2003; Vitali, 2004).

Outro aspecto estudado refere-se às relações entre os diferentes estilos parentais e os padrões de comportamento que a criança apresenta; neste sentido, há pesquisas que destacam a influência positiva do autoritativo, que levaria a criança a ser assertiva, socialmente competente e independente (Baumrind, 1966), enquanto que o autoritário, o indulgente e o negligente propiciariam maior incidência de problemas de comportamento, fracasso escolar e baixa auto-estima (Cecconello; De Antoni; Koller, 2003).

A partir destas conotações, fica evidente a importância de se conhecer as práticas de educação usadas pelos pais, além de sua função de modelo para a criança e de transmissor de valores e costumes.

Biasoli-Alves (1992) afirma que:

“Ao ser educada a criança passa de uma fase inicial em que o ambiente controla o seu comportamento até o tipo de situação a que ela vai ser exposta e deverá chegar, num outro extremo, no final da adolescência, a um autocontrole em todos os aspectos da sua vida. Isto significa que ao longo do processo de socialização o indivíduo forma o que se chama de uma consciência moral, isto é, ele compõe o seu conjunto de regras, atitudes, qualidades e age de acordo com ele, o que possibilita a sua convivência social de modo harmônico” (p.28).

A evolução que vai do controle inteiramente externo até o auto-controle possui certas características; ela é gradativa e segue uma seqüência. No seu início, enfatiza-se o papel da relação de apego da criança com o socializador; dos dezoito meses aos três anos ela vai desenvolver um sentido de autonomia, iniciando a formação de um primeiro nível de consciência moral, pela obediência às normas ditadas pelos adultos; na fase seguinte ela

toma iniciativas, ao mesmo tempo em que a evolução de sua capacidade imaginativa permite que ela tenha os adultos como modelos e dê início à internalização das normas (Biasoli-Alves, 1992).

A medida que os pais colocam limites e regras, elogiando certos comportamentos, corrigindo e punindo outros, a criança vai aos poucos assimilando o que é permitido e o que não é, ela passa de um controle pelo fato de o socializador estar presente (ou seja, a regra é dele) à internalização, quando percebe as regras como sendo suas. A evolução que se observa é de que primeiro a criança deseja evitar castigos e receber recompensas para depois ser capaz de controlar seu comportamento mesmo sem a presença dos adultos (pais, professores) (Ceballos; Rodrigo, 1998). Portanto, dos quatro anos e meio aos seis a criança acaba de internalizar as normas e passa a segui-las como se fossem suas.

Deste modo, a criança de 7 a 10 anos tem consciência do que é certo e errado, mesmo que as regras sejam rígidas, vistas como imutáveis e provenientes de uma autoridade.

Segundo Biasoli-Alves (1992):

“Muito da evolução que faz com que a criança internaliza o controle imposto pelo ambiente é auxiliada pelo fato de que simultaneamente está acontecendo uma identificação com os pais que passam a ser vistos como pessoas ideais. Além disso, há evidência de que o filho aceita na sua auto-imagem o que ele acredita ser a visão que os pais tem a seu respeito e isto traz conseqüências para o seu comportamento que se torna assim mais conformista.”(p. 30).

Para Biasoli-Alves (1992) a educação da criança não deveria ser centrada na correção do errado, mas ter uma estrutura mais preventiva, com a atuação do adulto antes ou durante uma situação em que exista comportamento inadequado, o que auxiliaria na aprendizagem de auto-controle; deixar que a criança erre para depois corrigir o que ela fez, quando as primeiras conseqüências já se fizeram presentes, não é uma boa maneira de lidar com ela; acreditar que a criança aprende por meio de seus erros vai exigir do ambiente altas doses de punição, podendo chegar à violência contra ela.

Formado o primeiro nível de consciência moral, podem-se identificar quatro aspectos como componentes da moralidade: a) A culpa, que aparece quando houve a transgressão das regras e a pessoa apresenta um desconforto emocional por tê-las desrespeitado, buscando solucionar o problema através dos pedidos de desculpa, de

confissão, etc. b) Depois vem a resistência à tentação, caracterizada pelo desenvolvimento da capacidade de não transgredir as regras; c) O idealismo/altruísmo são valores presentes principalmente na adolescência, implicando na capacidade de colocar o outro na frente dos próprios desejos, verificando-se atos de bondade, generosidade, simpatia e empatia; d) E por fim, o insight moral, caracterizado pelo discurso sobre a moralidade (Herbert, 1987).

A formação, pois, da consciência moral é longa, até que a pessoa se torne capaz de se auto-dirigir nas mais diversas situações.

Analisar a formação da consciência moral é assim de suma importância para a compreensão da maneira como a criança interage com os seus socializadores e com o meio social mais amplo; devem-se verificar os vínculos afetivos entre pais e filhos, as regras estabelecidas, os limites ao comportamento e impulsos, as explicações para a criança (Herbert, 1987).

E, é importante também assinalar que há pesquisas mostrando que, nos dias de hoje, bater gera revolta e a não assimilação das normas; ameaçar traz insegurança (Biasoli-Alves, 2002).

Deste modo, é no ambiente familiar que a criança vive a situação primeira de aprendizagem e introjeção dos padrões, sendo introduzida pouco a pouco na vida em grupo e se este processo for bem feito, possibilitará a ela internalização e assimilação de regras, facilitando sua inserção num meio social mais amplo como a escola (Biasoli-Alves; Dessen, 2001a).

E, quando a criança vai para este contexto social desde muito cedo, escola e família passam a ter funções em comum, no que tange à educação do indivíduo em desenvolvimento. Afirma-se que o ambiente escolar é de extrema importância para a criança. É nele que ela vai ampliar suas relações sociais e aprender coisas novas a cada dia; assim, é de se esperar que este seja um lugar em que os adultos (neste caso os professores) possam orientá-la e compreendê-la, da melhor forma possível.

Então, a responsabilidade do adulto frente à formação da criança é grande, atentando para o seu desenvolvimento, confrontando e adaptando, para suprir as necessidades e condições da criação e educação das gerações mais novas.

Estes fundamentos embasam o presente projeto que pretende verificar questões que atingem diretamente a infância, na visão dos adultos, mas também incluir a investigação de

como as crianças percebem aspectos de seu cotidiano de relacionamento com pais, professores e pares.

Assinala-se que ao lidar com temas que dizem respeito à relação entre as gerações mais velhas e as mais novas, seria sempre interessante ter dados que permitissem ver a situação na sua complexidade e totalidade, e não apenas uma parte sua, no caso, o discurso dos adultos.

Objetivos

Objetivos Gerais: Este projeto teve por objetivo investigar a percepção que professores e pais de crianças de 1^a a 4^a séries do Ensino Fundamental possuem acerca das formas de educar as crianças e da violência doméstica contra elas, para num segundo momento, analisar como as crianças das primeiras séries do Ensino Fundamental de escola pública percebem as ações dos adultos em relação a elas, sua maneira de enxergar o certo e o errado no contato entre os colegas e o que deveria ser feito para garantir o respeito aos direitos de cada um, finalizando com um programa de discussões em grupo, com as crianças de 4^a série, tendo como temas os assuntos avaliados anteriormente, visando introduzir as questões da tolerância, de direitos e deveres e do respeito à diversidade.

Objetivos Específicos: Três estudos foram programados e realizados para se cumprir este Objetivo Geral, cada um deles, então com as devidas especificidades.

Estudo I

Introdução

A Família é considerada o ambiente de efetivação dos direitos da criança referentes à vida, à saúde, à educação, ficando atribuído aos adultos a tarefa de zelar pelo seu cumprimento.

Adotada esta perspectiva, pode-se perguntar se ela é sempre e totalmente cumprida, porque têm sido verificadas diferenças grandes entre o que se apresenta como ideal e o que a realidade mostra, uma vez que situações em que as funções atribuídas à família não se efetivam e as tarefas afeitas aos adultos não chegam a acontecer ou são modificadas e até invertidas, vem sendo observadas e registradas com bastante freqüência, como os casos de violência doméstica de pais contra os filhos, que transformam um ambiente que deveria ser da maior segurança em um lugar desprovido de qualquer forma de respeito e proteção (Delfino et al., 2005).

Deste modo, em muitas situações, a ação do adulto ultrapassa os limites de um controle razoável e adquire o contorno do que se chama de violência, com abuso do poder que chega à crueldade. Day et al (2003) afirmam:

“A violência doméstica contra crianças implica... transgressão do poder de proteção do adulto e... coisificação da infância, isto é, negação do direito que elas têm de serem tratadas como sujeitos e pessoas em condição peculiar de desenvolvimento” (p.14).

De acordo com a literatura (Guerra, 1998; Day et al., 2003; Brito et al., 2005), há quatro tipos de violência doméstica contra a criança: 1- A Física, entendida como o emprego da força, de forma não acidental, por pai, mãe ou responsável, podendo causar ferimentos; 2- A Sexual, configurada como ato ou jogo sexual numa relação hetero ou homo, entre um ou mais adultos e a criança, tendo por finalidade estimulá-la sexualmente ou utilizá-la para sua satisfação; 3- Negligência, definida por atos ou omissões que prejudicam o prover as necessidades físicas e emocionais da criança, como a falha dos pais no alimentar, vestir adequadamente seus filhos, mesmo tendo condições para tal; 4- E a Psicológica, que ocorre quando o adulto deprecia a criança, bloqueia seus esforços de auto-aceitação, causando-lhe sofrimento emocional.

Áries (1981) e Badinter (1985) assinalam que a violência de pais contra filhos é um fenômeno presente desde sempre na raça humana, sendo entendido de diferentes maneiras ao longo da história, das culturas e grupos sociais. Assim, existem exemplos de sociedades em que as crianças eram, inclusive, sacrificadas. Em Esparta, as portadoras de defeitos físicos tinham sua morte decretada; em Roma, os varões portadores de deficiências físicas e mentais eram executados, meninas eram, em certas circunstâncias abandonadas (Day et al., 2003); em Cartago, segundo evidências arqueológicas, eram freqüentes os sacrifícios de crianças aos Deuses (Guerra, 1998).

Do período da Idade Média tem-se pouca informação sobre a maneira de lidar com a criança, sendo evidenciado pela literatura que o Renascimento é que colocará em discussão a condição da infância, como também a da mulher, do escravo, do doente. Posteriormente, já na sociedade burguesa, o processo de escolarização trará a implantação dos castigos, bem como uma separação maior entre o mundo da criança e o dos adultos (Delfino et al., 2005).

“A família e a escola retiraram juntas a criança da sociedade dos adultos. A solicitude da família, da Igreja e dos administradores privou a liberdade que ela gozava entre os adultos. Infligiu-se o chicote, a prisão, em suma, as correções reservadas aos condenados das condições mais baixas” (Áries, 1981, p. 277 e 278).

A revisão da literatura mostra que o primeiro estudo científico sobre a violência contra a criança foi realizado na França, em 1860, pelo Professor Ambroise Tardieu, que publicou um trabalho que demonstrava as discordâncias entre as explicações fornecidas pelos agressores e as características das lesões (Day et al., 2003). Neste período, a França era governada por Napoleão III de forma autoritária, e a sociedade tinha na preservação da família e no poder paterno normas incontestáveis; portanto, o trabalho de Tardieu não teve repercussão nos meios intelectuais da época e não houve seguidores da sua pesquisa.

Nos Estados Unidos, a violência doméstica contra crianças veio ao conhecimento do público, também no século XIX, através do caso da menina Mary Ellen, de oito anos, severamente maltratada, o que levou à fundação da Sociedade de Prevenção da Crueldade contra Crianças.

O século XX foi preconizado como o século da infância e, de fato, viu-se surgir uma preocupação voltada para a criança e seus direitos, razão porque também vem para a cena o problema da violência.

Em 1962, Silverman e Kempe descrevem a Síndrome da Criança Espancada, evidenciando o problema da lesão infligida; este trabalho atinge primeiro a classe médica, que tenta assumir a hegemonia da questão, mas com a gravidade e expansão do fenômeno, a partir dos anos 70, a violência doméstica passa a ser estudada por profissionais de várias áreas, mantendo-se a atenção sobre ela e uma divulgação ampla (Delfino et al., 2005).

No Brasil, sabe-se através de estudos, que os índios não usavam de violência para disciplinar seus filhos. Em 1591 um jesuíta escreveu:

“Nenhum gênero de castigo tem para os filhos; nem há pai nem mãe que em toda a vida castigue nem toque em filho, tanto os trazem nos olhos. Em pequenos são obedientíssimos a seus pais e mães, e todos muito amáveis e aprazíveis; têm muitos jogos a seu modo, que fazem com muito mais festa e alegria que os meninos portugueses” (Guerra, 1998, p.76 e 77).

A aplicação de castigos físicos em crianças brasileira foi introduzida pelos primeiros padres da Companhia de Jesus, na era colonial, que afirmavam serem eles importantes para a vida futura, reservando aos que faltavam à escola jesuítica as palmatórias e o tronco. Os índios se indignavam com tais atitudes, que não eram praticadas por eles, e muitos abandonavam o local de estudo, tentando fugir de um modo de educação jamais visto.

Com o decorrer dos séculos os castigos tornaram-se cada vez mais usados; eles visavam ensinar às crianças que a obediência era a única forma de escapar da punição, e até o século XIX não houve mudanças, sendo as práticas corretivas aceitas como a forma certa de disciplinar; chega-se às primeiras décadas do século XX com os pais castigando severamente seus filhos, para serem obedientes e bem comportados (Biasoli-Alves, 2001b).

Entre a década de 20 e o final da de 40 apareceram idéias novas, algumas diretamente influenciadas por macro variáveis do social como as duas grandes guerras, outras pelo avanço do conhecimento em áreas como a Medicina, a Psicologia do Desenvolvimento e, por volta dos anos 50, começaram a ser estimuladas formas mais brandas de disciplina (Caldana, 1998; Biasoli-Alves, 2001b).

A segunda metade do século XX trará uma exacerbação, como consequência da procura constante pela orientação fundada no conhecimento científico e a fala dos especialistas, de que é necessário dar liberdade às crianças, permitir que realizem suas vontades, cuidar para que tenham um desenvolvimento pleno. E nas últimas décadas do século XX os pais são orientados a lidarem com o comportamento inadequado do filho

usando explicações, dizendo o porquê do certo e do errado (Biasoli-Alves, 2002). Portanto, é somente na década de 80 que a temática da violência emerge como um problema de saúde pública no Brasil, ampliando o espaço para se discutir a questão dos maus-tratos.

Porém, há que assinalar que essas mudanças de valores não atingem ao mesmo tempo a todas as camadas sociais e, sobretudo que, numa hierarquia de preocupações, primeiro vem a sobrevivência e não a educação; há, portanto, uma diversidade muito grande na maneira de lidar com a criança neste início do século XXI e muito do que hoje é considerado como violência já fez e ainda pode fazer parte do modo visto como correto ou desejável de os filhos serem educados; tanto é assim, que a análise das queixas e de estudos clínicos evidencia que as punições físicas e verbais não deixaram de ser usadas, prevalecendo ainda uma educação baseada no princípio de que se corrige o errado batendo e castigando, numa concepção distante da que enfatiza a necessidade de promover o certo através da explicação (Delfino et al., 2005).

Assim, em diversas épocas da história “o bater”, “o negligenciar”, “o abandonar”, “o disciplinar rigidamente” foram os padrões aceitos pela sociedade. Analisar, pois, o que hoje é denominado de violência de pais contra os filhos implica em discutir uma série de aspectos. Iniciando pelo levantamento do que a literatura traz como causa desse comportamento, aparecem desde baixa tolerância à frustração e ao estresse até problemas psicológicos, uso de álcool e drogas (Bringiotti, 2000; Brito et al., 2005).

Também, há estudos que mostram que uma proporção elevada de pais que maltratam seus filhos foram eles próprios agredidos em sua infância, no seio da família, o que pode levá-los a não perceber sua forma de ação como sendo uma violência, e sim como a única maneira de educar (Gomes et al., 2002).

Porém a criança, principal vítima desta agressão, sente seus efeitos e os reflete, a seu modo, em outros ambientes além do familiar.

E aí entraria a escola, como já foi dito, que dentre outros aspectos funciona como um detector do processo de educação que a família vem desenvolvendo, o que significa terem os professores a oportunidade de verificar a existência de tal problema em seus alunos, somado a isto os profissionais desta instituição são apontados pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) como em situação de obrigatoriedade de notificação de qualquer abuso (confirmado ou suspeito) contra menores de 17 anos.

Mas, isto pode não acontecer, e os motivos são variados, a começar da definição que os professores, de maneira geral, têm a respeito do que é violência de pais contra os filhos, o que é ou não correto dentro de suas atribuições de responsáveis pela educação da criança. E há o medo de se envolverem em "conflitos particulares", além do receio de represálias por parte dos agressores.

Neste sentido, é importante investigar como pais e professores, responsáveis diretos pelo cuidado e desenvolvimento das crianças, encaram estas questões no seu dia a dia, indagando qual a percepção que eles têm sobre educação, uso de punição e delimitação do que caracteriza a violência contra a criança.

Objetivos específicos

Investigar, para descrever: 1- Qual a reação que os pais dizem ter frente a um comportamento adequado e inadequado da criança; 2- Qual seria, para eles um sistema ideal de educação de criança; 3- O que os pais entendem por violência doméstica (física, psicológica, sexual e negligência) contra crianças; 4- Como os professores dizem reagir quando seus alunos apresentam comportamento adequado e inadequado em sala de aula; 5- Como eles se avaliam ao cuidar da disciplina em sala de aula e o que seria para eles um sistema ideal de educação de crianças; 6- O que eles entendem por violência (física, psicológica, sexual e negligência) contra crianças; 7- Verificar se eles detectam algum tipo de violência contra seus alunos e de que tipo; 8- Quais as suas formas de agir quando (e se) aparecem casos de violência de pais contra filhos e no recinto da escola, entre seus alunos.

Metodologia

Para cumprir tais objetivos¹, buscou-se primeiramente avaliar quais as estratégias de coleta de dados que poderiam ser utilizados no presente projeto, tendo-se optado por trabalhar com Entrevistas e Jogos de Sentenças Incompletas, que, de acordo com Biasoli-Alves (1998) propiciam as informações que este estudo requeria; como salienta a autora “A entrevista é... uma ferramenta imprescindível para se trabalhar buscando contextualizar o comportamento dos sujeitos, fazendo a sua vinculação com sentimentos, crença, valores

¹ Uma vez pronto o projeto, ele foi encaminhado ao Comitê de Ética, sendo aprovado.

(p.144), além de permitir uma flexibilidade na formulação e explicação de questões, levando também a que se possa respeitar o ritmo de cada um (Lüdke; André, 1986), sendo importante o estabelecimento de uma relação de interação entre entrevistador e entrevistado que permite a captação imediata das informações desejadas.

Dentre os diferentes formatos da entrevista, e face aos objetivos da pesquisa, escolheu-se o da estruturada, em que as questões formuladas aos participantes são formalmente redigidas, seguindo uma seqüência padronizada, com uma linguagem sistematizada, tendo-se definido como temas básicos a visão sobre as práticas de educação da criança na família e na escola e a questão da violência doméstica contra ela.

Quanto aos Jogos de Sentenças Incompletas, uma estratégia que, feita na forma de entrevista, implica em o participante responder, completando a sentença, de modo instantâneo, de acordo com o que primeiro lhe aparecer, pretendendo-se, deste modo, obter respostas correspondentes ao surgido 'de pronto', instigado pela pergunta do pesquisador.

Definidas as estratégias, estruturou-se o Estudo I em duas fases: a) Elaboração e Teste dos Instrumentos; b) Coleta de Dados Propriamente Dita.

Fase I: Elaboração e Teste dos Instrumentos

Com base no Roteiro Reestruturado de Biasoli-Alves e Graminha (Biasoli-Alves, 1995), elaborou-se um roteiro de entrevista a ser aplicado aos pais, que ficou composto de 15 perguntas, parte fechadas e parte abertas, sobre as práticas de cuidado e educação de filhos, o ideal em termos de educação, na faixa dos três aos oito anos; na seqüência das questões primeiramente foram apresentadas as que pedem por uma resposta objetiva e direta, depois as que exigem julgamentos e avaliações, levando os participantes a se inserirem no tema pesquisado, fazendo com que seu discurso flua.

Quanto ao jogo de sentenças incompletas, tomou-se por base os trabalhos de Alves (1998, 2002) e construiu-se um instrumento com 16 sentenças, a ser aplicado a professores, tendo como temas a situação de sala de aula e a detecção de violência contra a criança na família e na escola.

Participantes

Prontos os instrumentos, buscou-se contatar algumas escolas da rede pública, tendo-se selecionado uma e entrado em contato com a Direção, solicitando permissão para verificar junto a professores das primeiras séries do Ensino Fundamental sua disponibilidade em participar do Estudo Piloto, e a possibilidade de contatar pais, esclarecendo-se que o objetivo do mesmo era testar a adequação dos instrumentos para coleta de dados. As complementações feitas nos instrumentos implicaram em acrescentar perguntas de identificação, tempo de trabalho na instituição e sua formação e questões avaliativas sobre o modo de educação ideal da criança.

Procedimento

Obtida a anuência da Escola, entrou-se em contato com os professores e agendou-se com eles dia, horário e local de sua preferência. Obedecendo-se ao combinado, fez-se uma sessão com cada um para a aplicação do Jogo de Sentenças Incompletas, o que, em geral, aconteceu durante a sua Hora Atividade, em sala designada pela Diretora, no interior da própria Escola. Cada aplicação levou, em média, 20 minutos.

A seguir, identificados os pais, entrou-se em contato com eles e, a partir de sua anuência, agendou-se dia, horário e local para a entrevista, de acordo com sua preferência. Cada entrevista levou, em média, 30 minutos.

Resultados

Os dados foram analisados buscando-se avaliar se as questões estavam compreensíveis, se as respostas obtidas correspondiam ao pretendido em cada pergunta, se a seqüência estava adequada (Análise Formal). Foram necessários alguns ajustes, no sentido de tornar as sentenças e as perguntas das entrevistas mais claras, sem contudo, serem feitas modificações substanciais, quer colocando ou retirando partes do instrumento ou mesmo invertendo o sentido das indagações pretendidas (Anexos I e II).

Fase II: Coleta de Dados Propriamente Dita

Para investigar a percepção que professores e pais de crianças de 1^a a 4^a séries do Ensino Fundamental de Escolas Particulares e Públicas, possuem acerca das formas de educar as crianças, do ideal em termos de educação e da violência doméstica contra elas,

fez-se inicialmente um levantamento de Escolas Particulares e Públicas, entrando-se em contato com a direção de três Públicas² e das seis das Particulares³ e, tendo-se conseguido a concordância de três e três, respectivamente.

Obtida uma primeira anuência, marcou-se, com cada uma delas, um horário para a apresentação do projeto e maiores esclarecimentos sobre o tema sob pesquisa, comunicando-se à direção, neste momento, o número de participantes a serem entrevistados, quatro professores, da primeira à quarta série do ensino fundamental (um por série) e oito pais de alunos também da primeira a quarta série (dois por série). A seguir, deixava-se o projeto na instituição para ser estudada a sua viabilidade no local, devendo a escola entrar em contato com a pesquisadora, informando se podia retornar para dar andamento à coleta de dados.

Após a concordância da Escola, seguia-se uma visita, em que uma carta, dando permissão para a pesquisadora entrar em contato com os professores das quatro primeiras séries do Ensino Fundamental e com os pais, era assinada pelo diretor, que também oferecia uma sala, na própria escola, para que as sessões pudessem ser realizadas.

Material

- Fita cassete, gravador CCE DR 1000, relógio
- Roteiro de Entrevista (Pais)
- Jogo de Sentenças (Professores)
- Folha contendo a Escala do julgamento ideal em educação

Participantes

Participaram desta fase 24 professores, sendo 12 de Escolas Particulares e 12 de Escolas Públicas (tendo-se adotado o critério de entrevistar um professor por escola de

² O contato com as Escolas Públicas deu-se através da informação e apresentação de uma pesquisadora, doutora pela USP, e funcionária de Núcleos da Infância e Adolescência da prefeitura Municipal de Ribeirão Preto, que havia coletado dados em um das escolas selecionadas e conhecia a diretora das outras duas por meio de seu trabalho de assistente social.

³ Com relação às Particulares, primeiramente entrou-se em contato com três escolas grandes, porém nenhuma delas se interessou pelo trabalho, justificando que os pais não gostariam de expor suas opiniões e/ou que a escola não executava nenhum tipo de pesquisa no intuito de preservar seus alunos. Assim, num segundo momento optou-se por procurar três outras menores, que concordaram em receber a pesquisadora.

cada uma das quatro primeiras séries do Ensino Fundamental, nas seis Escolas investigadas) e 48 pais (24 de crianças de Escolas Públicas e 24 de Escolas Particulares).

Caracterização dos participantes REVER

Professores

O grupo de 24 professores, sendo 12 de Escolas Públicas e 12 de Escolas Privadas, que fizeram parte deste estudo têm média de 44 anos (+ novo e +velho) e média de 34 anos de idade (+novo e +velho).

Os dados referentes à formação dos professores mostram que a grande maioria dos de Escola Particular e Pública tem formação em Pedagogia; apenas os docentes das Escolas Particulares têm graduação em Letras, História e Educação Física; já um professor que leciona na Escola Pública possui formação em Geografia o que não acontece com os da Particular.

Quanto ao tempo de formação, obtenção de grau Universitário ou de Ensino Médio, verificou-se que há uma variação no tempo de formação dos docentes (10,5 anos de Escola Particular e 9 de Escola Pública). Contudo, estes resultados evidenciam concordância com o que se obteve em relação à idade dos professores. Também é preciso assinalar que a maioria desses docentes fez uma graduação, ou seja, devem ter se formado depois dos 20 anos e os das Escolas Públicas é provável que tenham cursado pedagogia certo tempo depois de estarem formados e inclusive trabalhando.

Quanto ao número médio de anos em que os professores investigados estão trabalhando na mesma escola, chama atenção a existência de um tempo relativamente curto em que os de Escolas Particulares e Públicas encontram-se vinculados à instituição atual, sendo 6,2 anos e 7,2 respectivamente.

Pais

Participaram 48 pais de alunos de primeira a quarta séries do Ensino Fundamental, de três Escolas Públicas e três Particulares, distribuídos da seguinte maneira: Escola Particular = 24 - dois pais e 22 mães; Escola Pública = 24 - três pais, 20 mães e uma avó⁴.

A média de idade dos pais entrevistados das Escolas Particulares é de 37,5 e os das Públicas de 35,4 anos, sendo os primeiros ligeiramente mais velhos.

A distribuição do Grau de Escolaridade dos pais encontra-se na Tabela 1.

Tabela 1 – Grau de Escolaridade dos pais de alunos entrevistados das escolas particulares e públicas.

Escolaridade	Escolas					
	Escola Particular		Escola Pública		Total	
	F	%	F	%	F	%
Analfabeto	0	0	1	4,2%	1	2,1%
1ª grau incompleto	1	4,2%	17	70,8%	18	37,5%
1ª grau completo	1	4,2%	1	4,2%	2	4,2%
2ª grau incompleto	1	4,2%	1	4,2%	2	4,2%
2ª grau completo	3	12,5%	4	16,7%	7	14,6%
3ª grau incompleto	8	33,3%	0	0	8	16,7%
3ª grau completo	10	41,7%	0	0	10	20,8%
Total	24	100%	24	100%	48	100%

Os dados mostram uma variação do nível de escolaridade dos pais de crianças de Escolas Particulares e Públicas, sendo que os primeiros têm nível universitário completo e incompleto (cerca de 75 %), seguindo-se o ensino médio (cerca de 17%); por outro lado, os das Públicas concentram-se no ensino fundamental incompleto (cerca de 71%) e não há quem tenha ensino superior, mesmo que só iniciado.

Com relação ao número de pessoas que moram na casa dos entrevistados, os dados mostraram uma ligeira variação, sendo esta um pouco maior para as famílias das crianças de Escolas Públicas (cinco pessoas) do que das Particulares (4,1 pessoas).

Quanto ao número de filhos, os resultados mostram que não há diferença entre os pais dos alunos das Escolas Particulares e Públicas, sendo a média de 2,2 filhos por família.

O dado referente ao trabalho dos pais mostra que dos entrevistados das Escolas Particulares 17 mães e 1 pai trabalham. Nas Escolas Públicas 10 mães e dois pais trabalham.

As profissões exercidas pelos pais estão na Tabela 2.

⁴ Esta avó cria o neto desde que ele nasceu.

Tabela 2 – Profissões exercidas pelos pais entrevistados das escolas particulares e públicas.

Ocupações	Escolas					
	Escola Particular		Escola Pública		Total	
	F	%	F	%	F	%
Ocupações não - qualificadas (doméstica/faxineira, vigilante, serviços gerais, ambulante).	0	0	5	41,7%	5	16,7%
Ocupações de nível inferior de qualificação (Aux. de escritório, manicure, vendedor, artesão).	4	22,2%	6	50%	10	33,3%
Ocupações de nível médio: (professor do Ensino Fundamental, protética dentária, bancário, enfermeiro.).	12	66,7%	1	8,3%	13	43,3%
Ocupações de nível superior de qualificação e ocupações de alta renda (empresário, advogado)	2	11,1%	0	0	2	6,7%
Total	18	100%	12	100%	30	100%

Fonte: Pina Neto, 1983.

As profissões exercidas pelos pais, dos alunos entrevistados, variam de uma camada social para outra. Os pais dos alunos de Escolas Particulares, em sua maioria, têm ocupações de nível médio, já os de Escolas Públicas exercem funções mais básicas.

Há duas categorias de ocupações que são específicas para cada grupo de pais de crianças de Escolas Públicas e Particulares; os primeiros atuam em profissões não qualificadas e os segundos têm profissões de nível superior. Estes dados concordam com os da Tabela 1, que evidencia terem os pais de crianças que frequentam Escola Particular nível universitário completo e incompleto (cerca de 75 %) e os das Públicas concentram-se no ensino fundamental incompleto (cerca de 71%).

Com relação à questão de quem fica com os filhos na ausência dos entrevistados, verificou-se, primeiramente que há uma diferença na maneira de os pais responderem, porque existe uma frequência maior dos que têm os filhos em Escola Privada de darem como possibilidades de cuidado deles na sua ausência mais de uma alternativa, enquanto que os de Escolas Públicas mantêm suas respostas em uma única alternativa⁵. Os resultados

⁵ Face ao fato de os pais terem respondido de forma diferente, os cálculos de porcentagem foram efetivados de acordo com o total de alternativas e não de participantes.

da distribuição de alternativas de quem fica com a criança na ausência do entrevistado acham-se na Tabela 3.

Tabela 3- Com quem ficam os filhos na ausência dos entrevistados de escolas particulares e públicas.

Possibilidades	Escolas					
	Escola Particular		Escola Pública		Total	
	F	%	F	%	F	%
Pessoas da família (esposa, marido, avós, irmão + velho, tia)	8	30,1%	8	50%	16	38,1%
Pessoas que não são da família (empregada, babá, vizinha)	12	46,1%	5	31,3%	17	40,5%
Instituições (escola integral, núcleos)	1	3,8%	1	6,2%	2	4,8%
Sozinhos	5	19,2%	2	12,5%	7	16,7%
Total	26	100%	16	100%	42	100%

Inicialmente é preciso assinalar que dos pais entrevistados, cinco vindos das Escolas Particulares e oito das Escolas Públicas disseram que os filhos sempre estão com eles.

Pelos dados da Tabela, verifica-se que no caso de alunos de Escolas Particulares, a tendência maior é de que eles fiquem com a empregada, seguido pelo grupo que tem alguém da família para fazer companhia e cuidar. Nos de Escolas Públicas, a situação é inversa, porque a criança mais freqüentemente é deixada com uma pessoa da rede familiar, sendo menor o número das que pagam alguém da própria comunidade (babá), ou uma vizinha de confiança para olhar o filho em sua ausência. Também se verificou que os alunos de Escolas Privadas costumam ficar mais sozinhos na ausência do adulto do que os das Escolas Públicas, assinalando-se que a mais nova dessas tem sete anos e as mais velhas 10 anos.

Procedimento de coleta de dados

Para dar início à coleta de dados, duas opções foram feitas. Trabalhar-se-ia escola por escola e primeiramente as três particulares, para depois dar início à coleta nas Públicas.

Começou-se pelos professores selecionados e que concordaram em participar, agendando-se sessões individuais, de acordo com a disponibilidade de cada um⁶, a serem

⁶Nas três Escolas Particulares, todos os professores contatados concordaram em participar, havendo, contudo sempre a ajuda do Coordenador Pedagógico da Escola; nas públicas observou-se certa resistência por parte dos professores, mesmo contando-se com a colaboração da Direção.

realizadas em sala cedida pela Direção da Escola, sendo o primeiro passo uma solicitação de autorização para gravar a sessão. A partir de sua concordância, passava-se ao participante a instrução de como deveria responder às questões (da maneira mais imediata, sem a preocupação de apresentar resposta altamente elaborada); a seguir o pesquisador lia a sentença para o professor e gravava sua resposta. Todas as sessões foram realizadas na própria escola e tiveram duração de 20 minutos.

Terminada a coleta de dados com os professores, passava-se à etapa seguinte, de identificação dos pais a serem entrevistados, programando-se dois por série. Nas Escolas Particulares, a Direção ofereceu uma lista de oito pais com os quais já haviam conversado, cabendo ao pesquisador contatá-los por telefone ou pessoalmente, explicando os objetivos do trabalho e, em havendo anuência, marcar o local (escola ou a casa do participante), dia e horário de preferência para a realização da entrevista. Nas Públicas a Direção autorizava a pesquisadora a conversar com os pais na porta da Escola, no momento em que traziam os seus filhos. Havendo concordância, a entrevista era marcada de imediato e realizada na sala cedida pela Direção da Escola.⁷ As entrevistas duraram em média 30 minutos.

Procedimento de Análise dos Dados

Foram escolhidos dois sistemas para analisar os dados do Estudo I: quantitativo e quantitativo-interpretativo. No quantitativo, foi explorada a identificação dos participantes, conforme relatado nas páginas de 38 a 41 e as questões avaliativas sobre o modo de educação ideal da criança.

O outro sistema de análise usado foi o quantitativo – interpretativo, que segundo Biasoli-Alves (1998):

“este tipo de análise, no caso específico da entrevista e das sentenças incompletas, prevê dois momentos de agrupamentos: o das questões e o das respostas. No primeiro é importante observar o que cada pergunta permite obter e classificar as questões segundo a proximidade de sentido nas informações que elas possibilitam...Encerrada esta etapa tem início a tarefa ligada à elaboração de sistemas abertos para categorizar respostas com base em inferências quanto ao seu significado.” (p. 147/148).

⁷ Os 24 pais das Escolas Particulares concordaram com a entrevista; no caso das Escolas Públicas conversou-se com um número bem maior de pais para se poder obter o número desejado (24).

Definidos os sistemas de análise, buscou-se estabelecer um conjunto de perguntas para determinar a seqüência de apresentação dos dados obtidos. Inicialmente foram tratados os resultados do Jogo de Sentenças Incompletas aplicado aos professores e depois os da entrevista com os pais.

Resultados

Foram elaborados dois blocos de questões do Jogo de Sentenças Incompletas analisados pelo sistema quantitativo-interpretativo, o primeiro relaciona-se às formas de educar as crianças e o segundo refere-se à percepção da violência doméstica contra elas.

Pergunta 1- Qual a reação que os professores dizem ter frente ao comportamento inadequado da criança em sala de aula.

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelos professores das Escolas Públicas e Privadas, das quatro primeiras séries do Ensino Fundamental, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização, que ficou composto por cinco categorias.

1- *Chamar a atenção imediatamente.* Quando o professor diz que reage imediatamente, indicando ao aluno que seu comportamento é inadequado. Ex: “Chamo a atenção!”

2- *Conversar imediatamente.* Quando o professor diz que conversa com o aluno, logo após este ter se comportado inadequadamente, perguntando para ele o que está acontecendo e porque ele age daquela forma. Ex: “Converso com ele”.

3- *Chamar a atenção e Conversar.* Quando o professor primeiro corrige o aluno e em seguida busca saber porque ele está se comportando daquela forma. Ex: “Eu tento corrigir e depois converso”.

4- *Conversar depois.* Esta categoria agrupa as falas dos professores que indicam que eles só conversam com o aluno a respeito de seu comportamento inadequado fora da sala de aula, ou seja, algum tempo depois que o comportamento inadequado ocorreu. Ex: “Procuro saber o porquê deste comportamento, converso sozinha com ele, na hora do recreio ou depois que termina a aula”.

5- *Ausência de reação explícita.* Esta categoria inclui as respostas dos professores que indicam que eles deixam o comportamento inadequado sem uma consequência clara para o aluno. Ex: “Paro e penso”.

Os resultados referentes às ações dos professores quando os alunos se comportam mal em sala de aula estão na Tabela 4⁸.

Tabela 4- Frequência e porcentagem de cada categoria de resposta dos professores de escolas particulares e públicas à questão: quando um aluno se comporta mal em sala de aula eu...

Categorias de Respostas	Escolas					
	Escola Particular		Escola Pública		Total	
	F	%	F	%	F	%
Chamar atenção imedia/	6	50%	6	35,3%	12	41,4%
Conversar imediat/	5	41,7%	1	5,9%	6	20,7%
Chamar aten/ e Conver/	1	8,3%	1	5,9%	2	6,9%
Conversar depois	0	0	7	41,2%	7	24,1%
Ausência de reação expl.	0	0	2	11,8%	2	6,9%
Total	12	100%	17	100%	29	100%

Os dados mostram que os professores de Escolas Particulares tendem a concentrar suas respostas nas três categorias que indicam um tipo de reação imediata ao comportamento inadequado, sendo as mais frequentes chamar a atenção do aluno e conversar com ele para que explique o porque de seu comportamento; já os participantes das escolas públicas distribuem suas respostas nas cinco categorias, com as maiores porcentagens concentradas em chamar a atenção do aluno e conversar depois com ele sobre o ocorrido⁹.

Há, portanto, diferenças claras entre os dois grupos de professores quanto a sua ação frente ao comportamento inadequado em sala de aula.

Pergunta 2- Qual a reação que os professores dizem ter quando o aluno se comporta bem em sala de aula.

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelos professores das Escolas Públicas e Privadas, das quatro primeiras séries do Ensino Fundamental, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização, que ficou composto por três categorias, sendo que duas delas estão ligadas a uma reação positiva e a terceira vai na direção de buscar saber os motivos.

⁸ Face ao fato de os professores terem respondido de forma diferente, os cálculos de porcentagem foram efetivados de acordo com o total de respostas e não de participantes.

⁹ Cinco professores de Escolas Públicas disseram tomar duas atitudes quando a criança se comporta mal em sala de aula, em um primeiro momento chamam a atenção e depois conversam com o aluno em particular, na hora do recreio ou da saída.

1- *Elogiar o aluno.* Categoria que indica ter o professor uma reação frente ao comportamento adequado do aluno, na direção de sinalizar para ele de modo positivo que sua ação foi aprovada. Ex: “Elogio muito”.

2- *Dar o aluno como exemplo para os demais.* Nesta categoria estão incluídas as respostas dos professores que indicam que eles mostram para toda a sala de aula que aquele aluno se comportou de forma desejável, ou seja, que deve ser imitado. Ex: “Eu procuro mostrar para os outros o exemplo dele”.

3- *Busca dos motivos.* Esta categoria engloba as respostas dos professores em que eles dizem conversar com o aluno para saber porque ele está se comportando bem. Ex: “Também procuro saber o porquê, é estranho o aluno se comportar ou muito mal ou muito bem. Quando ele está muito feliz, é porque vai fazer uma viagem ou coisa parecida”.

Os resultados referentes às ações dos professores quando os alunos se comportam bem em sala de aula estão na Tabela 5.

Tabela 5- Frequência e porcentagem de cada categoria de resposta dos professores de escolas particulares e públicas à questão: quando um aluno se comporta bem em sala de aula eu...

Categorias de Respostas	Escolas					
	Escola Particular		Escola Pública		Total	
	F	%	F	%	F	%
Elogiar o aluno	11	91,7%	9	75%	20	83,3%
Usar a çç como exemplo	0	0	2	16,7%	2	8,3%
Busca de motivos	1	8,3%	1	8,3%	2	8,3%
Total	12	100%	12	100%	21	100%

Os dados da tabela 5 mostram que a maioria dos professores de Escolas Particulares e Públicas apresenta uma consequência imediata positiva frente a um bom comportamento do aluno, principalmente elogiando-o, mas também, nos das Públicas, colocando-os como exemplo.

Pergunta 3- Por que na opinião dos professores os alunos são educados

Feito o levantamento, foram estabelecidas categorias tendo como base qual o ponto de referência adotado pelos professores para justificar o fato de o aluno ser educado, se a Família, a Escola, as duas, a negativa de os alunos serem educados.

1- *Atribuição à Escola.* Esta categoria inclui as respostas em que o que vem enfatizado são características da escola ou de como o professor age em sala de aula. Ex: “Pela disciplina que eu exijo deles, pela rotina da sala de aula”.

2- *Atribuição à família.* Esta categoria agrupa as respostas que justificam a boa educação da criança pela maneira de os pais agirem com ela. Ex: “Recebem boa formação de suas famílias”.

3- *Atribuição à Escola e à Família.* Nesta categoria família e escola, juntas, são responsáveis diretas pela boa educação das crianças. Ex: “Vem de casa, o ambiente da escola também ajuda”.

4- *Negação da boa educação.* Nesta categoria estão agrupadas as respostas dos professores em que o ponto focal está nas dificuldades que eles têm para lidar com os alunos ou nas mudanças que têm acontecido na forma de educar as crianças. Ex: “Nós seres humanos estamos esquecendo este valor de educação, tudo é muito corrido”.

Os resultados referentes às opiniões dos professores sobre a boa educação dos alunos estão na Tabela 6.

Tabela 6- Freqüência e porcentagem de cada categoria de resposta dos professores de escolas particulares e públicas à questão: meus alunos são educados porque...

Categorias de Respostas	Escolas					
	Escola Particular		Escola Pública		Total	
	F	%	F	%	F	%
Atrib/ + à escola	4	33,3%	5	41,7%	9	37,5%
Atrib/ + à família	2	16,7%	5	41,7%	7	29,2%
Atrib/ + à escola e à fami/	6	50%	1	8,3%	7	29,2%
Negação	0	0	1	8,3%	1	4,2%
Total	12	100%	12	100%	24	100%

A maioria dos professores das Escolas Particulares atribui a boa educação dos alunos a uma ação conjunta entre professores e pais. Em seguida esta atribuição é feita aos professores e, por último, a boa educação das crianças se deve aos pais. Já os professores de Escolas Públicas, ora atribuem a boa educação dos alunos aos professores, ora à família, portanto, eles diferem bem dos das Escolas Particulares, porque sua atribuição é em separado.

Pergunta 4- Por que na opinião dos professores os alunos são mal educados.

Feito o levantamento, foram estabelecidas categorias tendo como base qual o ponto de referência adotado pelos professores para justificar o fato de o aluno ser mal educado, se a Família, a Escola ou as duas.

1- *Atribuição à família.* Esta categoria agrupa as respostas que justificam a má educação da criança pela maneira de os pais agirem com ela. Ex: “Falta de estrutura familiar”.

2- *Atribuição à escola.* Esta categoria agrupa as respostas que justificam a má educação da criança pela maneira de os professores agirem com ela. Ex: “Esta classe particularmente, ela veio de uma professora não muito exigente, então eu tive muito trabalho. Acho que eles são mal acostumados ao invés de mal educados”.

3- *Atribuição à Família e à Escola.* Nesta categoria família e escola, juntas, são responsáveis diretas pela má educação das crianças. Ex: “Algum problema na escola com um amigo, algum desinteresse de alguma aula ou às vezes aconteceu alguma coisa em casa ele traz para a escola”.

Os resultados referentes às opiniões dos professores sobre a má educação dos alunos estão na Tabela 7.

Tabela 7- Frequência e porcentagem de cada categoria de resposta dos professores de escolas particulares e públicas à questão: meus alunos são mal educados porque...

Categorias de Respostas	Escolas					
	Escola Particular		Escola Pública		Total	
	F	%	F	%	F	%
Atribuição aos pais	9	75%	10	83,3%	19	79,2%
Atribuição ao professor	0	0	1	8,3%	1	4,2%
Atrib/ aos profes/ e pais	3	25%	1	8,3%	4	16,7%
Total	12	100%	12	100%	24	100%

Os resultados mostram que a maioria dos professores de Escolas Particulares e Públicas atribuiu à família a má educação da criança. Em seguida, para os participantes de Escolas Particulares família e escola juntas são responsáveis pelo aluno ser mal educado, esta resposta também apareceu nos de Escolas Públicas embora em um número menor.

O entrevistado da escola pública que atribuiu a má educação dos alunos aos professores, estava falando da turma dele, colocando a culpa destes serem mal educados na professora do ano anterior, que não impunha limites às crianças.

Pergunta 5- Quais as pessoas responsáveis pela educação da criança.

Feito o levantamento, foram estabelecidas categorias tendo como base qual o ponto de referência adotado pelos professores sobre as pessoas responsáveis pela educação da criança, se a Família, a Escola ou as duas.

1- Atribuição à Família. Esta categoria agrupa as respostas que apontam à família como a grande responsável pela educação da criança. Ex: “. A família”.

2- Atribuição à Escola. Esta categoria agrupa as respostas que apontam à escola com a responsável pela educação da criança.Ex: “Um todo, a escola inteira, professores, diretores”.

3- Atribuição à Família e à Escola. Categoria que agrupa as respostas dos professores em que família e escola são juntamente as responsáveis pela educação da criança. Ex: “Os pais e os professores”.

Os resultados estão na Tabela 8, juntamente com a comparação dos professores por escola.

Tabela 8- Freqüência e porcentagem de cada categoria de resposta dos professores de escolas particulares e públicas à questão: as pessoas responsáveis pela educação da criança são...

Categorias de Respostas	Escolas					
	Escola Particular		Escola Pública		Total	
	F	%	F	%	F	%
Atribuição aos pais	5	41,7%	5	41,7%	10	41,7%
Atribuição ao professor	1	8,3%	1	8,3%	2	8,3%
Atrib/ aos profes/ e pais	6	50%	6	50%	12	50%
Total	12	100%	12	100%	24	100%

Os dados mostram que os dois grupos de professores, na mesma porcentagem predominante, apontam família e escola como responsáveis pela educação do aluno, ou seja, dão importância igual às duas instituições. Depois, vem a família sozinha como principal agente na educação da criança; mas, há um professor da camada popular e outro da média que consideram a escola como a única responsável pela educação da criança e isto chama atenção, porque existe aqui uma desconsideração grande em relação à família.

Os resultados destas cinco questões mostraram que a maioria dos professores procura saber o que está acontecendo com o aluno frente a um mau comportamento dele e o elogia quando ele se comporta bem em sala de aula. No que se refere à educação da criança, por um lado os dados evidenciaram que um grande número dos participantes considera que família e escola juntas são as responsáveis pela formação da criança e atribuem o fato dela ser bem educada também a estas duas instituições (juntas ou

separadamente), porém este resultado não se repete quando os professores foram questionados sobre a criança ser mal educada, neste ponto a maioria diz que a família é a responsável por isto, se isentando de qualquer culpa diante deste assunto e de seu papel como socializador.

O segundo bloco de questões diz respeito à violência doméstica contra criança e à violência na escola.

Pergunta 6 – O que é a violência doméstica contra a criança.

Feito o levantamento as respostas obtidas foram agrupadas avaliando-se qual o formato da resposta se direcionado para uma definição ou um juízo de valor.

1- *Definição do que é violência doméstica contra a criança.* Esta categoria diz respeito à definição do que entendem por violência doméstica contra a criança. Ex: “É a violência que acontece em casa, é espancar, humilhar, abusar da criança e quem faz isto é pai, mãe ou o responsável por ela”.

2- *Juízo de Valor.* As respostas desta categoria atribuem a situação de violência doméstica contra a criança a um valor negativo.Ex: “Absurdo, criminoso, imperdoável”.

As respostas dos professores encontram-se na Tabela 9.

Tabela 9- Frequência e porcentagem de cada categoria de resposta dos professores de escolas particulares e públicas à questão: violência doméstica contra a criança é...

Respostas	Escolas					
	Escola Particular		Escola Pública		Total	
	F	%	F	%	F	%
Definição v/d	4	33,3%	5	41,7%	9	37,5%
Juízo de Valor	8	66,7%	7	58,3%	15	62,5%
Total	12	100%	12	100%	24	100%

Os dados mostram que a maioria dos professores de Escolas Particulares e Públicas tende a responder emitindo juízo de valor, mas há uma diferença entre os dois grupos no que se refere a propor uma definição, que é mais freqüente entre os professores de Escolas Públicas.

Pergunta 7- O que é violência física contra a criança.

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelos professores das Escolas Públicas e Privadas, das quatro primeiras séries do Ensino Fundamental, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização, que ficou composto por cinco categorias.

1- *Definição do que é violência física contra a criança.* Esta categoria diz respeito a definição do que entendem por violência física contra a criança. Ex: “É quando pai ou mãe bate muito na criança, espanca”.

2- *Juízo de valor.* As respostas desta categoria atribuem a situação de violência física contra a criança a um valor negativo. Ex: “Inconcebível”.

3- *Qualificação da violência como forma de educar que extrapola.* Categoria de respostas em que os professores focalizaram a maneira de educar a criança utilizando punição física, mas de forma extremada. Ex: “Levar um tapa, apanhar porque fez alguma arte ainda vai, o duro é quando a pessoa bate demais, espanca a criança, aí ela extrapola”.

4- *Medidas a serem tomadas.* Nesta categoria estão as respostas dos professores em que eles vão além do que foi perguntado, dizendo o que deveria ser feito seja para evitar ou resolver a situação. Ex: “Deveria tirar a criança destes pais, e haver um trabalho com os pais e ajudar esta criança que sofre com a violência”.

5- *Não responde.* Esta categoria traz respostas que não correspondem diretamente ao que foi perguntado. Ex: “Não tenho nem palavras”.

As respostas dos professores estão na Tabela 10.

Tabela 10- Frequência e porcentagem de cada categoria de resposta dos professores de escolas particulares e públicas à questão: violência física contra a criança é...

Respostas	Escolas					
	Escola Particular		Escola Pública		Total	
	F	%	F	%	F	%
Definição v/f	1	8,3%	4	33,3%	5	20,8%
Juízo de Valor	4	33,3%	5	41,7%	8	33,3%
Forma de educar, mas que extrapola	2	16,7%	2	16,7%	4	16,7%
Medidas a serem tomadas	4	33,3%	1	8,3%	4	16,7%
Não responde	1	8,3%	0	0	3	12,5%
Total	12	100%	12	100%	24	100%

As repostas dos professores das Escolas Particulares estão mais divididas entre as categorias quando comparadas aos entrevistados das Escolas Públicas.

Os professores das Escolas Particulares concentram o mesmo número de respostas em duas categorias: juízo de valor e medidas a serem tomadas com relação à violência

física. Já as categorias mais freqüentes apresentadas pelos de Escolas Públicas é emitir um juízo de valor e em seguida qualificam a violência como forma de educar que extrapola.

Os dois professores de Escolas Particulares e os dois de Escolas Públicas que disseram que a violência física é uma forma de educar que extrapola, acreditam que bater às vezes na criança é necessário, porém é importante que o “tapa” (nas próprias palavras dos entrevistados) não ultrapasse os limites tornando-se uma agressão exagerada por parte dos pais.

Três professores das Escolas Particulares que acreditam em medidas a serem tomadas com relação a este problema falam em prevenção, eles pensam que conversar com os pais, enfatizando que o diálogo é uma das melhores formas usadas para educar o filho é uma boa maneira de prevenir a violência física contra a criança. Já um professor da Escola Particular e um da Pública disseram que trabalhar com a criança (vítima) e com os pais agressores depois que a violência física já foi cometida é um dos meios de evitar possíveis repetições da agressão e também amenizar as conseqüências que tal ato traz para toda a família e principalmente para a criança.

Pergunta 8- O que é violência psicológica contra a criança.

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelos professores das Escolas Públicas e Privadas, das quatro primeiras séries do Ensino Fundamental, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização, que ficou composto por quatro categorias.

1- Definição do que é violência psicológica contra a criança. Esta categoria diz respeito à definição do que entendem por violência psicológica contra a criança. Ex: “Você não respeitar a criança, inibir a criança, chantagear esta criança, violência das palavras”.

2- Juízo de Valor. As respostas desta categoria atribuem a situação de violência psicológica contra a criança a um valor negativo.Ex: “É covardia”.

3- Conseqüências que a violência psicológica traz para a criança. Esta categoria agrupa as respostas que trazem as possíveis conseqüências que a violência psicológica pode causar na criança futuramente. Ex: “A criança nunca mais vai se esquecer daquilo, é uma marca para o resto da vida”.

4- Não sabe. Esta categoria traz o desconhecimento sobre o assunto. Ex: Não sei.

As respostas dos pais encontram-se na Tabela 11.

Tabela 11- Frequência e porcentagem de cada categoria de resposta dos professores de escolas particulares e públicas à questão: violência psicológica contra a criança é...

Respostas	Escolas					
	Escola Particular		Escola Pública		Total	
	F	%	F	%	F	%
Definição v/p	3	25%	5	41,7%	8	33,3%
Juízo de valor	5	41,7%	2	16,7%	7	29,2%
Conseq// p/ a criança	3	25%	3	25%	6	25%
Não sabe	1	8,3%	2	16,7%	3	12,5%
Total	12	100%	12	100%	24	100%

Os entrevistados das Escolas Particulares, em seu maior número, quando perguntados sobre a violência psicológica contra a criança, respondeu emitindo juízo de valor, já os das Públicas definiram corretamente o que é violência psicológica contra a criança. Em seguida, em um mesmo número, os dois grupos discorreram sobre as possíveis conseqüências para a criança.

Os seis professores dos dois grupos que responderam sobre as conseqüências da violência psicológica concordam que este tipo de agressão traz danos irreparáveis para o resto da vida da pessoa.

Pergunta 9- O que é violência sexual contra a criança.

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelos professores das Escolas Públicas e Privadas, das quatro primeiras séries do Ensino Fundamental, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização, que ficou composto por sete categorias.

1- *Definição do que é violência sexual contra a criança.* Esta categoria diz respeito a uma definição do que entendem por violência sexual contra a criança. Ex: “É abusar sexualmente de uma criança....e quando esta agressão é praticada por alguém próximo a ela, da família”.

2- *Juízo de Valor.* As respostas desta categoria atribuem a situação de violência sexual contra a criança a um valor negativo. Ex: “Um horror”.

3- *Medidas a serem tomadas.* Nesta categoria estão as respostas dos professores em que eles vão além do que foi perguntado, dizendo o que deveria ser feito seja para evitar ou resolver a situação.Ex: “Tinha que separar o agressor da criança, é o mínimo a se fazer”.

4- *Conseqüência para a criança.* Esta categoria expressa as possíveis conseqüências que a violência sexual pode causar na criança. Ex: “A criança vai carregar isto para o resto da vida, é muito difícil esquecer”.

5- *Avaliação negativa dos pais que fazem uso de violência sexual contra a criança.* Categoria que agrupou as respostas em que havia, como ponto central um julgamento negativo dos adultos que praticam a violência sexual contra a criança. Ex: “Tinha que enforcar quem faz isto!”.

6- *Exemplo.* Categoria que agrupou as respostas em que os pais definiram através de exemplos de situações observadas e/ou vivenciadas a violência sexual contra a criança. Ex: “Eu já vi em outras escolas, crianças estupradas pelo padrasto, por parentes”.

7- *Não responde.* Esta categoria traz respostas que não correspondem diretamente ao que foi perguntado. Ex: “Não quero comentar, me recuso a falar disto”.

As respostas dos professores encontram-se na Tabela 12.

Tabela 12- Frequência e porcentagem de cada categoria de resposta dos professores de escolas particulares e públicas à questão: violência sexual contra a criança é...

Respostas	Escolas					
	Escola Particular		Escola Pública		Total	
	F	%	F	%	F	%
Definição v/s	1	8,3%	2	16,7%	3	12,5%
Juízo de Valor	5	41,7%	5	41,7%	10	41,7%
Medidas a serem tomadas	3	25%	0	0	3	12,5%
Conseq// p/ a criança	1	8,3%	1	8,3%	2	8,3%
Julgamento do agressor	2	16,7%	0	0	2	8,3%
Exemplo	0	0	2	16,7%	2	8,3%
Não responde	0	0	2	16,7%	2	8,3%
Total	12	100%	12	100%	24	100%

Os professores das Escolas Particulares e Públicas apresentaram várias respostas a esta questão.

Os entrevistados das escolas Particulares e Públicas, em seu maior número, deram adjetivos negativos frente a violência sexual contra a criança. Nota-se que a segunda maior porcentagem das respostas dadas pelos professores de Escolas Particulares refere-se as medidas tomadas quando o problema da violência sexual ocorre, o que não acontece em nenhum relato dos entrevistados vindos das Públicas.

Dois professores das Escolas Particulares relataram que os pais que abusam sexualmente dos filhos têm que ser severamente punidos e o outro especifica esta punição, dizendo que o agressor tem que ser separado da criança.

Os exemplos citados pelos dois professores das Escolas Públicas são de alunos de outras escolas nas quais estes entrevistados também lecionavam. O menino abusado pelo tio contou para a professora o que estava acontecendo e esta pode ajudá-lo, acionando a direção e chamando os pais para uma conversa, já no segundo caso, a própria filha denunciou o pai aos órgãos competentes.

Os professores que responderam sobre as conseqüências da violência sexual, concordam que este tipo de agressão traz danos irreparáveis para o resto da vida da vítima.

Os dois professores das Escolas Particulares que julgaram a pessoa que pratica a violência sexual contra a criança, caracterizaram o agressor de perturbado e sem condições de qualquer diálogo.

Pergunta 10- O que é negligência contra a criança.

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelos professores das Escolas Públicas e Privadas, das quatro primeiras séries do Ensino Fundamental, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização, que ficou composto por quatro categorias.

1- Definição do termo. Esta categoria diz respeito à definição do que entendem por negligência contra a criança. Ex: “Quando os responsáveis pela criança deixam passar o tempo sem tomar conhecimento de nada, a criança fica sem nenhuma cobertura, não se dá atenção nenhuma a ela”.

2- Juízo de Valores. As respostas desta categoria atribuem a situação de negligência contra a criança a um valor negativo. Ex: “Inconcebível”.

3- Exemplos. Categoria que agrupou as respostas em que os professores definiram através de exemplos de situações observadas e/ou vivenciadas de negligência contra a criança. Ex: “Nós temos um caso aqui na escola que é gritante. Uma mãe que tem nove filhos e eles ficam perambulando pela rua, a assistente social passa, leva as crianças para o CACAV, os nove estudam aqui”.

4- Não Sabe. Esta categoria traz o desconhecimento sobre o assunto. Ex: Não sei.

Os dados obtidos a partir dessa questão encontram-se na Tabela 13.

Tabela 13- Frequência e porcentagem de cada categoria de resposta dos professores de escolas particulares e públicas à questão: negligência contra a criança é...

Respostas	Escolas					
	Escola Particular		Escola Pública		Total	
	F	%	F	%	F	%
Definição do termo	7	58,3%	5	41,7%	12	50%
Juízo de valor	3	25%	2	16,7%	5	20,8%
Exemplo	0	0	2	16,7%	2	8,3%
Não Sabe	2	16,7%	3	25%	5	20,8%
Total	12	100%	12	100%	24	100%

Os professores de Escolas Particulares e Públicas, em seu maior número, definiram corretamente o que é negligência contra a criança. Em seguida os de Escolas Particulares emitiram juízo de valor, enquanto os da Pública não souberam responder à questão.

Os dois casos citados pelos professores das escolas públicas são de pais que não cuidam adequadamente de seus filhos e a escola denunciou os responsáveis aos órgãos competentes e estes estão tomando as medidas necessárias.

Pergunta 11- Se os professores já detectaram algum tipo destas violências contra seus alunos.

Os professores da Escola Pública e Privada, das quatro primeiras séries do Ensino Fundamental, responderam se detectam ou não violência doméstica contra seus alunos.

1- Positiva. Esta categoria expressa que a violência doméstica contra os alunos é detectada pelos professores, definindo qual o tipo percebido nas escolas. Ex. Sim, falta de atenção, de carinho, de amor, de respeito, pais vivos, mas presenças mortas

2- Negativa. Esta categoria expressa a não detecção da violência doméstica por parte dos professores contra seus alunos. Ex. Não

Os dados encontram-se na Tabela 14.

Tabela 14- Frequência e porcentagem de cada categoria de resposta dos professores de escolas particulares e públicas à questão: eu já detectei algum tipo destas violências contra meus alunos...

Respostas	Escolas					
	Escola Particular		Escola Pública		Total	
	F	%	F	%	F	%
Positiva	8	66,7%	9	75%	17	70,8%
Negativa	4	33,3%	3	25%	7	29,2%
Total	12	100%	12	100%	24	100%

Os dados mostram que a maioria de professores das Escolas Particular e Pública diz ter detectado a violência doméstica contra seus alunos. Os tipos de violência doméstica contra a criança detectados pelos entrevistados encontram-se na Tabela 14-1.

Tabela 14-1: Tipos de violência doméstica contra a criança detectados pelos professores de escolas particulares e públicas.

Tipos de violência detectados pelos professores		
	Escola Particular	Escola Pública
Violência Física	2	6
Violência Psicológica	3	3
Violência Sexual	0	2
Negligência	4	6
Total	9	17

O tipo de violência que mais aparece nas Escolas Particulares é a negligência, seguida da psicológica e por último a física, não há nenhum caso de violência sexual citado pelos professores. Já nas Públicas, a maioria dos entrevistados diz detectar a violência física e negligência, seguida da psicológica e por último a sexual.

Pergunta 12- O que leva os professores a afirmarem isto.

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelos professores da Escolas Públicas e Privadas, das quatro primeiras séries do Ensino Fundamental, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização, que ficou composto por duas categorias.

1- *Comportamento*. Esta categoria expressa o comportamento do aluno como item fundamental para a detecção ou não por parte dos professores da violência doméstica contra eles. Ex. “O comportamento, como ela conversa, como ela te responde, você percebe que ela sofre”.

2- *Convivência com a criança*. Esta categoria expressa a convivência com os alunos como a principal forma de se detectar ou não a violência doméstica contra eles. Ex. “A conversa, o relacionamento com ele”.

Os dados obtidos encontram-se na Tabela 15.

Tabela 15- Frequência e porcentagem de cada categoria de resposta dos professores de escolas particulares e públicas à questão: o que me leva a afirmar isto é...

Respostas	Escolas					
	Escola Particular		Escola Pública		Total	
	F	%	F	%	F	%
Comportamento	7	58,3%	10	83,3%	17	70,8%
Convivência	5	41,7%	2	16,7%	7	29,2%
Total	12	100%	12	100%	24	100%

O comportamento das crianças e a convivência com elas são os dois fatores citados por professores de Escolas Particulares como os que lhes passam informações sobre a existência de violência doméstica com elas em casa; já os professores de Escolas Públicas concentram-se mais no fator comportamento, ou seja, mais do que qualquer tipo de marca física é a maneira da criança agir que faz suspeitar de que existam maus-tratos.

Pergunta 13- Qual a reação que os professores dizem ter frente a uma situação de violência contra os seus alunos.

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelos professores das Escolas Públicas e Privadas, das quatro primeiras séries do Ensino Fundamental, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização, que ficou composto por cinco categorias.

- 1- *Intervenção junto aos alunos*
- 2- *Encaminhar para a direção da escola.*
- 3- *Avisar os pais dos alunos envolvidos.*
- 4- *Acionar o Conselho Tutelar*
- 5- *Não fazer nada*

Os resultados da distribuição das opções usadas pelos entrevistados frente a este problema acham-se na Tabela 16¹⁰.

Tabela 16- Frequência e porcentagem de cada categoria de resposta dos professores de escolas particulares e públicas à questão: diante de uma situação de violência contra meus alunos eu...

Respostas	Escolas					
	Escola Particular		Escola Pública		Total	
	F	%	F	%	F	%
Conversar com a Criança	5	23,8%	4	19%	10	23,8%
Conversar com a Direção	9	42,8%	6	28,6%	14	33,3%
Conversar com os Pais	6	28,6%	7	33,3%	12	28,6%
Acionar Conselho Tutelar	1	4,8%	3	14,3%	5	11,9%
Não faz nada	0	0	1	4,8%	1	2,4%
Total	21	100%	21	100%	42	100%

¹⁰ Seis professores de Escola Pública e cinco da Privada deram mais de uma resposta a esta questão, ou seja, eles tomam mais de uma atitude quando detectam a violência doméstica contra os alunos. Face a este fato, os cálculos de porcentagem foram efetivados de acordo com o total de respostas e não de participantes.

De acordo com os resultados, a grande maioria dos entrevistados toma uma medida quando há algum vestígio de violência doméstica contra seus alunos, independentemente de serem professores de Escola Particular ou Pública; apenas um diz que não faz nada nesta situação (escola pública), porque este é um problema familiar.

Em várias respostas dos professores de Escolas Particulares e Públicas há o medo de conversar com os pais das crianças devido às ameaças que recebem.

Pergunta 14- Se os professores percebem algum tipo de violência na escola.

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelos professores das Escolas Públicas e Privadas, das quatro primeiras séries do Ensino Fundamental, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização, que ficou composto por duas categorias.

1- *Entre os alunos*. Ex: “Entre as crianças”

2- *Entre professor e aluno*. Ex: “Quando há bate boca entre professor e aluno”.

As categorias estão representadas na Tabela 17.

Tabela 17- Frequência e porcentagem de cada categoria de resposta dos professores de escolas particulares e públicas à questão: eu percebo algum tipo de violência na escola quando...

Respostas	Escolas					
	Escola Particular		Escola Pública		Total	
	F	%	F	%	F	%
Entre os alunos	10	83,3%	10	83,3%	20	83,3%
Entre professor- aluno	2	16,7%	2	16,7%	4	16,7%
Total	12	100%	12	100%	24	100%

Os dados evidenciam que na mesma proporção, os professores de Escolas Particulares e Públicas percebem violência no recinto escolar entre os próprios alunos e, numa pequena porcentagem, há também detecção de violência professor-aluno.

A forma de violência na escola mais citada pelos professores de escolas particulares e públicas são as brigas (agressões físicas) entre os alunos.

Pergunta 15- Qual a reação que os professores dizem ter frente a uma situação de violência na escola.

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelos professores das Escolas Públicas e Privadas, das quatro primeiras séries do Ensino Fundamental, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização, que ficou composto por três categorias.

1- *Intervenção junto aos alunos*

2- Encaminhar para a direção da escola.

3- Avisar os pais dos alunos envolvidos.

Os resultados encontram-se na Tabela 18¹¹.

Tabela 18- Frequência e porcentagem de cada categoria de resposta dos professores de escolas particulares e públicas à questão: diante de uma situação de violência na escola eu...

Respostas	Escolas					
	Escola Particular		Escola Pública		Total	
	F	%	F	%	F	%
Intervenção – Aluno	11	57,9%	11	64,7%	23	59%
Encaminhar – Direção	6	31,6%	4	23,5%	10	25,6%
Avisar – Pais	2	10,5%	2	11,8%	5	12,8%
Total	19	100%	17	100%	39	100%

Novamente, a ação dos professores concentra-se em conversar com as crianças envolvidas e, se não adiantar, acionar a direção da escola e chamar os pais das crianças envolvidas na situação.

Os resultados das questões deste segundo bloco mostram que na maioria das vezes os professores descrevem os tipos de violência contra criança e também emitem juízo de valor. Um grande número dos entrevistados das Escolas Particulares e Públicas diz já ter detectado algum tipo de violência contra seus alunos; o comportamento e a convivência com a criança são as formas apontadas pela maioria dos professores que possibilitam a percepção da agressão contra ela. A violência na escola, entre os alunos, também é um item abordado pelos professores e um grande número deles procura intervir diante destas situações.

O Julgamento, pelos professores do Ideal em Educação.

Sete dimensões das práticas educativas foram investigadas (a base desta análise acha-se na tese de Livre Docência de Biasoli-Alves, 1995), buscando-se saber a maneira de os professores idealizarem: autoridade, carinho e afeição, liberdade, exigência, cuidados,

¹¹ Dos professores entrevistados sete das escolas particulares e quatro das públicas tomam mais de uma atitude frente à violência na escola. Face a este fato, os cálculos de porcentagem foram efetivados de acordo com o total de respostas e não de participantes.

punição e explicações, numa escala de 5 pontos, em que o 1 indicava ausência daquele atributo e o 5 sua presença levada ao extremo (2 pouca, 3 mais ou menos, 4 muita).

As tabelas de 19 a 25 mostram as respostas dos professores a respeito de cada dimensão, separados por escola (particular e pública).

Com relação à dimensão autoridade, os dados encontram-se na Tabela 19.

Tabela 19- Julgamento pelos professores de escolas particulares e públicas do ideal em Autoridade.

Autoridade	Escolas					
	Escola Particular		Escola Pública		Total	
	F	%	F	%	F	%
1 – Ausência	0	0	0	0	0	0
2 – Pouca	1	8,3%	0	0	1	4,2%
3 – Meio Termo	7	58,3%	7	58,3%	14	58,3%
4 – Muita	4	33,3%	4	33,3%	8	33,3%
5 – Absoluta/Total	0	0	1	8,3%	1	4,2%
Total	12	100%	12	100%	24	100%

Pelo que se pode observar nos dados da Tabela 19, a maioria dos professores julga o ideal de autoridade no meio termo, sendo exatamente iguais, nesse caso, as porcentagens para os de Escolas Públicas e Privadas. Há deslocamentos quer na direção de pouca autoridade como na de muita e total.

Os resultados referentes ao ideal em afeição e carinho encontram-se na Tabela 20.

Tabela 20- Julgamento pelos professores de escolas particulares e públicas do ideal em Afeição e carinho.

Afeição e Carinho	Escolas					
	Escola Particular		Escola Pública		Total	
	F	%	F	%	F	%
1 – Ausência	0	0	0	0	0	0
2 – Pouca	1	8,3%	0	0	1	4,2%
3 – Meio Termo	1	8,3%	3	25%	4	16,7%
4 – Muita	6	50%	7	58,3%	13	54,2%
5 – Extrema	4	33,3%	2	16,7%	6	25%
Total	12	100%	12	100%	24	100%

Importante assinalar que quando se trata de Afeição, observa-se um deslocamento dos julgamentos para o ideal no ponto quatro. E, mesmo no extremo de afeição, há uma porcentagem grande de respostas.

Com relação à dimensão liberdade, os resultados encontram-se na Tabela 21.

Tabela 21- Julgamento pelos professores de escolas particulares e públicas do ideal em Liberdade

Liberdade	Escolas					
	Escola Particular		Escola Pública		Total	
	F	%	F	%	F	%
1 – Ausência	0	0	0	0	0	0
2 – Pouca	1	8,3%	0	0	1	4,2%
3 – Meio Termo	3	25%	2	16,7%	5	20,8%
4 – Muita	8	66,7%	9	75%	17	70,8%
5 – Total	0	0	1	8,3%	1	4,2%
Total	12	100%	12	100%	24	100%

Também a Liberdade vai trazer uma avaliação do ideal tendendo mais para o extremo que implica em colocar poucas restrições à criança. E, há variações do grupo de professores das Escolas Públicas e Particulares.

Os dados relacionados ao ideal em exigência encontram-se na Tabela 22.

Tabela 22- Julgamento pelos professores de escolas particulares e públicas do ideal em Exigência

Exigência	Escolas					
	Escola Particular		Escola Pública		Total	
	F	%	F	%	F	%
1 – Ausência	0	0	0	0	0	0
2 – Pouca	0	0	0	0	0	0
3 – Meio Termo	3	25%	5	41,7%	8	33,3%
4 – Muita	9	75%	5	41,7%	14	58,3%
5 – Extrema	0	0	2	16,7%	2	8,3%
Total	12	100%	12	100%	24	100%

Nota-se nos resultados da Tabela 22, que a maioria dos professores das Escolas Particulares crê que para uma educação ideal da criança é preciso ter muita exigência, ou que ela seja num nível médio. Já para os entrevistados das Escolas Públicas, na mesma porcentagem, o ideal seria cobrar da criança muita exigência e também de uma forma moderada.

No que se refere ao ideal em cuidados, os resultados estão na Tabela 23.

Tabela 23- Julgamento pelos professores de escolas particulares e públicas do ideal em Cuidados

Cuidados	Escolas					
	Escola Particular		Escola Pública		Total	
	F	%	F	%	F	%
1 – Ausência	0	0	0	0	0	0
2 – poucos	0	0	0	0	0	0
3 – Meio Termo	5	41,7%	3	25%	8	33,3%
4 – Muitos	6	50%	7	58,3%	13	54,2%
5 – Extremos	1	8,3%	2	16,7%	3	12,5%
Total	12	100%	12	100%	24	100%

Quando o item abordado é cuidado, os professores tendem a julgar que o ideal é que a criança seja muito cuidada ou num nível médio, com alguma porcentagem que assinala o extremo; contudo, como seria o esperado, ninguém diz que a criança não necessita de cuidados.

Os dados referentes ao ideal em punição encontram-se na Tabela 24.

Tabela 24- Julgamento pelos professores de escolas particulares e públicas do ideal em Punição

Punição	Escolas					
	Escola Particular		Escola Pública		Total	
	F	%	F	%	F	%
1 – Ausência	0	0	0	0	0	0
2 – Pouca	1	8,3%	0	0	1	4,2%
3 – Meio Termo	8	66,7%	8	66,7%	16	66,7%
4 – Muita	2	16,7%	3	25%	5	20,8%
5 – Sempre	1	8,3%	1	8,3%	2	8,3%
Total	12	100%	12	100%	24	100%

Os dados mostram que punir é uma ação aceita pela grande maioria dos professores, uma vez que ninguém assinala que o ideal é a ausência de punição; por outro lado, eles parecem buscar um ponto intermediário, concentrando-se nele.

Com relação à dimensão explicações, os dados estão representados na Tabela 25.

Tabela 25- Julgamento pelos professores de escolas particulares e públicas do ideal em Explicações

Explicações	Escolas					
	Escola Particular		Escola Pública		Total	
	F	%	F	%	F	%
1 – Ausência	0	0	0	0	0	0
2 – Poucas	0	0	0	0	0	0
3 – Meio Termo	1	8,3%	3	25%	4	16,7%
4 – Muitas	8	66,7%	8	66,7%	16	66,7%
5 – Excessivas	3	25%	1	8,3%	4	16,7%
Total	12	100%	12	100%	24	100%

Os resultados da Tabela 25 indicam que o ideal é uma educação em que haja um nível alto de comunicação adulto x criança e em que o certo e o errado são explicados, com frequência para ela.

Os resultados apresentados nas Tabelas de 19 a 25 mostram que na opinião da maioria dos professores, um sistema ideal de educação para com a criança é aquele em que

a autoridade e a punição são moderadas. Com relação às outras dimensões os entrevistados, em sua maioria, consideram a necessidade de muita afeição e carinho, liberdade, exigência, cuidados e explicações para com a criança. Nota-se assim, um cuidado especial por parte dos professores quando o assunto é educação de criança.

PAIS

Terminada a análise dos dados obtidos nas entrevistas com os professores, deu-se início às entrevistas com os pais.

O primeiro bloco de questões analisado pelo sistema quantitativo-interpretativo relaciona-se às ações dos pais frente ao bom e ao mau comportamento das crianças e o segundo à violência doméstica contra elas.

Pergunta 1- O que os pais fazem quando o filho desobedece?

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelos pais das Escolas Públicas e Privadas, das quatro primeiras séries do Ensino Fundamental, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização, que ficou composto por quatro categorias.

1- *Conversar/Explicar*. Ex: “Eu converso muito com ele”

2- *Castigar*. Ex: “Castigo, tiro alguma coisa que eles gostam por um período de tempo, não muito longo”.

3- *Gritar*. Ex: “Eu sou meio gritante, tento consertar as coisas no grito...”

4- *Bater*. Ex: “Eu chego até a bater, eu bato, principalmente quando eles desobedecem, eu tacho um tapa na bunda dos dois...”.

Os pais com filhos em Escolas Públicas e Particulares deram mais de uma resposta a esta questão¹²; os dados obtidos encontram-se na Tabela 26.

¹² 12 pais de alunos das Escolas Particulares e seis das Públicas disseram usar dois métodos para conter a desobediência do filho. Quatro das Particulares e um da Pública disseram conversar com a criança e se isto não resolve eles batem; seis das Particulares e dois das Públicas conversam e depois castigam; dois das Particulares e três das Públicas disseram que em um primeiro momento colocam o filho de castigo e se não adiantar eles batem. Face a este fato, os cálculos de porcentagem foram efetivados de acordo com o total de respostas e não de participantes.

Tabela 26- Frequência e porcentagem de cada categoria de resposta dos pais de escolas particulares e públicas à questão: o que você faz quando seu filho te desobedece.

Respostas	Escolas					
	Escola Particular		Escola Pública		Total	
	F	%	F	%	F	%
Conversar/Explicar	16	44,4%	12	40%	28	42,4%
Castigar	10	27,8%	12	40%	22	33,3%
Gritar	3	8,3%	1	3,3%	4	6,1%
Bater	7	19,4%	5	16,7%	12	18,2%
Total	36	100%	30	100%	66	100%

Dos entrevistados, 44,4% dos pais de crianças das escolas particulares e 40% das públicas responderam que conversar e dar explicações à criança é a melhor maneira de conter a sua desobediência; observa-se uma ligeira predominância deste tipo de resposta entre os pais das Escolas Particulares, mas a média, de 42,4%, é relativamente elevada, sobretudo se se considerar que o comportamento inadequado já ocorreu.

Na mesma porcentagem que conversar com a criança, os pais das Escolas Públicas castigam quando esta se comporta mal, ou seja, tirar o que os filhos gostam de fazer é um modo de puni-los, e há uma diferença razoável entre os dois grupos, ficando a predominância com os de Escola Pública.

Bater aparece como o terceiro método usado pelos pais dos dois grupos no intuito de conter a desobediência da criança.

Pergunta 2- O que os pais sentem quando punem os filhos

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelos pais das Escolas Públicas e Privadas, das quatro primeiras séries do Ensino Fundamental, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização, que ficou composto por duas categorias.

1 -*Nenhum sentimento*. Esta categoria expressa o não se sentir culpado, ou mal ou não sentir nada quando os pais punem os filhos. Ex: “Não fico mal, não sinto dor, porque cada vez que eu corrijo eu faço de uma maneira consciente, pensando no futuro deles, nas pessoas que eles vão ser, na sociedade que eles vão viver.”

2- *Sentimento negativo*. Esta categoria traz respostas que expressam sentimentos negativos. Ex: “Me sinto muito mal quando puno meu filho”.

As categorias de respostas encontram-se na Tabela 27.

Tabela 27- Frequência e porcentagem de cada categoria de resposta dos pais de escolas particulares e públicas à questão: o que você sente quando pune seus filhos.

Respostas	Escolas					
	Escola Particular		Escola Pública		Total	
	F	%	F	%	F	%
Nenhum sentimento	5	20,8%	6	25%	11	22,9%
Sentimento Negativo	19	79,2%	18	75%	37	77,1%
Total	24	100%	24	100%	48	100%

Num total de 20,8% de pais de crianças de Escolas Particulares e 25% das Públicas dizem não sentir nada quando punem os filhos; falam que é necessário corrigi-los e que não ficam mal ao chamar a atenção da criança. Mas, 79,2% dos pais de alunos de Escolas Particulares e 75% das Públicas dizem sentir-se mal quando punem seus filhos; é evidente uma semelhança muito grande entre os dois grupos, contudo o que chama a atenção é o fato de que, mesmo não apreciando, os pais continuam a fazer uso de punição.

Pergunta 3- O que os pais fazem quando o filho obedece?

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelos pais das Escolas Públicas e Privadas, das quatro primeiras séries do Ensino Fundamental, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização, que ficou composto por quatro categorias.

1- *Elogiar*. Ex: “Eu elogio sempre eles”.

2- *Premiar*. Ex: “Se ela foi bem na escola a semana inteira, ela recebe uma mesada no final de semana”.

3- *Mostrar sentimentos positivos*. Ex: “Fico alegre”.

4- *Não fazer nada*. Ex: “Eu não faço nada, não sou de agradecer”.

As categorias de repostas encontram-se na Tabela 28.

Tabela 28- Frequência e porcentagem de cada categoria de resposta dos pais de escolas particulares e públicas à questão: o que você faz quando seu filho te obedece.

Respostas	Escolas					
	Escola Particular		Escola Pública		Total	
	F	%	F	%	F	%
Elogiar	15	62,5%	8	33,3%	23	47,9%
Premiar	0	0	5	20,8%	5	10,4%
Mostrar sentimentos +	4	16,7%	10	41,7%	14	29,2%
Não fazer nada	5	20,8%	1	4,2%	6	12,5%
Total	24	100%	24	100%	48	100%

Os dados mostram que, com alguma diferença quanto ao tipo, os pais de crianças tanto das Escolas Públicas quanto Particulares, tendem a reagir positivamente ao comportamento adequado do filho (95,8% x 79,2%). Portanto, observa-se que existe uma sinalização para a criança de que ela agiu de forma correta.

Nota-se que os pais de Escolas Públicas tendem a premiar os filhos pelo bom comportamento, isto não acontece com os entrevistados das Particulares, que não deram isto tipo de resposta.

Há um número maior de respostas dos pais das Escolas Particulares que não fazem nada quando o filho se comporta bem quando comparados aos entrevistados das Públicas.

Os dados obtidos neste primeiro bloco de questões com os pais dos alunos de Escolas Particulares e Públicas mostram que um grande número deles procura conversar com o filho frente a uma desobediência e que eles se sentem mal quando punem as crianças. A maioria dos pais dos alunos dos dois grupos faz alguma coisa no sentido de agradar a criança quando esta se comporta bem.

O segundo bloco de questões analisado pelo sistema quantitativo-interpretativo diz respeito à violência contra a criança.

Pergunta 4- O que é violência doméstica contra a criança

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelos pais das Escolas Públicas e Privadas, das quatro primeiras séries do Ensino Fundamental, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização, que ficou composto por seis categorias.

1- Proposta de definição de violência doméstica. Foram agrupadas nessa categoria as respostas que trouxeram uma conceituação de violência doméstica e que se aproximaram de uma caracterização adequada, além de darem exemplos de algum tipo. Ex: “Tem violência de várias maneiras, com palavras, xingar a criança, bater, espancar, não cuidar da criança, deixar a criança a Deus dará”.

2- Emissão juízo de valor. Foram agrupadas nessa categoria as respostas em que os pais limitaram-se a qualificar, e de forma negativa, a violência doméstica. Ex: “Terrível, uma coisa absurda, uma covardia absurda”.

3- *Emissão de exemplos.* Nessa categoria agruparam-se as respostas em que os pais definiram através de exemplos de situações observadas e/ou vivenciadas. Ex: “Ontem aconteceu uma coisa que eu fui violenta com o meu filho... ele derrubou leite no chão e quebrou o copo, eu comecei a gritar feito louca: ‘ Assim não dá, eu estou de saco cheio de você!’ ... Magoei muito meu filho com as minhas palavras e meus gritos...”

4- *Qualificação da violência como forma de educar que extrapola.* Nessa categoria couberam as respostas em que os pais focalizaram a maneira de educar a criança utilizando punição física, de forma extremada. Ex: “Aquele pai que bate para corrigir; e acaba perdendo o controle da situação, chutando, puxando a orelha, espancando o filho”.

5- *Avaliação negativa dos pais que fazem uso de violência doméstica contra a criança.* Essa categoria agrupou as respostas em que o ponto central é um julgamento negativo dos adultos que praticam a violência contra a criança. Ex: “O pai que faz isto é muito cruel, é um monstro!”

6- *Não sabe.* Categoria referente às respostas de afirmação dos pais de que não sabem o que é violência doméstica. Ex: “Não sei”.

As categorias de respostas encontram-se na Tabela 29.

Tabela 29- Frequência e porcentagem de cada categoria de respostas dos pais de escolas particulares e públicas à questão: o que é violência doméstica contra a criança.

Categorias	Escolas					
	Escola Particular		Escola Pública		Total Geral	
	F	%	F	%	F	%
Definição dos tipos	10	41,7%	7	29,2%	17	35,4%
Juízo de valor	4	16,7%	10	41,7%	14	29,2%
Exemplificação	4	16,7%	0	0	4	8,3%
Forma de educar	2	8,3%	4	16,7%	6	12,5%
Julgm// - país	4	16,7%	1	4,2%	5	10,4%
Não sabe	0	0	2	8,3%	2	4,2%
Total de respostas	24	100%	24	100%	63	100%

Os dados mostram primeiramente que existe uma divisão de respostas nas várias categorias e que há diferenças claras entre os dois grupos na forma de conceituar a violência doméstica.

Verificou-se que os pais das Escolas Particulares, em seu maior número, propõem uma definição correta do que vem a ser a violência doméstica contra a criança, enquanto que os das Públicas respondem emitindo um juízo de valor, expressando seus sentimentos

de repulsa com relação ao problema da violência doméstica e também há aqueles que não souberam responder a pergunta o que não acontece com os participantes das Particulares.

Há certo número de pais de Escolas Particulares que faz uso de exemplos para expor a sua visão do que vem a ser a violência doméstica. Uma mãe disse bater no filho em um momento de estresse, as outras três contaram casos de violência psicológica praticada pelo marido, pela irmã e pela amiga contra os filhos respectivamente.

Os entrevistados das Escolas Públicas acentuam a idéia de que se trata de uma forma de educar em que a punição física é excessiva; e enquanto estes dizem que às vezes é necessário punir fisicamente para disciplinar a criança, os pais das Escolas Particulares em nenhum momento afirmam isto; e, complementando é maior o número destes que fazem um julgamento negativo dos pais que usam de violência para educar.

Pergunta 5- Que tipos de violência contra criança os pais dizem conhecer?

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelos pais das Escolas Públicas e Privadas, das quatro primeiras séries do Ensino Fundamental, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização, que ficou composto por quatro categorias.

1- *Violência Física*. Identificada como bater de machucar, espancar, deixar marcas na criança. Ex: “Violência física, bater demais na criança, espancar, machucar”.

2- *Violência Psicológica*. Definida por marcas internas, que ficam para sempre, e que acontecem através da palavra, incluindo xingar, gritar, ameaçar. Ex: “Xingar, ameaçar a criança, colocar a auto-estima dela lá embaixo”.

3- *Violência Sexual*. Que seria o estupro, o abuso sexual. Ex: “Estuprar, violentar sexualmente uma criança... isto é a violência sexual”.

4- *Negligência*. Que implicaria em descaso, não cuidando desde a alimentação da criança, até de prevenir que seja vítima de abuso e de violência física. Ex: “É não atender as necessidades básicas da criança, não protegê-la das coisas ruins, como por exemplo, de ser abusada, espancada”.

As categorias de respostas encontram-se na Tabela 30¹³.

¹³ Dos 48 pais de alunos entrevistados das escolas particulares e públicas, seis das escolas particulares e 10 das públicas disseram conhecer um tipo de violência contra a criança, 12 das escolas

Tabela 30- Frequência e porcentagem de cada categoria de resposta dos pais de escolas particular e pública à questão: quais os tipos de violência contra a criança você conhece

Tipos de violência	Escolas					
	Escola Particular		Escola Pública		Total	
	F	%	F	%	F	%
Violência Física	21	43,8%	17	43,6%	38	43,7%
Violência Psicológica	15	31,2%	3	7,7%	18	20,7%
Violência Sexual	6	12,5%	17	43,6%	23	26,4%
Negligência	6	12,5%	2	5,1%	8	9,2%
Total	48	100%	39	100%	87	100%

Para os pais entrevistados das Escolas Particulares predomina a categoria da violência física, seguida da psicológica, enquanto que para os de Escolas Públicas as maiores porcentagens aparecem tanto para violência física quanto para a sexual.

Pergunta 6- O que é negligência?

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelos pais das Escolas Públicas e Privadas, das quatro primeiras séries do Ensino Fundamental, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização, que ficou composto por duas categorias.

1- Proposta da definição da negligência. Esta categoria diz respeito à definição do que entendem por negligência contra a criança. Ex: “É não ligar para a criança, não cuidar, não ligar se ela vai bem ou não, se ela precisa de escola, se ela está com fome, frio, se está sendo maltratada por alguém”.

2- Não sabe. Classe de resposta em que os pais dizem não saber do que se trata. Ex: “Não sei”.

As categorias de respostas encontram-se na Tabela 31.

Tabela 31- Frequência e porcentagem de cada categoria de resposta dos pais de escolas particulares e públicas à questão: o que é negligência

Respostas os pais	Escolas					
	Escola Particular		Escola Pública		Total	
	F	%	F	%	F	%
Definição	20	83,3%	8	33,3%	28	58,3%
Não Sabe	4	16,7%	16	66,7%	20	41,7%
Total	24	100%	24	100%	48	100%

particulares e 11 das públicas tem conhecimento de dois tipos e seis entrevistados das particulares e dois das públicas conhecem três tipos de violência, deste modo, o número de respostas foi totalizada em 48 para os de escola particular e 39 para os das públicas. Face a isto, os cálculos de porcentagem foram efetivados de acordo com o total de respostas e não de participantes.

Pelo que se pode observar, houve grande diferença nas respostas dadas pelos dois grupos de pais, sendo que a maioria dos entrevistados das Escolas Particulares define o que é a negligência, ao passo que os de Escolas Públicas não souberam responder a pergunta. Chama a atenção nestes dados, o grande número de participantes que desconhecem o que seja a negligência contra a criança.

Pergunta 7- Se os pais conhecem algum tipo de violência contra a criança.

Os pais das Escolas Públicas e Privadas, das quatro primeiras séries do Ensino Fundamental, responderam se conhecem ou não algum tipo de violência doméstica contra as crianças.

1- *Sim*

2- *Não*

Os resultados encontram-se na Tabela 32.

Tabela 32- Frequência e porcentagem dos pais de escolas particulares e públicas sobre o conhecimento de algum tipo de violência doméstica contra a criança.

	Escolas					
	Escola Particular		Escola Pública		Total	
	F	%	F	%	F	%
Sim	12	50%	10	41,7%	22	45,8%
Não	12	50%	14	58,3%	26	54,2%
Total	24	100%	24	100%	48	100%

Os pais de alunos de Escolas Particulares dividem suas respostas de forma equitativa entre o sim e o não (exatamente 50,0%), e os de Escolas Públicas há uma porcentagem ligeiramente maior dos que dizem não ter conhecimento de que isto tenha ocorrido.

Os pais de Escolas Particulares e Públicas que relataram exemplos de violência doméstica contra a criança apontaram a mãe como a pessoa que pratica a violência contra o filho. E a violência física foi o tipo mais citado de agressão de que tiveram conhecimento, para os entrevistados dos dois grupos.

Os resultados deste segundo bloco de questões mostram diferenças entre as respostas dos pais de Escolas Particulares e Públicas. Enquanto a maioria dos pais das Particulares define o que é violência doméstica contra a criança, os entrevistados das

Públicas dão adjetivos negativos a ela; com relação a negligência os entrevistados das Escolas Particulares tendem em seu maior número conceituar o termo, já os pais das Públicas, em sua maioria, desconhecem este tipo de violência. E metade dos pais das Escolas Particulares disse conhecer algum tipo de violência doméstica contra a criança no meio em vive, já para os da Pública este número cai para 41,7%.

O Julgamento do Ideal em Educação

Foi aplicada aos pais uma questão de cunho avaliativo sobre o modo ideal de educação da criança semelhante à aplicada aos professores (como já foi explicado na página 60).

As tabelas 33 a 39 mostram as respostas dos pais a respeito de cada dimensão, separados por Escola (Particular e Pública), que foram quantitativamente analisadas.

Os dados referentes a dimensão autoridade encontram-se na Tabela 33.

Tabela 33- Julgamento pelos pais de escolas particulares e públicas do ideal em Autoridade

Autoridade	Escolas					
	Escola Particular		Escola Pública		Total	
	F	%	F	%	F	%
1 – Ausência	0	0	0	0	0	0
2 – Pouca	1	4,2%	1	4,2%	2	4,2%
3 – Meio Termo	17	70,8%	15	62,5%	32	66,7%
4 – Muita	3	12,5%	7	29,2%	10	20,8%
5 – Absoluta/Total	3	12,5%	1	4,2%	4	8,3%
Total	24	100%	24	100%	48	100%

Pelo que se pode observar nos dados da Tabela 33, a maioria dos pais das Escolas Particulares e Públicas julga o ideal de autoridade no meio termo. Por outro lado, há deslocamentos quer na direção de pouca autoridade (mesmo número para pais de crianças de Escolas Particulares e Públicas) como na de absoluta e total (maior para os pais de alunos das Escolas Particulares).

As respostas dos pais sobre o ideal em afeição e carinho encontram-se na Tabela 34

Tabela 34- Julgamento pelos pais de escolas particulares e públicas do ideal em Afeição e Carinho

Escolas						
Afeição e Carinho	Escola Particular		Escola Pública		Total	
	F	%	F	%	F	%
1 – Ausência	0	0	0	0	0	0
2 – Pouca	0	0	0	0	0	0
3 – Meio Termo	4	16,7%	8	33,3%	12	25%
4 – Muita	12	50%	12	50%	24	50%
5 – Extrema	8	33,3%	4	16,7%	12	25%
Total	24	100%	24	100%	48	100%

Importante assinalar que quando se trata de Afeição, observa-se um deslocamento dos julgamentos para o ideal no ponto quatro para os pais de crianças de Escolas Particulares e Públicas. E, a afeição moderada e extrema têm o mesmo número de respostas, porém a afeição moderada aparece em oito respostas dos entrevistados das escolas públicas e quatro das privadas, já a afeição extrema vê-se o inverso.

Com relação ao ideal em liberdade, os dados dos pais dos alunos encontram-se na Tabela 35.

Tabela 35- Julgamento pelos pais de escolas particulares e públicas do ideal em Liberdade

Escolas						
Liberdade	Escola Particular		Escola Pública		Total	
	F	%	F	%	F	%
1 – Ausência	0	0	1	4,2%	1	2,1%
2 – Pouca	1	4,2%	4	16,7%	5	10,4%
3 – Meio Termo	20	83,3%	18	75%	38	79,2%
4 – Muita	3	12,5%	1	4,2%	4	8,3%
5 – Total	0	0	0	0	0	0
Total	24	100%	24	100%	48	100%

Na Tabela 35, observa-se que a Liberdade vai trazer uma avaliação do ideal tendendo no meio termo que implica em colocar restrições moderadas à criança. E, há variações do grupo de pais das escolas Públicas e Particulares.

Os resultados do ideal em exigência estão apresentados na Tabela 36.

Tabela 36- Julgamentos pelos pais de escolas particulares e públicas do ideal em Exigência

Escolas						
Exigência	Escola Particular		Escola Pública		Total	
	F	%	F	%	F	%
1 – Ausência	0	0	0	0	0	0
2 – Pouca	2	8,3%	3	12,5%	5	10,4%
3 – Meio Termo	13	54,2%	14	58,3%	27	56,2%
4 – Muita	7	29,2%	6	25%	13	27,1%
5 – Extrema	2	8,3%	1	4,2%	3	6,2%
Total	24	100%	24	100%	48	100%

Nota-se na Tabela 36, que a maioria dos pais de alunos das Escolas Particulares e Públicas crêem que para uma educação ideal da criança é preciso ter exigência num nível médio. Em seguida, os pais de alunos de ambas as escolas dizem que exigir muito da criança é o ideal.

Sobre o ideal em cuidados com a criança, as respostas dos pais encontram-se na Tabela 37.

Tabela 37 – Julgamento pelos pais de escolas particulares e públicas do ideal em Cuidados

Cuidados	Escolas					
	Escola Particular		Escola Pública		Total	
	F	%	F	%	F	%
1 – Ausência	0	0	0	0	0	0
2 – poucos	0	0	0	0	0	0
3 – Meio Termo	11	45,8%	2	8,3%	13	27,1%
4 – Muitos	9	37,5%	17	70,8%	26	54,2%
5 – Extremos	4	16,7%	5	20,8%	9	18,7%
Total	24	100%	24	100%	48	100%

Quando o item abordado é cuidado (Tabela 37), a maioria dos pais de crianças das Escolas Públicas tende a julgar que o ideal é que a criança seja muito cuidada; já os de Escolas Particulares dizem, em seu maior número, que as crianças precisam de cuidados moderados e há uma porcentagem considerável daqueles que pensam que tem que haver muitos cuidados direcionados à criança. Os pais dos dois grupos também assinalam o extremo; contudo, como seria o esperado, ninguém diz que a criança não necessita de cuidados.

Os dados referentes ao ideal em punição encontram-se na Tabela 38.

Tabela 38- Julgamento pelos pais de escolas particulares e públicas do ideal em Punição

Punição	Escolas					
	Escola Particular		Escola Pública		Total	
	F	%	F	%	F	%
1 – Ausência	0	0	1	4,2%	1	2,1%
2 – Pouca	3	12,5%	1	4,2%	4	8,3%
3 – Meio Termo	18	75%	22	91,7%	40	83,3%
4 – Muita	2	8,3%	0	0	2	4,2%
5 – Sempre	1	4,2%	0	0	1	2,1%
Total	24	100%	24	100%	48	100%

Os dados da Tabela 38 mostram que os entrevistados parecem buscar um ponto intermediário de punição, concentrando-se nele, punir é uma ação aceita pela grande maioria dos pais de alunos de Escolas Particulares e Públicas, porém há um número pequeno de pais que acredita na ausência e na pouca punição, e por outro lado há o que responde que punir sempre é o modo ideal de educar a criança.

Com relação ao ideal em explicações, os resultados estão apresentados na Tabela 39.

Tabela 39 - Julgamento pelos pais de escolas particulares e públicas do ideal em Explicações

Explicações	Escolas					
	Escola Particular		Escola Pública		Total	
	F	%	F	%	F	%
1 – Ausência	0	0	0	0	0	0
2 – Poucas	0	0	0	0	0	0
3 – Meio Termo	9	37,5%	11	45,8%	20	41,7%
4 – Muitas	10	41,7%	12	50%	22	45,8%
5 – Excessivas	5	20,8%	1	4,2%	6	12,5%
Total	24	100%	24	100%	48	100%

Os resultados apresentados na Tabela 39 indicam que o ideal para um grande número de pais de crianças de Escolas Particulares e Públicas é uma educação em que haja um nível alto de comunicação entre o adulto e a criança, seguido de explicações moderadas, e em que o certo e o errado são explicados, com frequência para a ela.

Os resultados obtidos no julgamento ideal de educação mostram que, a maioria dos pais dos alunos acredita em uma autoridade dosada. Os mesmos dados são vistos nas questões referentes a liberdade e exigência, este item traz um desejo dos entrevistados em dar liberdade aos filhos na mesma medida que exigem deles. A punição também aparece como moderada, porém há que se assinalar que há uma variação no número de respostas, indo desde a ausência de punição até a punição sempre.

Quando o item abordado é cuidados, a maioria dos entrevistados diz que há a necessidade de muitos cuidados para com o filho, o mesmo acontece quando o tema é explicação, é preciso se comunicar muito com a criança.

Discussão

O Estudo I trouxe resultados importantes e que merecem ser discutidos.

No que diz respeito ao modo ideal de educar as crianças a maioria dos pais e professores das Escolas Particulares e Públicas tende a concentrar suas respostas num ponto médio ou direcionado para o extremo nas sete dimensões (autoridade, carinho e afeição, liberdade, exigência, cuidados, punição e explicações). Os dados vêm ao encontro do que a literatura traz dentro do processo de educação, em que é preciso ter adultos que amem muito à criança e ao mesmo tempo, exerçam uma autoridade moderada sobre ela, transmitindo os limites e as exigências de um modo adequado, para que ela assuma sua autonomia e tenha maior independência. É necessário que a criança se expresse desde cedo e que haja flexibilidade que implique na existência de normas que são colocadas e cobradas, mas também revistas, no momento em que surgem novas informações e condições. (Biasoli-Alves, 1996, 2002).

Uma punição ideal na visão da maioria dos entrevistados seria aquela moderada; este resultado se confirma quando comparado às respostas dos pais que dizem fazer uso de explicações frente ao comportamento inadequado da criança, não utilizando punições mais severas como forma de educar.

Para os pais entrevistados, há tipos de violência doméstica contra a criança que são mais conhecidos e outros menos; a física e a psicológica (mesmo esta sendo difícil de detectar) estão mais presentes nas respostas dos entrevistados que têm filhos em Escolas Particulares, enquanto que a física e a sexual são mais frequentes nos de Escolas Públicas, que tendem a focar suas opiniões em uma violência mais visível.

Outro ponto a ser destacado é o relacionado a negligência, desconhecida por grande número de pais de alunos e professores de Escolas Particulares e Públicas, o que chama atenção, porque este é um problema que muitos especialistas atribuem as famílias de classes economicamente desprivilegiadas. Isto leva a que se afirme ser importante que existam estudos capazes de esclarecer as diferenças entre a família que falha em termos de alimentar, vestir adequadamente seus filhos por falta de condições para tal e a que, mesmo dispondo de condições, não o faz e, então pode ser dita negligente (Delfino et al., 2005).

Um dado complementar a esta questão, é que a negligência é o tipo de violência doméstica mais detectada pelos professores de Escolas Particulares e Públicas (junto com a

física) em seus alunos, mostrando que a definição deste termo precisa ser mais discutido para ser entendido de uma forma correta.

Este também é o tipo de violência doméstica contra a criança mais denunciado no Conselho Tutelar I da cidade de Ribeirão Preto no ano de 2003, onde 41,3% das denúncias diz respeito à negligência, 22,2% a sexual, 14,5% a física e 5,4% a psicológica (Bolsoni - Alves, 2005).

Vale lembrar que o problema da violência doméstica atinge todas as camadas sociais (Marin, 1998). Porém, é nas classes populares que se encontram os maiores números de registros colhidos pelos órgãos responsáveis. E esta realidade pode estar ligada a diversos fatores, como o alto nível de estresse e pressões que a própria miséria traz, outro ponto importante é o acesso fácil que as famílias mais pobres têm aos serviços sociais, já que essas convivem com constantes e variadas intervenções nas suas vidas privadas (do poder público, dos poderes locais, dos poderes paralelos); as famílias de maior poder aquisitivo geralmente estão muito menos suscetíveis de serem notificadas, pois, ao utilizarem serviços particulares de atendimento médico, psicológico e de educação, também garantem certa discricção (Deslandes, 1994). Estes são alguns fatores que podem contribuir para o entendimento das denúncias serem maiores nas classes menos favorecidas, contudo é um assunto que merece mais pesquisas devido à sua complexidade.

Neste estudo verificou-se que os professores de Escolas Particulares e Públicas detectam algum tipo de violência doméstica contra seus alunos em percentuais elevados (66,7 e 75% respectivamente), confirmando ser este um problema que atinge todas as camadas sociais e também vem salientar a importância da Escola que se coloca como espaço de extrema relevância não só para dar maior visibilidade à questão do desrespeito aos direitos da criança, mas para traçar maneiras de combatê-lo.

Esta posição é reforçada quando se volta aos dados e se verifica que muitos professores assumem que as pessoas responsáveis pela educação da criança são os pais e eles; ou seja, pode e deve existir uma parceria, não um distanciamento fundado na crítica quer da escola frente à família (desestruturada, incompetente, negligente), quer desta para com aquela, que não estaria cumprindo com as expectativas de ensinar e educar bem a criança. Os professores encontram-se em uma posição privilegiada de observadores do comportamento infantil, uma vez que convivem todo dia, e por um período de um ano ou

mais, com muitas crianças ao mesmo tempo, ou seja, têm a oportunidade de ver as transformações que ocorrem, em termos de aprendizagem, de desenvolvimento de habilidades, e, em especial, de atitudes. E sua atuação, ao elogiar o aluno quando se comportou de modo adequado em sala de aula ou quando fez alguma coisa fora do que seria considerado como correto, tem um peso grande, tanto na relação que eles estabelecem, quanto na formação de uma consciência do que é certo e do que é errado.

Entretanto, não se exclui a presença de dificuldades e a necessidade de que se alterem muitos posicionamentos, porque os professores, pelo menos no plano do discurso, dizem tomar alguma atitude quando se deparam com o problema da violência doméstica contra as crianças, porém, há que se assinalar que certos entrevistados ainda pensam que o problema do maltrato de pais contra filhos é assunto que diz respeito apenas à família (está no domínio do privado), e deixam, muitas vezes, a responsabilidade por conta da direção da escola, ausentando-se por completo da questão, talvez até por se sentirem inseguros, despreparados e com medo da reação dos pais agressores.

Assim, se põe em questão, quando e onde a problemática da violência doméstica contra a criança deve ser trazida para discussões amplas dentro da sociedade, de tal modo a poder avaliar o prejuízo que a manutenção do silêncio sobre os maus-tratos no ambiente doméstico acarreta ao desenvolvimento na infância. E, sem dúvida que se necessita aprofundar o conhecimento sobre esse tema, na sua diversidade de enfoques, de forma a abrir perspectivas para projetos de intervenção, que visem desde prevenir o aparecimento desse tipo de problema até a remediar situações já existentes, com a finalidade de melhorar a qualidade de vida das pessoas envolvidas (Delfino et al., 2005).

Finalmente, os resultados desta pesquisa puseram em evidência um outro aspecto ligado à questão da violência, que é a presença do comportamento agressivo entre as crianças. Para além de ser este um dado que reflete a realidade atual, um problema enfrentado por todas as camadas sociais, e que atinge as crianças desde o início da escolarização, ele faz refletir sobre a aprendizagem que as gerações mais novas estão fazendo com os seus modelos, os adultos, traçando uma evolução do controle de seus impulsos que não facilita a adaptação e a convivência com seus pares.

Os dados desse estudo mostraram ser necessária uma investigação que incluísse a maneira de as crianças perceberem os aspectos que foram investigados com os adultos, além de pesquisar sua maneira de ver o certo e o errado no contato entre os colegas e o que deveria ser feito para garantir o respeito aos direitos do próximo. A partir daí elaborou-se um segundo estudo.

Estudo II

Introdução

Nas últimas décadas a questão da violência tem sido muito debatida dada a sua alta frequência nas diversas camadas sociais. E ela se apresenta também em diferentes contextos, incluindo a casa e a escola, o que significa se deparar com um fenômeno em ambientes em que se esperaria a predominância da tranqüilidade, do afeto, da segurança, ou seja, o oposto de atitudes agressivas e de intolerância.

Focalizando em particular a Escola, a violência gera um ambiente de insegurança e medo, comprometendo não só o desenvolvimento intelectual dos alunos, como impede que se cumpram os pressupostos que Delors (1996) coloca como sendo os necessários para que a educação no século XXI, seja eficiente (aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser).

Uma vez que o papel da escola não se restringe apenas a gerar competências acadêmicas, mas que ela também lida com os aspectos sociais e morais do aluno, sendo o segundo ambiente socializador, ela detém o papel de grande responsável pela inserção da criança em um ambiente social mais amplo.

É certo que a entrada da criança na escola traz muitas mudanças em sua rotina; ela se depara com situações em que um conjunto grande de regras deve ser seguido, em que ela precisa ser capaz de se auto-controlar, respeitando seus pares, professores e os outros adultos presentes nesta instituição.

Por volta dos seis anos, de acordo com o que descrevem estudos sobre desenvolvimento, como já foi dito, (Herbert, 1987,2003) a criança deve ter formado um primeiro nível de consciência moral, isto é, ela conhece e acata as regras impostas pelo ambiente, é capaz de agir conforme elas determinam e aceita as ordens por virem sempre de uma autoridade, que, no caso, é inquestionável.

Na evolução para a formação desse primeiro nível de consciência moral, as investigações nesta área (Biasoli-Alves, 2002) apontam que a afeição dada pelos pais leva ao aparecimento de um sentido de segurança, que irá permitir que a criança se sinta tranqüila e capaz/interessada em conviver com outras pessoas; por outro lado, os limites impostos ao seu comportamento, sobretudo desde que aprendeu a andar, possibilitam que ela desenvolva a capacidade de se adaptar e seguir as normas, que na escola são muitas; e,

finalmente a liberdade para tomar as decisões no seu cotidiano deve ter permitido o surgimento da iniciativa e da expectativa de que testar e enfrentar novas situações é muito bom (Biasoli-Alves, 1996; Herbert, 2003).

Porém, tem sido notada a presença, cada vez maior, da queixa dos professores a respeito do comportamento agressivo das crianças e sua dificuldade em manter o autocontrole frente a diversas situações cotidianas. A raiva é uma das emoções humanas básicas, necessária à sobrevivência, quando canalizada e bem direcionada, forma a base da capacidade de ser assertivo, de lutar por objetivos e de se defender quando atacado; mas, quando a reação agressiva fica fora de controle, a raiva dá origem ao ódio e tende a se expressar por condutas violentas (Maldonado, 1998).

Segundo Biasoli-Alves (1996) *“O comportamento é dito agressivo quando ao emití-lo o sujeito fere os direitos do outro (vai além dos seus direitos). E a agressão seria a forma de a criança ‘por para fora’ a raiva sentida por ter sido frustrada em alguma coisa”* (p. 33). Neste mesmo sentido, Bolsoni-Silva e Marturano (2002) dizem que a agressividade permite atingir os objetivos desejados de imediato, mas no processo a criança magoa os demais, fazendo escolhas por eles, além de os desvalorizar como pessoas, possibilitando represálias futuras.

Os motivos que levam ao comportamento agressivo cada vez mais constante entre as crianças, ocasionando brigas e discussões, podem ser vários. Segundo Biasoli-Alves, Caldana e Dias da Silva (1997), educar uma criança tornou-se uma tarefa exigente e os pais apresentam incertezas quanto à melhor maneira de agir e têm medo de adotar um padrão inadequado, com conseqüências desastrosas para os filhos. É nesse sentido que se viu aparecer um discurso de que é preciso dar bastante liberdade para a criança, fazendo com que pais e professores sejam severamente criticados se cultivam certo grau de autoridade sobre ela (Biasoli-Alves, 2002). Porém, o comportamento de crianças e adolescentes tem sido muito criticado, a geração mais nova passou a agir de uma maneira cada vez mais impulsiva, demonstrando sentimentos explosivos que prejudicam qualquer contato social.

A insegurança dos pais, a ausência de normas e a constante mudança de valores na sociedade parecem estar levando a inconsistências sérias no processo de educação. Atualmente, uma questão freqüente é a da falta de limites no comportamento da criança, e isto costuma acarretar inadequações, pelo não respeito às regras.

Assim, admite-se que uma educação adequada deveria conter uma autoridade moderada por parte dos adultos, em que o cumprimento de regras vistas como prioritárias seria exigido, além da explicação do que é certo e errado e as conseqüências, para a vida em grupo, das transgressões (Rutter, 1996; Biasoli-Alves, 2002).

Somado à confusão em que os adultos se encontram com relação à melhor maneira de educar a geração mais nova, mantendo os limites, há outros fatores que podem contribuir para a alta freqüência de agressão entre as crianças na escola, tais como a sua constante exposição a modelos agressivos, aqui incluída a influência da TV, que até nos desenhos apresenta modelos de comportamento agressivo e que dão sucesso ao seu ator, além do contato com grupos que tendem a fazer da competição e das relações de poder a sua marca. Estudos feitos nesta área no Brasil e em outros países mostram que as crianças imitam a violência que assistem na televisão e aprendem novas formas de comportamento agressivo (Pavese, 1998; Yumi et al., 1998; Njaine; Minayo, 2004).

Além disso, existe a questão de a criança ser expectadora das agressões entre os pais, que segundo Bolsoni-Silva e Marturano (2002), leva a que:

“os filhos expostos à violência por longos períodos em casa, freqüentemente comportam-se de forma agressiva e, quando são criados em condições negligentes, tornam-se pouco tolerantes à frustração, com pouca motivação para seguirem normas sociais. Assim, estas crianças, ao ingressarem no ambiente escolar, passam a repetir este padrão, que, somando-se às dificuldades dos professores em lidar com as mesmas, faz com que comportamentos inadequados persistam, prejudicando a aprendizagem e a socialização” (p. 228 e 229).

Deste modo, as dúvidas que os adultos têm sobre as melhores formas de educar a criança nos dias atuais tem levado a que se considere como importante realizar pesquisas na área, porque, como tema de investigação este é ainda novo, merecendo ser estudado e objeto de reflexões, para se poder ter respostas aos problemas que atingem as diferentes camadas sociais.

Assim, achou-se oportuno investigar o que as crianças pensam a respeito das ações dos adultos com elas, sua maneira de perceber o certo e o errado, como convivem com seus pares e qual seu modo de reagir frente a situações que exigem auto-controle, tolerância e respeito pelo próximo.

Objetivos Específicos

Investigar através de situações desenhadas: 1) A maneira de as crianças perceberem as ações dos adultos em relação a ela, e que envolvem desde o agradar até o punir física e verbalmente (com diferentes intensidades); 2) A maneira de as crianças perceberem disputas e brigas entre elas; 3) A maneira de os alunos perceberem o comportamento adequado e inadequado das crianças com relação aos adultos.

Investigar através do relato das crianças: 1) Os sentimentos que a vivência dessas situações (ações dos adultos e brigas entre as crianças) desperta nelas; 2) A percepção da criança, do certo e errado em seus ambientes do cotidiano, família e escola, e do que se passa com ela e de como ela se sente.

Metodologia

O Estudo II teve duas fases: Elaboração e Teste dos Instrumentos e Coleta de Dados Propriamente Dita.

Fase I: Elaboração e Teste dos Instrumentos

Para cumprir o objetivo do Estudo II, houve a necessidade de construir um instrumento que de fato pudesse fazer com que as crianças se expressassem de forma clara. Deste modo, optou-se por criar instrumentos gráficos uma vez que o estudo teve como participantes crianças de oito a 10 anos, que mesmo alfabetizadas tinham dificuldade em ler, compreender e, sobretudo responder por escrito a questões que, em não sendo formuladas através de desenhos, assumiriam um caráter muito abstrato.

O objetivo desta fase I, então, foi elaborar, aplicar e testar os instrumentos a serem utilizados na coleta de dados propriamente dita.

Participantes

Foi escolhida uma das escolas que participaram do Estudo I para ser contatada e solicitada a permissão para alguns dos seus alunos de 2^a, 3^a e 4^a séries do Ensino Fundamental pudessem participar do Estudo Piloto (incluindo a permissão dos pais).

Etapa A - Elaboração dos instrumentos de coleta de dados.

Visando cumprir os objetivos (do Estudo II deste projeto) foram elaborados um conjunto de 16 desenhos e um roteiro de entrevistas com 10 perguntas para a coleta de dados.

1) Desenhos

Delimitado qual o instrumento que seria usado com as crianças, partiu-se para a sua construção. Uma lista de situações que tinham como fundamento os temas que foram abordados com os pais e os professores no Estudo I foi feita, trazendo situações de comportamento negativo e positivo de crianças e adultos, também tomou-se por base uma literatura que vem discutindo as questões atinentes à Convenção dos Direitos da Criança, à violência contra ela, quer enquanto material destinado a educadores quer na literatura infanto-juvenil (Acevedo, 1993; Iacocca; Iacocca, 1994; Thebas, 1996; Romão, 2001; Biasoli-Alves; Fischmann, 2001).

Terminada esta fase de construção das situações que os desenhos deviam trazer, contataram-se três desenhistas, tomando-se o cuidado sempre, de discutir com cada um deles o que se esperava das ilustrações. Entrou-se em contato com um profissional de cada vez, explicando e discutindo o que realmente os desenhos deviam conter¹⁴.

O instrumento ficou composto de 16 desenhos, contendo: comportamento adequado e inadequado do adulto com a criança e comportamento adequado e inadequado da criança.

A seguir, a descrição dos desenhos divididos por temas e as respectivas perguntas que foram feitas às crianças:

Comportamento adequado do adulto(CAA)

¹⁴ Conversou-se primeiramente com um desenhista, ele apresentou duas ilustrações como teste, porém elas não conseguiram atingir o esperado pela pesquisadora. Em seguida contatou-se um novo profissional, foi feito o desenho teste. Um terceiro desenhista foi selecionado e duas ilustrações foram entregues. As duas últimas desenhistas mostraram ilustrações satisfatórias, porém a terceira profissional melhor conseguiu transmitir através dos desenhos o que se esperava dentro deste projeto, talvez pelo fato dela dar aula de arte para crianças da mesma faixa etária das que seriam entrevistadas na pesquisa, o que facilitou o amadurecimento dos desenhos, já que ela perguntava a estas crianças se as ilustrações estavam claras e se conseguiam passar o pretendido discutido exaustivamente com a pesquisadora.

Descrição do desenho 1: Banheiro, a irmã mais velha tirando a blusa da irmã mais nova e dizendo: “Hoje sou que vou te dar banho, minha irmã!”

Descrição do desenho 2: Quarto do filho. Filho e pai na cama, o pai com o livro aberto.

Descrição do desenho 3: Sala de aula, a professora colocando *muito bem* no caderno da aluna.

Questões dos desenhos de 1 a 3: A) O que está acontecendo neste desenho.

B) Por quê você acha que o adulto está agindo assim com a criança?

C) O que a criança está sentindo?

Comportamento inadequado do adulto (CIA)

Descrição do desenho 4: Pai e filho na sala de casa. O pai apontando o dedo para o menino e dizendo: “Menino mal educado que coisa mais feia!”. O menino parado com as mãos no bolso.

Descrição do desenho 5: Sala de casa, a mãe dando uma chinelada no bumbum do filho.

Descrição do desenho 6: A mãe saindo e a filha de costas dizendo: “Mãe, mãe!”. As duas estão de costas, não identificação dos rostos.

Descrição do desenho 7: Pátio da escola na hora do recreio (várias crianças brincando), a inspetora dizendo para o menino: “Vou levar você para a diretoria!”

Questões desenhos de 4 a 7: A) O que está acontecendo neste desenho?

B) Por quê você acha que o adulto está agindo assim com a criança?

C) O que a criança está sentindo?

Comportamento adequado da criança (CAC)

Descrição do desenho 8: A menina devolvendo um livro para o moço e este dizendo: “Obrigada por me devolver o livro!”

Descrição do desenho 9: A família (mãe, pai, a filha mais nova e o filho mais velho) jantando e a mãe dizendo para os filhos: “Está na hora de escovar os dentes e ir para a cama!”, os dois filhos respondendo: “Está bem mamãe!”

Descrição do Desenho 10: Sala de aula com as crianças sentadas, a professora na frente sentada na cadeira atrás da mesa. Uma menina, com a mão levantada, perguntando: “Professora posso mostrar meu caderno para a senhora?”

Questões desenhos 8 a 10: A) O que está acontecendo neste desenho que você vê?

B) Por que você acha que a criança do desenho está agindo assim?

Comportamento inadequado da criança (CIC)

Frente aos Adultos

Descrição do desenho 11: A mulher dizendo para a menina: “Vamos arrumar o seu quarto!” e a menina respondendo: “Você não me manda!”

Descrição do desenho 12: Pai e filho na sala de casa, o menino derrubando o brinquedo no chão e o pai dizendo: “Não faça isto meu filho!”

Descrição do desenho 13: Três fileiras de alunos. Na primeira e na segunda fileiras os alunos estão olhando para o caderno, somando um total de quatro crianças; na última fileira há três alunos conversando. A professora está na frente, em pé, com o olhar direcionado para o caderno de um aluno da primeira fileira.

Descrição do desenho 14: Um corredor de escola, a menina dizendo para o inspetor: “Não vou para a aula!”

Questões desenhos 11 a 14: A) O que está acontecendo neste desenho que você vê?

B) Por que você acha que a criança do desenho está agindo assim?

Frente ao Pares

Descrição do desenho 15: Dois meninos se agredindo fisicamente.

Descrição do desenho 16: Um menino está mostrando a língua para o outro e o outro está com cara feia (violência não física).

Questões desenhos 15 e 16: A) O que está acontecendo neste desenho?

B) Por que elas estão agindo assim?

C) O que as crianças estão sentindo?

2) Roteiro de Entrevista

Um segundo conjunto de temas foi elaborado na forma de um Roteiro de Entrevista, com o objetivo de obter a visão da criança vinculada ao seu cotidiano na família e na escola, baseado na sua percepção de certo e errado e no que se passa com ela e como ela se sente (Anexo III).

Etapa B - Aplicação dos instrumentos nas crianças de 2^a, 3^a e 4^a séries do Ensino Fundamental (EF), para teste.

Procedimento

Obtida a anuência da Escola, entrou-se em contato com os alunos (e com os seus pais para se obter a permissão em estar conversando com a criança) e verificou-se com a Direção da escola o melhor dia, horário e local para a aplicação dos instrumentos nos alunos. Obedecendo-se ao combinado, fez-se uma sessão com cada um para a aplicação dos Desenhos e da Entrevista, em geral durante um horário em que o aluno não estava tendo aula, em uma sala designada pela Diretora, no interior da própria Escola. Cada aplicação levou, em média 20 minutos.

Resultados

Os dados foram analisados buscando-se avaliar se as questões estavam compreensíveis, se as respostas obtidas corresponderam ao pretendido em cada pergunta, se a seqüência proposta estava adequada (Análise Formal). Foram necessários pequenos ajustes nas perguntas referentes aos desenhos, sem contudo serem feitas modificações substanciais (Anexo III).

Fase II: Coleta de Dados Propriamente Dita

Para cumprir os objetivos de analisar a visão das crianças, pediu-se a autorização da direção de uma Escola Pública (participante do Estudo I e que mostrou interesse em dar continuidade à pesquisa), para poder ter contato direto com seus alunos de 2^a, 3^a e 4^a séries do EF, especificando quais os objetivos do segundo estudo e as tarefas que deveriam ser executadas.

Obtida a anuência da direção da Escola, entrou-se em contato com os professores de 2^a, 3^a e 4^a séries dos períodos da manhã e da tarde, também assinalando quais os objetivos dessa etapa do trabalho, e solicitando que eles liberassem os alunos para a participação na pesquisa.

Local e Contexto do Estudo

O estudo foi realizado numa escola da rede pública da cidade de Ribeirão Preto que participou do Estudo I deste projeto. A Escola fica em um bairro popular e atende crianças

vindas deste bairro e também de uma favela próxima. Ela oferece o Ensino Fundamental completo (1^a a 8^a série) nos períodos da manhã e tarde e também o supletivo (Ensino Fundamental) durante a noite.

Participantes

A amostra ficou composta por alunos de duas salas de 2^a (uma do período da manhã e outra da tarde), duas de 3^a (uma do período da manhã e outra da tarde) e quatro da 4^a (duas do período da manhã e duas da tarde).

Foram selecionados, ao acaso, nesta escola, uma amostra de 160 alunos sendo 68 meninos (42,5%) e 92 meninas (57,5%) divididos da seguinte forma:

2^a série: 15 meninos (37,5%) e 25 meninas (62,5%) = 40 (100%)

3^a série: 15 meninos (37,5%) e 25 meninas (62,5%) = 40 (100%)

4^a série: 38 meninos (47,5%) e 42 meninas (52,5%) = 80 (100%)

Depois de sorteados os alunos, uma carta de autorização foi enviada aos pais para que eles lessem e assinassem se estivessem de acordo com a participação do filho na pesquisa.

Material

O material utilizado foi os instrumentos elaborados (Desenhos e Roteiro de Entrevista), gravador de áudio, papel e lápis.

Procedimento

De posse da autorização assinada pelos pais das crianças, foram agendadas as sessões individuais para aplicação do instrumento, que ocorreram na própria escola, em dia e horário previamente marcados, tomando-se o cuidado de não prejudicar as atividades acadêmicas do aluno. A coleta de dados iniciou-se com os alunos de 4^a série, depois com os de 3^a série e por último com os alunos de 2^a série.

Primeiramente aplicaram-se os desenhos na seguinte seqüência:

- 1) Crianças conversando em sala de aula. CIC
- 2) Menina pedindo para mostrar o caderno para a professora. CAC
- 3) Menina entregando o livro para o homem. CAC

- 4) Menina falando p/ a mãe que ela não manda nela. CIC
- 5) Crianças jantando com a família. CAC
- 6) Criança jogando o caminhão no chão. CIC
- 7) Menina falando para o inspetor que não vai para a aula. CIC
- 8) Pai dando bronca no filho. CIA
- 9) Mãe batendo no menino. CIA
- 10) Inspetora falando que vai levar o menino para a diretoria. CIA
- 11) Mãe indo embora. CIA
- 12) Irmã dando banho na menina. CAA
- 13) Professora dando muito bem no caderno da aluna. CAA
- 14) Pai contando história para o filho. CAA
- 15) Criança mostrando a língua para a outra. CIC
- 16) Crianças brigando fisicamente. CIC

O intuito de aplicar os desenhos nesta ordem foi o de misturar os temas abordados.

E durante a aplicação do Instrumento 1, o pesquisador mostrava o desenho para a criança e perguntava a ela o que via, depois o porque do adulto ou da criança estar agindo daquela forma; e finalmente sobre como a criança do desenho estava se sentindo.

Terminada a aplicação dos desenhos, a pesquisadora dava início à entrevista, lendo a pergunta e aguardando a resposta da criança.

Todas as sessões foram gravadas e posteriormente transcritas na íntegra.

Procedimento de Análise dos dados

A análise dos dados tem por base o sistema quantitativo interpretativo, que envolve três fases, a do estabelecimento de sistemas de categorias, a partir do significado atribuído a cada resposta, seguido da categorização das respostas e, depois a contagem de frequência de aparecimento e cálculo de porcentagem (como o levado a efeito no Estudo I deste projeto).

Resultados

Primeiramente, os resultados obtidos a partir dos desenhos, foram computados e organizados por tema.

- Comportamento adequado do Adulto
- Comportamento inadequado do Adulto
- Comportamento adequado da Criança
- Comportamento inadequado da Criança

Comportamento adequado do Adulto:

Desenho 1 – Irmã maior dando banho na menor

A) O que está acontecendo neste desenho?

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelas crianças de 2ª a 4ª séries, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização, que ficou composto por duas categorias, sendo uma delas a descrição do desenho e a outra referente à resposta incongruente.

1- *Descrição do desenho.* Ex: A irmã mais velha da menina vai dar banho nela.

2 - *Resposta Incongruente.* Ex: A irmã menor gasta muita água.

A maioria dos alunos de 4ª, 3ª e 2ª série descrevem o que está acontecendo no desenho (97,5%, 92,5% e 92,5% respectivamente) e o restante dá resposta incongruente à questão.

B) Por que você acha que o adulto está agindo assim?

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelas crianças de 2ª a 4ª séries, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização, que ficou composto por quatro categorias, que vão desde o julgamento positivo da atitude da irmã maior, a rotulação positiva da irmã maior, a rotulação positiva da irmã menor até não saber responder a questão.

1- *Julgamento positivo da atitude da irmã maior.*

1.1- Para ajudar a mãe. Ex: Ela está dando banho para ajudar a mãe.

1.2- É papel da irmã mais velha ajudar a mais nova. Ex: A irmã mais velha tem ajudar a mais nova, é papel dela.

2- *Rotulação positiva da irmã maior.*

A irmã é educada. Ex: A irmã maior é muito educada.

3- *Julgamento da atitude da irmã menor.*

A irmã menor não sabe tomar banho sozinha. Ex: A menininha ainda é muito pequena, não se lava direito, então a maior vai ajudar.

4- *Não sabe* Ex: Não sei.

As porcentagens mais altas de respostas dos alunos de 4^a e 3^a séries (42,5% e 45% respectivamente) concentram-se na categoria que interpreta as atitudes das irmãs (a menina ainda não sabe tomar banho sozinha e a irmã mais velha vai ajudá-la nesta tarefa); já a maioria dos da 2^a série (52,5%) avalia positivamente a atitude da irmã mais velha (a maior está ajudando a mãe a cuidar da menor e este é o papel dela, cuidar dos irmãos mais novos).

Há um número maior de respostas de meninas (4^a-30,9%; 3^a-44%; 2^a-28%) de todas as séries com relação aos meninos concentradas na subcategoria 1.1, a irmã mais velha está dando banho na mais nova para ajudar a mãe.

C) O que a criança está sentindo?

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelas crianças de 2^a a 4^a séries, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização, que ficou composto por quatro categorias, contendo sentimentos de frustração, sentimentos positivos específicos, ausência de sentimentos e não saber responder a questão.

1- *Sentimentos de frustração*

Raiva. Ex: A menininha está com raiva porque queria tomar banho sozinha.

2- *Atribuição a sentimentos positivos específicos*

Felicidade. Ex: A menina está muito feliz

3- *Ausência de sentimento*

Nada. Ex: A menina não está sentindo nada

4- *Não sabe.* Ex: Não sei

Esta questão traz sentimentos contrários em seus resultados, a maioria dos alunos das três séries (4^a-67,5%, 3^a-70%, 2^a-70%) diz que a criança está feliz por ser ajudada pela irmã mais velha, mas também há um número significativo de respostas relatando a raiva (4^a-20%, 3^a-27,5%, 2^a- 25%) como algo sentido pela criança, justificando esta emoção pelo desejo da irmã menor em tomar banho sozinha e não precisar que ninguém a oriente. Há

uma pequena porcentagem de crianças de 4ª e 2ª séries (10% e 2,5% respectivamente) que diz que a menina do desenho não está sentindo nada.

Analisando os resultados levando em conta a variável sexo, verificou-se que: 1- os meninos da 2ª, 3ª e 4ª séries (4ª-28,9%, 3ª-33,3%, 2ª-33,3%) se sobressaem com relação as meninas na categoria 1, ou seja, eles dizem que a menina está sentindo raiva em ser ajudada pela irmã maior, 2- as meninas de todas as séries(4ª-73,8%, 3ª-72%, 2ª72%) aparecem em sua maioria concentradas na categoria 2, onde o sentimento é de felicidade.

Desenho 2 – Pai lendo para o filho

A) O que está acontecendo neste desenho?

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelas crianças de 2ª a 4ª séries, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização, que ficou composto por duas categorias, sendo uma delas a descrição do desenho e a outra referente ao julgamento positivo da atitude do pai.

1- *Descrição do desenho.* Ex: O pai do menino está contando uma história para ele.

2- *Julgamento positivo da atitude do pai.* Ex: O pai está ensinando o filho a ler

Todos os alunos de 4ª e 3ª série descrevem o desenho, dizendo que o pai está lendo para o filho; já 92,5% dos alunos da 2ª série diz o que está acontecendo e 7,5% julgam positivamente a atitude do pai, este lê para ensinar o filho. As crianças da 2ª série que fazem julgamento da atitude do pai são todas meninas.

B) Por que o adulto está agindo assim?

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelas crianças de 2ª a 4ª séries, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização, que ficou composto por quatro categorias, que vão desde a rotulação positiva do pai e do filho, o julgamento positivo da atitude do pai até não saber responder a questão.

1- *Rotulação positiva do pai.* Ex: O pai é muito amoroso com o filho.

2- *Rotulação positiva do filho.* Ex: O filho é um menino bom.

3- *Julgamento positivo da atitude do pai.*

3.1- O pai está lendo para o filho dormir melhor e mais rápido. Ex: É para o menino dormir melhor

3.2- Para ajudar o filho na lição de casa. Ex: O pai está ensinando o filho a fazer o dever da escola.

4- *Não sabe*. Ex: Não sei

Os dados mostram que a maioria dos alunos de 2^a e 3^a séries (2^a-50% e 3^a-60%) rotula o adulto do desenho, considerando-o uma pessoa amorosa, enquanto para os da 4^a série em seu maior número (4^a-47,5%) o pai lê para o filho para que ele durma melhor.

C) O que a criança está sentindo?

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelas crianças de 2^a a 4^a séries, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização, que ficou composto por três categorias, contendo sentimentos positivos específicos, sensações e ausência de sentimentos.

1- *Atribuição a sentimentos positivos específicos*

Alegria/Felicidade. Ex: O menino está feliz porque o pai está lendo para ele.

2- *Sensações*

Sono. Ex: O menino está com muito sono

3- *Ausência de sentimentos*. Ex: O menino não está sentindo nada

A maioria das respostas dos alunos das três séries (4^a-95%, 3^a-92,5%, 2^a-82,5%) está no sentimento de felicidade. O que chama a atenção com relação ao sexo é que todos os meninos da 4^a série concentram suas opiniões na categoria 1.

Desenho 3 - Sala de aula, a professora colocando *muito bem* no caderno da aluna.

A) O que está acontecendo neste desenho?

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelas crianças de 2^a a 4^a séries, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização, que ficou composto por duas categorias, sendo uma delas a descrição do desenho e a outra referente ao julgamento positivo da atitude da menina.

1- *Descrição do desenho*. Ex: A professora está dando muito bem para a aluna

2- *Julgamento positivo da atitude da menina*. Ex: A menina fez a lição certa

A maioria dos alunos da 4^a série (75%) descreve o que está acontecendo no desenho; já as crianças de 3^a e 2^a série, em sua maioria (55% e 52,5% respectivamente),

julgam a atitude da menina, dizendo que ela fez toda a lição certa e por isso está ganhando muito bem da professora.

B) Por que você acha que o adulto está agindo assim?

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelas crianças de 2ª a 4ª séries, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização, que ficou composto por três categorias, que vão desde atribuir a atitude do adulto à criança, a rotulação positiva da professora até o julgamento positivo da atitude da professora.

1- Atitude do adulto atribuída à criança, rotulando-a positivamente.

A menina é uma boa aluna. Ex: A menina é boa aluna

2- Rotulação positiva da professora

A professora é uma boa profissional. Ex: A professora é muito boa.

3- Julgamento positivo da atitude da professora. Ex: A professora reconhece o esforço do aluno.

A maioria das respostas das crianças de todas as séries está concentrada na categoria 1 (4ª-71,2%, 3ª-67,5%, 2ª-82,5%), ou seja, elas tendem a atribuir o bom comportamento do adulto à criança, rotulando-a como uma boa aluna.

Com relação ao sexo, as 2ª e 3ª séries têm uma relação inversamente proporcional a 4ª, na categoria 1 há mais meninas nas primeiras séries (3ª-72% e 2ª-88%) e na 2 e 3 mais meninos, percebe-se o inverso entre os alunos da 4ª série.

C) O que a criança está sentindo?

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelas crianças de 2ª a 4ª séries, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização, que ficou composto por duas categorias, contendo sentimentos positivos gerais e específicos.

1- Atribuição a sentimentos positivos gerais

Bem. Ex: A menina está bem

2- Atribuição a sentimentos positivos específicos

2.1- Feliz. Ex: A aluna está muito feliz

2.2- Orgulho. Ex: Ela está muito orgulhosa de ter ganhado muito bem da professora

Os entrevistados de todas as séries, em seu maior número (4ª-81,2%, 3ª-77,5%, 2ª-82,5%), diz que a menina está feliz em receber muito bem da professora em seu caderno, há

também a presença de outros sentimentos positivos como orgulho (4^a-7,5%, 3^a-2,5%, 2^a-7,5%), que aparecem nas respostas de meninos e meninas.

Comportamento inadequado do adulto:

Desenho 4- Pai dando uma bronca no filho

A) O que está acontecendo neste desenho?

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelas crianças de 2^a a 4^a séries, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização, que ficou composto por três categorias, sendo uma delas a descrição do desenho, o julgamento negativo da atitude do menino e a outra referente à resposta incongruente.

1- *Descrição do desenho.* Ex: O pai do menino está falando que ele é mal educado.

2- *Julgamento negativo da atitude do menino.* Ex: O menino fez alguma coisa de errado e o pai está chamando ele de mal educado.

3 - *Resposta Incongruente.* Ex: A roupa do menino é legal.

A maioria dos alunos de 4^a, 3^a e 2^a séries (70%, 75% e 65% respectivamente) descrevem o que está acontecendo no desenho. Em seguida aparecem aqueles que julgam a atitude da criança, dizendo que o menino do desenho fez alguma coisa errada para o pai chamar a atenção dele (4^a 18,7%, 3^a 15% e 2^a 17,5%). E os alunos de 4^a, 3^a e 2^a séries apresentam respostas incongruentes à esta questão.

B) Por que você acha que o adulto está agindo assim?

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelas crianças de 2^a a 4^a séries, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização, que ficou composto por quatro categorias, que vão desde o julgamento negativo da atitude da criança, a rotulação negativa da criança e do pai até o julgamento da atitude do pai.

1- *Julgamento negativo da atitude da criança, culpando-a por algo específico feito.*

O menino respondeu/xingou/desrespeitou o pai. Ex: Ele respondeu para o pai, por isto que ele está dando bronca nele.

2- *Rotulação negativa da criança.* Ex: O menino é mal educado

3- *Rotulação negativa do pai.*

O pai é bravo/mal/sem paciência. Ex: Este pai aí não tem paciência com a criança

4- *Julgamento da atitude do pai.*

É dever do pai corrigir o filho para que ele não faça mais coisas erradas. Ex: O pai tem que dar bronca para o filho não fazer mais arte.

Nesta questão a maioria dos alunos de 2^a, 3^a e 4^a séries (4^a-57,5%, 3^a-77,5%, 2^a-62,5%) tende a atribuir a culpa da criança estar levando uma bronca a um comportamento inadequado dela mesma, seguido de um número considerado de entrevistados (4^a-25%, 3^a-15%, 2^a-25%) que julga a atitude do pai, considerando dever dele corrigir o filho por este ter feito coisas erradas.

Com relação aos sexos ele está bem distribuído nas três séries, apenas nota-se uma predominância das meninas de 2^a e 3^a séries nas categorias 2 e 3.

C) O que a criança está sentindo?

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelas crianças de 2^a a 4^a séries, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização, que ficou composto por três categorias, contendo sentimentos negativos gerais e específicos e sentimentos de frustração.

1- Atribuição a sentimentos negativos gerais

Mal. Ex: O menino está mal

2- Atribuição a sentimentos negativo específicos

2.1- Mágoa. Ex: Ele está muito magoado

2.2- Tristeza. Ex: O menino está triste

2.3- Medo. Ex: Ele está com medo

2.4- Culpado/Arrependido. Ex: O menino está se sentindo culpado

3- Sentimentos de frustração

Raiva. Ex: Ele está com muita raiva

Há um número considerável de sentimentos listados pelos entrevistados. E a maioria das respostas de meninos e meninas das três séries está na categoria 2 e nas suas subcategorias, tristeza (4^a-35%, 3^a-27,5%, 2^a-27,5%), mágoa (4^a-18,7%, 3^a-7,5%, 2^a-15%), medo (4^a-5% e 2^a-12,5%) e culpa (4^a-7,5% e 3^a-10%) aparecem como sentimentos vividos pela criança quando esta leva a bronca do pai.

Desenho 5- Mãe batendo na criança

A) O que está acontecendo no desenho?

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelas crianças de 2ª a 4ª séries, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização, que ficou composto por apenas uma categoria, a descrição do desenho.

1- *Descrição do desenho*. Ex: A mãe está batendo na criança de chinelo.

Todos os alunos de 4ª, 3ª e 2ª séries descreveram o que está acontecendo no desenho, a mãe está batendo na criança.

B) Por que você acha que o adulto está agindo assim?

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelas crianças de 2ª a 4ª séries, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização, que ficou composto por duas categorias, o julgamento negativo da atitude da criança e o julgamento da atitude da mãe.

1- *Julgamento negativo da atitude da criança*

A criança fez coisa errada. Ex: Ah tia, você pode apostar que o menino fez alguma coisa errada, alguma arte.

2- *Julgamento da atitude da mãe*

É papel da mãe ensinar a criança o que é certo, educá-la. Ex: A mãe tem que ensinar o filho a fazer coisa certa, é dever dela.

Esta questão apresenta apenas duas categorias. Mais uma vez a maioria das respostas (4ª-85%, 3ª-85%, 2ª-90%) traz o motivo da criança estar apanhando atribuída a ela mesma, considerando que fez algo inadequado e também há um número de crianças (4ª-15%, 3ª-15%, 2ª-10%) que responde que é papel da mãe punir fisicamente o filho quando este apresenta um mau comportamento.

C) O que a criança está sentindo?

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelas crianças de 2ª a 4ª séries, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização, que ficou composto por três categorias, contendo sentimentos negativos gerais e específicos e sensações.

1- *Atribuição a sentimentos negativos gerais*

Mal. Ex: A criança está mal

2- *Atribuição a sentimentos negativos específicos*

2.1- Tristeza. Ex: O menininho está tão triste

2.2- Mágoa. Ex: Ele está magoado

2.3- Culpa/Arrependimento. Ex: O menino está se sentindo culpado por ter feito coisa errada.

3- Sensações

Dor. Ex: A criança está com dor porque está apanhando

A dor aparece na grande maioria das opiniões emitidas pelos alunos de 2^a, 3^a e 4^a séries (4^a-83,7%, 3^a-75%, 2^a-77,5%), a sensação física desagradável vem seguida de sentimentos de tristeza (4^a-6,2% e 2^a-12,5%), culpa (4^a-7,1% e 2^a-5%) e mágoa (3^a-15% e 2^a-2,5%). Estes dados vêm de encontro aos da letra b, em que na maioria das respostas, a criança do desenho apanha por ter feito algo de errado, por isto a culpa aparece em algumas das respostas dos alunos da 4^a e 2^a séries.

Desenho 6- Mãe deixando a menina sozinha em casa

A) O que está acontecendo no desenho?

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelas crianças de 2^a a 4^a séries, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização, que ficou composto por apenas uma categoria, a descrição do desenho.

1- *Descrição do desenho.* Ex: A menina está chamando a mãe.

Todos os alunos de 4^a, 3^a e 2^a séries descrevem o que está acontecendo no desenho.

B) Por que você acha que o adulto está agindo assim?

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelas crianças de 2^a a 4^a séries, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização, que ficou composto por cinco categorias, que vão desde o julgamento neutro da atitude da mãe, julgamento negativo da atitude da mãe, rotulação negativa da mãe, julgamento negativo da atitude da criança até não saber responder à questão.

1- *Julgamento neutro da atitude da mãe*

A mãe tem que trabalhar. Ex: A mãe tem que sair e deixar a filha porque ela precisa trabalhar.

2- *Julgamento negativo da atitude da mãe*

2.1- A mãe não quer levar a filha com ela. Ex: A mãe vai sair e não quer levar a menina

2.2- A mãe não gosta da filha. Ex: A mãe vai sair, ela não gosta muito da filha, não liga para ela.

3- Rotulação negativa da mãe

A mãe é irresponsável. Ex: A mãe é muito irresponsável, vai deixar a menina sozinha em casa.

4- Julgamento negativo da atitude da menina

A menina fez coisa errada. Ex: A mãe vai deixar ela sozinha porque ela fez arte

5- Não sabe. Ex: Não sei

Os resultados mostram que as respostas das crianças se dividem entre as categorias; 42,5% dos alunos da 2ª série avaliam de forma neutra o comportamento da mãe, dizendo que esta tem que sair e deixar a filha para ir trabalhar e 25% apresenta uma percepção negativa do comportamento dela; 42,5% dos entrevistados da 3ª série rotula o adulto do desenho como sendo irresponsável por largar a menina sozinha e 27,5% avalia de maneira neutra a atitude da mãe; 34,9% dos alunos de 4ª série julga negativamente o comportamento da mãe, relatando entre outras coisas que esta não gosta da criança e 27,5% considera o adulto irresponsável ao lidar com a filha.

Com relação ao sexo os dados mostram que há um número maior de meninos (4ª-26,3%, 3ª-46,7%, 2ª-13,3%) em relação às meninas das três séries na categoria que chama a mãe de irresponsável.

C) O que a criança está sentindo?

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelas crianças de 2ª a 4ª séries, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização, que ficou composto por três categorias, contendo sentimentos negativos gerais e específicos e sentimentos de frustração.

1- Atribuição a sentimentos negativos gerais

Mal. Ex: A menina está mal

2- Atribuição a sentimentos negativos específicos

2.1- Tristeza. Ex: Ela está muito triste porque a mãe saiu

2.2- Magoadada. Ex: Ela está magoada

2.3- Sozinha/Abandonada. Ex: Ela está se sentindo sozinha

2.4- Medo. Ex: Ela está com medo de ficar sozinha em casa

3- Sentimentos de frustração

Raiva. Ex: A menina está com raiva da mãe

A tristeza aparece como algo sentido pela criança do desenho na maioria das respostas de meninos e meninas das três séries (4^a-47,5%, 3^a-35%, 2^a-47,5%). Mágoa (4^a-16,2%, 3^a-15%, 2^a-15%), medo (4^a-3,7%, 3^a-7,5%, 2^a-10%), raiva (4^a-6,2%, 3^a-10%, 2^a-15%), sentimento de abandono (4^a-15%, 3^a-7,5%, 2^a-5%) e mal-estar (4^a-11,2%, 3^a-25%, 2^a-7,5%) também são vistos nos resultados acima. Todos são sentimentos negativos.

Desenho 7- Inspetora chamando a atenção do aluno

A) O que está acontecendo neste desenho?

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelas crianças de 2^a a 4^a séries, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização, que ficou composto por duas categorias, sendo uma delas a descrição do desenho e a outra a inferência sobre os motivos do comportamento da criança.

1- Descrição do desenho. Ex: A inspetora está falando que vai levar o menino para a diretoria.

2- Inferência sobre os motivos do comportamento da criança. Ex: A criança fez alguma coisa de errado

A maioria dos alunos entrevistados da 4^a série (71,2%) descreve o desenho, dizendo que a inspetora vai levar o menino para a diretoria. Já a maioria das crianças de 3^a e 2^a séries (52,5% e 55% respectivamente) responde que o menino vai para a diretoria porque ele fez alguma coisa errada.

B) Por que você acha que o adulto está agindo assim?

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelas crianças de 2^a a 4^a séries, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização, que ficou composto por duas categorias, o julgamento negativo da atitude da criança e o julgamento da atitude da inspetora.

1- Julgamento negativo da atitude da criança, culpando-a por algo específico feito.

A criança bateu em outra/ Brigou na escola. Ex: Acho que este menino bateu em algum colega da sala dele.

2- Julgamento da atitude da inspetora

É papel da inspetora ensinar a criança o que é certo, educá-la. Ex: A inspetora tem que chamar a atenção do menino, é o trabalho dela.

A maioria das respostas dos alunos entrevistados de 4ª, 3ª e 2ª séries (82,5%, 75% e 55% respectivamente) está em justificar a bronca da inspetora por algo de errado feito pelo aluno. Os outros entrevistados de 4ª, 3ª e 2ª séries (17,5%, 25% e 45% respectivamente) dizem que é dever da inspetora corrigir o aluno se este fez algo inadequado.

C) O que a criança está sentindo?

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelas crianças de 2ª a 4ª séries, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização, que ficou composto por quatro categorias, contendo sentimentos negativos gerais e específicos, sentimentos de frustração e ausência de sentimentos.

1- Atribuição a sentimentos negativos gerais

Mal. Ex. O menino está se sentindo mal

2- Atribuição a sentimentos negativos específicos

2.1- Triste. Ex: Ele está muito triste

2.2- Medo. Ex: Ele está com medo da inspetora e de ir para a diretoria

2.3- Medo de apanhar dos pais. Ex: Ele está com medo de chegar em casa, os pais ficarem sabendo do que aconteceu na escola e bater nele.

2.4- Culpado/Arrependido. Ex. Ele está arrependido de ter feito arte

2.5- Magoado. Ex: Ele está tão magoado

3- Sentimentos de frustração

Raiva/Nervoso. Ex: O menino está com muita raiva de tudo

4- Ausência de sentimento

Nada. Ex: Ele não está sentindo nada.

As respostas dos alunos das três séries concentram-se na categoria 2 e nas suas subcategorias(4ª-61,2%, 3ª-35%, 2ª-72,5%). Esta questão possui um sentimento que não aparece em nenhum outro desenho, o medo de apanhar dos pais quando estes souberem que a criança levou uma bronca da inspetora. Mais uma vez, os dados da letra b se complementam com os da c, já que a atitude do adulto é atribuída a um comportamento inadequado da criança, ela fez algo de errado para merecer ser chamada a atenção pelo

profissional da escola, por isto os sentimentos de culpa e o medo da punição física presentes no discurso dos entrevistados.

O que se pode perceber nos desenhos relacionados ao comportamento inadequado do adulto com a criança é que em três das quatro ilustrações (pai dando bronca no filho, mãe batendo na criança e inspetora chamando a atenção do aluno- punição verbal e física) para a maioria dos entrevistados das três séries, o adulto somente age desta forma com a criança porque esta fez algo de errado, ou seja, a culpa por estar levando uma bronca ou apanhando é apenas da criança e os pais/funcionários da escola aparecem como pessoas que tem o dever de corrigi-la e mostrar o que o certo. Já no desenho que retrata a negligência da mãe com a filha (mãe deixando a menina sozinha em casa), os alunos de 4ª, 3ª e 2ª séries tendem a dividir suas respostas entre as categorias, porém neste caso fazem um julgamento da mãe, seja este neutro ou negativo e apenas uma minoria coloca a culpa na criança pela mãe deixá-la sozinha em casa.

Comportamento adequado da criança

Desenho 8- Menina devolvendo o livro

A) O que está acontecendo neste desenho?

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelas crianças de 2ª a 4ª séries, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização, que ficou composto por apenas uma categoria, a descrição do desenho.

1- Descrição do desenho. Ex: A menina devolveu o livro para moço

Todos os alunos entrevistados de 4ª, 3ª e 2ª séries disseram o que estava acontecendo no desenho, a menina está devolvendo o livro para o moço e ele está agradecendo.

B) Por que a criança do desenho está agindo assim?

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelas crianças de 2ª a 4ª séries, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização, que ficou composto por três categorias, a rotulação positiva da criança, a atribuição positiva da atitude da menina aos pais e resposta incongruente à questão.

1- Rotulação positiva da criança

A menina é educada. Ex: Ela é muito educada

2- Atitude da menina atribuída positivamente aos pais

Os pais educaram bem a menina. Ex: A mãe e o pai educaram a menina direitinho

3- Resposta Incongruente. Ex: Para ver se está tudo certo e depois mostrar para os pais

Os resultados mostram que a maioria das crianças entrevistadas de todas as séries (4^a-87,5%, 3^a-95%, 2^a-85%) tende a rotular a menina pelo seu bom comportamento com o adulto, classificando-a como bem educada.

Quanto ao sexo, 100% dos meninos da 2^a e 3^a séries concentram suas respostas nesta categoria e somente as meninas de todas as séries deram respostas incongruentes (4^a-7,5%, 3^a-5%, 2^a-7,5%).

Desenho 9- Crianças jantando, obedecendo aos pais.

A) O que está acontecendo neste desenho?

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelas crianças de 2^a a 4^a séries, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização, que ficou composto por apenas uma categoria, a descrição do desenho.

1- Descrição do desenho. Ex: As crianças estão jantando com os pais e a mãe fala para elas escovarem os dentes e ir dormir e os filhos dizem está bem, eles obedecem aos pais.

Todos os alunos das três séries descrevem o que está acontecendo no desenho.

B) Por que a criança do desenho está agindo assim?

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelas crianças de 2^a a 4^a séries, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização, que ficou composto por três categorias, a rotulação positiva das crianças, a atribuição positiva da atitude das crianças aos pais e não saber responder à questão.

1- Rotulação positiva das crianças

1.1-As crianças são educadas. Ex: Os filhos são muito educados.

1.2-As crianças são obedientes. Ex: Os filhos são obedientes com os pais

2- Atitude atribuída positivamente aos pais

Os pais ensinaram as crianças a ser bem educadas. Ex: Os pais deram educação para os filhos.

3- *Não sabe*. Ex: Não sei

Os dados mostram que a maioria das respostas dos entrevistados das três séries estão na categoria 1 (4^a-77,4%, 3^a-85%, 2^a-80%), ou seja, eles rotulam as crianças do desenho como bem educadas e obedientes.

Desenho 10- Menina levantando a mão na sala de aula

A) O que está acontecendo neste desenho?

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelas crianças de 2^a a 4^a séries, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização, que ficou composto por apenas uma categoria, a descrição do desenho.

1- *Descrição do desenho*. Ex: A menina quer mostrar o caderno para a professora.

Todos os alunos de 3^a, 2^a e 4^a séries responderam que a menina está levantando a mão e pedindo para mostrar o caderno para a professora, ou seja, descrevem o desenho.

B) Por que a criança do desenho está agindo assim?

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelas crianças de 2^a a 4^a séries, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização, que ficou composto por cinco categorias, que vão desde a rotulação positiva da criança, a atribuição positiva da atitude da menina à outras pessoas, inferência sobre os motivos do comportamento da menina até respostas incongruentes e não saber responder à questão.

1- *Rotulação positiva da criança*.

A menina é educada/ esperta/boa aluna. Ex: Ela é muito educada

2- *Responsabilidade da atitude da aluna atribuída positivamente à outras pessoas*

Os pais deram educação para a filha. Ex: Os pais ensinaram para a menina que quando a gente quer falar na sala de aula com a professora tem que levantar a mão, tem que ser educado.

3- *Inferência sobre os motivos do comportamento da menina*

A menina quer aprender. Ex: A menina está levantando a mão para a professora ver o que ela quer, ela quer aprender cada vez mais.

4- *Resposta Incongruente*. Ex: A professora gosta dela

5- *Não sabe*. Ex: Não sei

Os resultados mostram que há uma tendência da maioria dos entrevistados de todas as séries (4^a-66,2%, 3^a-72,5%, 2^a-85%) em rotular a criança como bem educada. Há também um número considerável de crianças (4^a-15%, 3^a-12,5%, 2^a-7,5%) que infere a respeito do comportamento da menina, dizendo que ela quer aprender mais por isso o desejo de mostrar o caderno para a professora.

Vale notar que nestes três últimos desenhos em que a criança tem comportamento adequado, há respostas dos alunos dizendo que também os pais são considerados responsáveis pela boa educação, pela atitude correta apresentada.

Comportamento inadequado da criança

Frente aos Adultos

Desenho 11- Menina dizendo que não vai arrumar o quarto

A) O que está acontecendo neste desenho?

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelas crianças de 2^a a 4^a séries, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização, que ficou composto por apenas uma categoria, a descrição do desenho.

1- Descrição do desenho. Ex: A mãe pediu para a menina arrumar o quarto e a criança disse que a mãe não manda nela.

Todos os alunos entrevistados de 4^a, 3^a e 2^a séries descreveram o desenho.

B) Por que a criança do desenho está agindo assim?

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelas crianças de 2^a a 4^a séries, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização, que ficou composto por três categorias, que vão desde a rotulação negativa da criança, inferência sobre os motivos do comportamento da menina até a atribuição negativa da atitude da menina à outras pessoas.

1- Rotulação negativa da criança

A menina é mal educada. Ex: A menina é mal educada.

2- Inferência sobre os motivos do comportamento da menina

A menina não gosta de arrumar o quarto. Ex: Ela detesta arrumar o quarto por isto está respondendo deste jeito.

3- Atitude da menina atribuída negativamente à mãe.

A mãe não ensinou a menina a ser bem educada. Ex: A mãe que não deu educação para ela, ai ela ficou assim respondona.

A maioria das respostas dos alunos das três séries (4^a-57,5%, 3^a-65%, 2^a-70%) concentra-se na rotulação da criança, caracterizando-a como mal educada. Depois vem aqueles que inferem a respeito do comportamento da menina, dizendo que ela não gosta de arrumar o quarto (4^a-30%, 3^a-27,5%, 2^a-25%).

Desenho 12- Menino quebrando o brinquedo

A) O que está acontecendo neste desenho?

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelas crianças de 2^a a 4^a séries, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização, que ficou composto por apenas uma categoria, a descrição do desenho.

1- Descrição do desenho como um todo. Ex: O pai falando para o filho não quebrar o brinquedo e ele está jogando ele no chão

Todos os alunos de 4^a, 3^a e 2^a séries descreveram o desenho, dizendo que o menino jogou o brinquedo no chão e o pai pediu para ele não fazer isto.

B) Por que a criança do desenho está agindo assim?

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelas crianças de 2^a a 4^a séries, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização, que ficou composto por quatro categorias, que vão desde a rotulação negativa da criança, inferência sobre os motivos do comportamento do menino, a atribuição negativa da atitude do menino aos pais até não saber responder a questão.

1- Rotulação negativa da criança

O menino é mal educado. Ex: Porque ele é muito sem educação

2- Inferência sobre os motivos do comportamento do menino. Ex: O menino não gostou do brinquedo.

3- Atitude do menino atribuída negativamente aos pais.

Os pais não deram educação para o filho. Ex: Os pais não educaram ele direito.

4- Não sabe. Ex: Não sei

Neste desenho, a maioria das respostas das crianças das três séries (4^a-57,5%, 3^a-72,5%, 2^a-65%) concentra-se na rotulação do menino como mal educado; em seguida (4^a-

30%, 3^a-25%, 2^a-22,5%) aparece os motivos que levaram a criança a ser desobediente, não gostar do brinquedo, e também há um número de crianças (4^a-11,2%, 3^a-2,5%, 2^a-7,5%) que atribui o mau comportamento do filho aos pais, dizendo que estes não souberam educá-lo.

Desenho 13- Alunos conversando na sala de aula

A) O que está acontecendo neste desenho?

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelas crianças de 2^a a 4^a séries, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização, que ficou composto por apenas uma categoria, a descrição do desenho.

1- Descrição do desenho. Ex: Os alunos do fundo estão conversando e os da frente estão quietos.

Todos os alunos de 4^a, 3^a e 2^a séries descreveram o desenho.

B) Por que a criança do desenho está agindo assim?

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelas crianças de 2^a a 4^a séries, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização, que ficou composto por seis categorias, que vão desde inferência sobre os motivos do comportamento das crianças, a rotulação negativa das crianças, a interpretação positiva dos alunos que conversam, a atribuição negativa da atitude das crianças à professora e à mãe até não saber responder a questão.

1- Inferência sobre os motivos do comportamento das crianças

Os alunos do fundo não gostam/querem fazer a lição. Ex: Estes alunos aí não gostam de estudar.

2- Rotulação negativa da criança

Os alunos do fundo são mal educados. Ex: Porque eles são mal educados

3- Interpretação positiva da atitude dos alunos que conversam

Os alunos estão conversando sobre a lição. Ex: Eles estão conversando sobre a lição, estão tirando dúvidas.

4- Atitude atribuída a ausência de atenção da professora para com os alunos do fundo

Ex: A professora não está dando atenção para eles, ai eles conversam mesmo.

5- Atitude das crianças atribuída negativamente à mãe.

A mãe não educou os alunos do fundo. Ex: A mãe não deu educação para eles

6- Não sabe. Ex: Não sei

As respostas dos alunos entrevistados estão divididas entre as categorias; para 46,2% das crianças de 4ª série e 45% de 3ª, há uma inferência sobre os motivos do comportamento dos alunos, estes não gostam de estudar por isto conversam durante a aula, já os de 2ª série (37,5%) rotulam os alunos, considerando-os como mal educados.

Desenho 14- Menina falando que não vai para a aula.

A) O que está acontecendo neste desenho?

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelas crianças de 2ª a 4ª séries, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização, que ficou composto por duas categorias, sendo uma delas a descrição do desenho e a outra referente à resposta incongruente.

1- Descrição do desenho. Ex: A menina está falando para o inspetor que não vai para a aula.

2- Resposta Incongruente. Ex: A filha está brigando com o pai.

A maioria dos alunos de 4ª, 3ª e 2ª séries descreveu o desenho, dizendo que a menina está falando para o inspetor que não vai para a aula (88,8%, 92,5% e 97,5% respectivamente). O restante das crianças de 4ª, 3ª e 2ª séries deram respostas incongruentes à esta questão.

B) Por que a criança do desenho está agindo assim?

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelas crianças de 2ª a 4ª séries, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização, que ficou composto por seis categorias, que vão desde inferência sobre os motivos do comportamento da criança, ao julgamento neutro da atitude da menina, sentimentos de antipatia entre professor e alunos, a rotulação negativa da criança, a atribuição negativa da atitude da criança relacionada à mãe até não saber responder a questão.

1- Inferência sobre os motivos do comportamento da criança.

A menina não gosta de estudar. Ex: Porque ela não gosta de estudar

2- Julgamento neutro da atitude da menina.

A menina está doente. Ex: A menina está doente por isto ela não quer ir para aula

3- Sentimentos de antipatia entre aluno e professor

A menina não gosta da professora. Ex: A menina não quer ir para aula porque ela não gosta da professora.

4- Rotulação negativa da criança.

A menina é mal educada. Ex: Ela é muito mal educada

5- Atitude da criança atribuída negativamente à mãe.

A mãe não deu educação para a menina. Ex: A menina está se comportando assim porque a mãe não deu educação para ela.

6- Não sabe. Ex: Não sei

A maioria das respostas dos entrevistados das três séries está na categoria 1 (4^a-51,2%, 3^a-70%, 2^a-57,5%), dizendo que a menina não gosta de estudar, seguido de um número considerável de respostas dos alunos de 3^a e 4^a séries (4^a-21,2%, 3^a-20%) que rotulam a criança dizendo que ela é mal educada, já os alunos de 2^a série (15%) atribuem o comportamento da menina a sentimentos de antipatia com relação a professora.

Nas respostas das crianças destes três últimos desenhos há a presença dos pais como responsáveis pelo seu comportamento inadequado.

Frente aos Pares

Desenho 15 – Crianças brigando fisicamente

A) O que está acontecendo neste desenho?

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelas crianças de 2^a a 4^a séries, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização, que ficou composto por apenas uma categoria, a descrição do desenho.

1- Descrição do desenho todo. Ex: Duas crianças brigando

Todos os alunos entrevistados de 4^a, 3^a e 2^a séries deram em suas respostas a descrição do desenho, dizendo que as crianças estão brigando fisicamente.

B) Por que a criança do desenho está agindo assim?

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelas crianças de 2^a a 4^a séries, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização, que ficou composto por quatro categorias, que vão desde o relacionamento negativo entre os pares, sentimentos de

antipatia entre as crianças, rotulação negativa das crianças até não saber responder a questão.

1- Relacionamento negativo ligado a problemas entre os pares por fatos acontecidos

Um fez alguma coisa para o outro. Ex: Um mexeu com o outro, fez alguma coisa.

2- Sentimentos de antipatia entre as crianças

Um não gosta do o outro. Ex: um menino não gosta do outro, aí começou a briga.

3- Rotulação negativa das crianças

As crianças são mal educadas. Ex: Eles são sem educação

4- Não sabe. Ex: Não sei

Quanto aos motivos da ação das crianças do desenho, o que mais aparece, e aqui também nas três séries avaliadas, é que uma das crianças deve ter feito alguma coisa ruim para a outra (82,5% das 4ª séries, 80% das 3ª e 67,5% das 2ª séries); com uma porcentagem bem menor aparece o não gostar do outro (7,5 % das de 4ª série; 12,5% das de 3ª série; 22,5% das de 2ª série) e o outro tipo de resposta diz respeito a um julgamento das crianças que são vistas como mal educadas (8,7% das de 4ª série e 7,5% das de 3ª série; 7,5% das de 2ª série).

C) O que as crianças estão sentindo?

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelas crianças de 2ª a 4ª séries, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização, que ficou composto por cinco categorias, sentimentos de frustração, sentimentos negativos gerais e específicos, sensações e não saber responder a questão.

1- Sentimentos de frustração

Raiva. Ex: Eles estão com muita raiva

2- Atribuição a sentimentos negativos específicos

Tristeza. Ex: Eles estão tristes

3- Atribuição a sentimentos negativos gerais

Mal. Ex: Eles estão se sentindo mal com esta briga

4- Sensações

Dor. Ex: Estão com muita dor, também com este monte de chutes

5- Não sabe. Ex: Não sei

Ao responder sobre os sentimentos experimentados pelas crianças ao brigarem, os alunos de 4ª, 3ª e 2ª séries falam de raiva (respectivamente 26,2%, 27,5%, 30%), mal-estar (20%, 12,5%, 7,5%), dor (42,5%, 55%, 50%) e tristeza (10%, 5%, 10%). Seriam todos sentimentos negativos.

Desenho 16- Crianças se agredindo verbalmente

A) O que está acontecendo neste desenho?

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelas crianças de 2ª a 4ª séries, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização, que ficou composto por apenas uma categoria, a descrição do desenho.

1- Descrição do desenho todo. Ex: Uma criança está mostrando a língua para a outra

Todas as crianças de 4ª, 3ª e 2ª séries dizem o que está acontecendo no desenho, um menino está mostrando a língua para o outro.

B) Por que a criança do desenho está agindo assim?

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelas crianças de 2ª a 4ª séries, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização, que ficou composto por quatro categorias, que vão desde o relacionamento negativo entre os pares, sentimentos de antipatia entre as crianças, rotulação negativa das crianças até não saber responder a questão.

1- Relacionamento negativo ligado a problemas entre os pares por fatos acontecidos

Um fez alguma coisa para o outro. Ex: Um fez alguma coisa com o outro, mexeu, coisa deste tipo.

2- Sentimentos de antipatia entre as crianças

Um não gosta do outro. Ex: Um detesta o outro

3- Rotulação negativa das crianças

As crianças são mal educadas. Ex: Elas são mal educadas

4- Não sabe. Ex: Não sei

Quanto à interpretação dos motivos para tal comportamento, novamente surge a idéia de que uma fez algo negativo em relação à outra (48,7% das de 4ª série, 40% das de 3ª

série, 52,5% das de 2ª série), não gostar do outro (40%; 40%; 40% respectivamente), bem como o rotular as crianças de mal educadas (6,2%; 20%; 5%). .

C)O que as crianças estão sentindo?

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelas crianças de 2ª a 4ª séries, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização, que ficou composto por cinco categorias, sentimentos de frustração, sentimentos negativos gerais e específicos, sensações e ausência de sentimentos.

1- Sentimentos de frustração

Raiva. Ex: Eles estão com raiva

2- Atribuição a sentimentos negativos específicos

Tristeza. Ex: Eles estão muito tristes

3- Atribuição a sentimentos negativos gerais

Mal. Ex: Estão se sentindo mal

4- Sensações

Dor. Ex: Estão com dor

5- Ausência de sentimento

Nada. Ex: Não estão sentindo nada

O que aparece são sentimentos negativos, que variam do mal estar para os alunos de 4ª, 3ª e 2ª séries (20%; 25%; 12,5%), à raiva (48,7%; 35%; 57,5%), à tristeza (22,5%; 40%; 25%), e numa porcentagem bem menor a dor e sem sentimentos.

A descrição dos desenhos dada pela maioria e muitas vezes por todos os alunos entrevistados das três séries sobre o que estava acontecendo na figura (letra a) mostra que o instrumento atingiu aquilo que ele se propôs a buscar.

Roteiro de Entrevista

Com relação ao roteiro de entrevista, dez perguntas foram feitas às crianças, a seguir a categorização:

1- Há coisas que acontecem na sala de aula que você gosta muito? O quê?

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelos alunos das três séries do Ensino Fundamental, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização, que ficou composto por cinco categorias.

1- *Especificação da área que gosta de estudar na sala de aula.* Ex. Português

2- *Preferência por uma atividade sem especificar qual*

2.1) Relacionada à sala de aula. Ex: Gosto de fazer lição, de desenhar, de leitura.

2.2) Relacionada ao lazer. Ex: Brincadeiras.

3- *Atividades relacionadas à professora.*

3.1) Na sala de aula, tarefas relacionadas as matérias. Ex: Quando a professora dá leitura

3.2) Na sala de aula, tarefas relacionadas ao lazer. Ex: De brincadeiras que a professora faz.

3.3) Humor e comportamento da professora. Ex: Quando a professora não briga com a gente.

4- *Premiação do aluno.* Ex: Quando eu faço toda a lição, a professora me dá parabéns.

5- *De não fazer nada.* Ex: Não gosto de nada na sala de aula.

As porcentagens das respostas dadas pelos alunos encontram-se na Tabela 40.

Tabela 40- Porcentagem de respostas dos alunos sobre o que gostam de fazer em sala de aula, divididos por série.

Séries	1- Esp/ da área que gosta de estudar.	2- Pref/ por uma at/ s/ especificar qual		3- Ativ/ relacionadas à professora			4- Premiação do aluno	5- De não fazer nada	Total
		Classe	Lazer	Matérias	Lazer	Comport/			
2ª série	25%	50%	2,5%	12,5%	0	0	7,5%	2,5%	100%
3ª série	40%	20%	7,5%	12,5%	5%	7,5%	7,5%	0	100%
4ª série	27,5%	23,8%	12,5%	11,2%	5%	2,5%	17,5%	0	100%
Média Total	30,8%	31,3%	7,5%	12%	3,4%	3,4%	10,8%	0,8%	100%

Há cinco categorias listadas nesta questão. 27,5% dos alunos de 4ª e 40% dos de 3ª, especificam a matéria e a elegem como tarefa preferida na classe. Já 50% das crianças de 2ª série realizar atividades como desenhar e ler é o que mais eles gostam de fazer em sala de aula. Meninos e meninas de todas as séries também gostam de brincadeiras e do bom humor da professora e quando esta os premiam por terem feito a lição certa. Apenas uma aluna da 2ª série diz não gostar de fazer nada na sala de aula

Pergunta 2 - E no recreio?

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelos alunos das três séries do Ensino Fundamental, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização, que ficou composto por duas categorias.

1 -Especificação da atividade que gosta de fazer no recreio

1.1) Relacionado ao lazer

- a) Brincar. Ex: Gosto de brincar
- b) Dançar/Escutar música. Ex: De dançar
- c) De andar/passear. Ex: De dar voltas na escola

1.2) Relacionada à alimentação

Comer. Ex: Eu gosto da merenda

2- Não gostar de nada. Ex: Nada de bom

As porcentagens das respostas dadas pelos alunos entrevistados encontram-se na Tabela 41.

Tabela 41- Porcentagem de respostas dos alunos sobre o que gostam de fazer no recreio, divididos por série.

Séries	1- Relacionada ao Lazer			2- Relac/ a alimentação	3- De não fazer nada	Total
	Brincar	Dançar	Passear	Comer		
2ª série	79%	7%	7%	7%	0	100%
3ª série	64,6%	0	6,2%	29,2%	0	100%
4ª série	74,2%	5,4%	9,7%	9,7%	1%	100%
Média Total	72,6%	4,1%	7,6%	15,3%	0,3%	100%

Os alunos das três séries concentram suas respostas em especificar atividades que gostam de fazer no recreio, dentre elas as relacionadas ao lazer, brincar, passear e dançar e a relacionada a alimentação, comer. Um menino da 4ª série não gosta de nada no recreio.

Pergunta 3- E em casa?

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelos alunos das três séries do Ensino Fundamental, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização, que ficou composto por duas categorias.

1- Especificação da atividade que gosta de fazer em casa

1.1)Relacionada ao lazer.

- a) Brincar. Ex: Gosto de brincar

b) Assistir televisão/ouvir música. Ex: De ver TV e ouvir música

c) Jogar vídeo game. Ex: Eu gosto de jogar vídeo game

1.2) Atividade relacionada ao trabalho.

Tarefas domésticas. Ex. Ajudar a minha mãe a olhar as crianças e limpar a casa

1.3) Atividade relacionada à escola

Fazer o dever de casa/Estudar Ex: De chegar em casa e fazer lição de casa.

2- Não tem nada que goste fazer em casa. Ex: Não tem nada de bom em casa.

As porcentagens das respostas dadas pelos alunos encontram-se na Tabela 42.

Tabela 42– Porcentagem de respostas dos alunos sobre o que gostam de fazer em casa, divididos por série.

Séries	1-Ativ/ Rel/ ao Lazer			2- Ativ/ Rel/ ao trabalho	3- Ativ/ Rel/ à escola	4- Ativ/ Rel/ aos pais	5- De não fazer nada	Total
	Brincar	Ver TV	Vídeo Game	Tarefas domésticas	Fazer o dever de casa	Passear com os pais		
2ª série	44,9%	22,2%	6,7%	4%	20%	2,2%	0	100%
3ª série	44,9%	18,4%	4%	10,2%	20,4%	0	2%	100%
4ª série	36,9%	18,4%	18,4%	10,7%	9,7%	3,9%	1,9%	100%
Média Total	42,2%	19,7%	9,7%	8,3%	16,7%	2%	1,3%	100%

Nesta questão também as respostas dos alunos de todas as séries especificam as atividades que gostam de fazer em casa. Com relação ao lazer, aparece brincar, assistir televisão e jogar vídeo game. Para os alunos da 4ª série (10,7%) ajudar a mãe no trabalho de casa é uma atividade que gostam de fazer, do total de 11 respostas, três são de meninos que além de realizar esta tarefa também gostam de brincar e jogar vídeo game, já das oito meninas, três gostam de brincar e as outras cinco elegem apenas esta atividade como sendo prazerosa; para os entrevistados de 3ª série (10,2%), sendo todas meninas, o trabalho doméstico aparece como única resposta a esta questão para três delas e para as outras duas assistir televisão e jogar vídeo game também são outras coisas que gostam de fazer; e para os de 2ª série (4%) esta atividade aparece na resposta de um menino e uma menina e ambos também gostam de brincar. Atividades relacionadas à escola e aos pais aparecem nas respostas dos alunos. Para um menino e uma menina da 4ª série e uma menina da 3ª não há nada que eles gostem de fazer em casa.

Pergunta 4- Há alguma coisa que acontece na sala de aula e que você acha errado? O quê?

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelos alunos das três séries do Ensino Fundamental, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização, que ficou composto por três categorias.

1- Provocações entre as crianças

1.1) Brigas. Ex: Quando as crianças brigam

1.2) Correr/Empurrar. Ex: Todo mundo ficar correndo, empurrando o outro.

1.3) Conversar na sala de aula. Ex: Os alunos ficam conversando.

1.4) Pegar as coisas dos outros sem pedir. Ex: Quando algum aluno pega as minhas coisas sem pedir.

1.5) Xingar/Discutir com os outros alunos. Ex: Os moleque ficarem xingando os outros.

2- Situações envolvendo a professora.

2.1) Desrespeitar a professora. Ex: Os alunos não respeitam a professora.

2.2) Críticas ao comportamento da professora. Ex: A professora grita com os alunos.

3- Não tem nada de errado na sala de aula. Ex: Não.

As porcentagens das respostas dadas pelos alunos encontram-se na Tabela 43.

Tabela 43- Porcentagem de respostas dos alunos sobre o que acontece de errado na sala de aula, divididos por série.

Séries	1- Provocações entre as crianças					2- Situação envolvendo a Professora		3- Nada de errado	Total
	Brigas	Correr	Conversar	Não pedir	Xingar	Desrespeitar	Críticas à profes/		
2ª série	35%	0	22,5%	7,5%	15%	17,5%	2,5%	0	100%
3ª série	37,2%	4,7%	27,9%	4,7%	7%	11,5%	2,3%	4,7%	100%
4ª série	38,3%	2,1%	28,7%	1%	16%	7,5%	2,1%	4,2%	100%
Média Total	36,8%	2,2%	26,4%	4,4%	12,7%	12,2%	2,2%	3,1%	100%

As provocações entre os alunos em sala de aula é a categoria que contém mais respostas das crianças das três séries. As brigas aparecem em primeiro lugar, seguido de conversa na sala em todas as séries; em terceiro lugar para os alunos de 4ª série (16%) xingar é a resposta que mais aparece, já para os de 3ª e 2ª (3ª-11,5% e 2ª-17,5%) desrespeitar a professora é considerado um comportamento inadequado em sala de aula.

Para quatro meninos da 4ª série, um menino e uma menina da 3ª série não há nada de errado na classe.

Pergunta 5- E no pátio da escola?

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelos alunos das três séries do Ensino Fundamental, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização, que ficou composto por três categorias.

1- Provocações entre as crianças

1.1) Brigas. Ex: De ficar brigando.

1.2) Empurrar. Ex: De empurra empurra.

1.3) Xingar. Ex: De um xingar o outro.

2- Situações envolvendo a inspetora

Desrespeitar a inspetora. Ex: De responder para a inspetora.

3- Não tem nada de errado. Ex: Não.

As porcentagens das respostas dadas pelos alunos encontram-se na Tabela 44.

Tabela 44- Porcentagem de respostas dos alunos sobre o que acontece de errado no pátio da escola, divididos por série.

Séries	1- Provocações entre as crianças			2- Situação envolvendo a Inspetora	3- Nada de errado	Total
	Brigar	Empurrar	Xingar	Desrespeitar		
2ª série	67%	22,8%	2%	2%	6,2%	100%
3ª série	72,5%	20%	5%	0	2,5%	100%
4ª série	68,8%	15%	5%	3,7%	7,5%	100%
Média Total	69,4%	19,3%	4%	1,9%	5,4%	100%

As provocações entre as crianças aparecem novamente como a categoria com maior número de respostas entre os entrevistados das três séries. As brigas e os empurrões são os comportamentos considerados inadequados que ocorrem no pátio da escola para a maioria das crianças de 4ª, 3ª e 2ª séries. Seis meninos e uma menina da 4ª série, uma menina da 3ª e um menino e uma menina da 2ª dizem não ter nada de errado no pátio.

Pergunta 6- E na saída da escola?

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelos alunos das três séries do Ensino Fundamental, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização, que ficou composto por três categorias.

1- Provocações entre as crianças

1.1) Brigas. Ex: Os meninos ficam brigando

1.2) Empurrar. Ex: De empurra empurra.

1.3) Xingar Ex: De xingar a outra criança.

2- Situações envolvendo a estrutura da escola

Primário e ginásio saírem juntos. Ex: O encontro do ginásio com o primário, aí saí empurra empurra.

3- Nada de errado. Ex: Não tem nada de errado.

As porcentagens das respostas dadas pelos alunos encontram-se na Tabela 45

Tabela 45- Porcentagem de respostas dos alunos sobre o que acontece de errado na hora da saída da escola, divididos por série.

Séries	1- Provocações entre as crianças			2- Situação envolvendo a estrutura da escola	3- Nada de errado	Total
	Brigar	Empurrar	Xingar	Primário e ginásio saírem juntos		
2ª série	36,2%	44,7%	4,2%	4,2%	10,6%	100%
3ª série	34%	50%	2,3%	6,8%	6,8%	100%
4ª série	48,2%	24,7%	4,7%	2,4%	20%	100%
Média Total	39,5%	39,8%	3,7%	4,5%	12,5%	100%

As brigas aparecem em 48,2% das respostas dos alunos da 4ª série, já para os de 3ª e 2ª, em seu maior número, os empurrões é algo errado acontecido na hora da saída. Uma categoria chama a atenção por se referir a organização da escola, em que os alunos de 1ª a 4ª saem juntos com os de 5ª a 8ª, para os entrevistados de 3ª e 2ª série este fato incomoda mais, talvez por eles serem menores, do que para os de 4ª série. Para nove meninos e oito meninas da 4ª série, um menino e duas meninas da 3ª e três meninos e duas meninas da 2ª não há nada de errado na hora da saída.

Pergunta 7 - Como você acha que deveria ser?

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelos alunos das três séries do Ensino Fundamental, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização, que ficou composto por duas categorias.

1- Mudança no comportamento das crianças.

1.1) Não ter brigas Ex: Não ter brigas.

1.2) Não ter conversa na sala de aula. Ex: Os meninos não podiam conversar na sala de aula.

2- Mudanças na organização da estrutura da escola

2.1) Mudanças na hora da saída. Ex: Ter filas na hora da saída e não ficar empurrando.

2.2) O ambiente como um todo deveria ser bom. Ex: Tudo na escola deveria ser bom.

As porcentagens das respostas dadas pelos alunos encontram-se na Tabela 46.

Tabela 46- Porcentagem de respostas dos alunos sobre as mudanças que poderiam ser feitas no ambiente escolar, divididos por série.

Séries	1- Mudanças no comportamento das crianças		2- Mudanças na organização da estrutura da escola		Total
	Não ter brigas	Não conversar na sala de aula	Ter filas na hora da saída	O ambiente todo ser melhor	
2ª série	40%	13,3%	6,7%	40%	100%
3ª série	51%	19,6%	23,5%	5,9%	100%
4ª série	57,4%	13,8%	16%	12,8%	100%
Média Total	49,5%	15,6%	15,4%	19,6%	100%

Com relação ao que mudar na escola, a maioria dos entrevistados da 3ª e 4ª séries gostaria que o comportamento das crianças mudasse, que as brigas parassem, enquanto para os de 2ª esta categoria também aparece em grande número nas opiniões dos alunos (2ª-40%), mas também em uma porcentagem igual há o desejo em mudanças na estrutura escolar, eles gostariam que o ambiente se transformasse como um todo. E há mais uma subcategoria com relação a mudanças na organização da escola, ter filas na hora da saída também é outra resposta dada pelas crianças das três séries.

Pergunta 8- Há alguma destas coisas que acontecem com você? Nesse caso, como você se sente?

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelos alunos das três séries do Ensino Fundamental, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização, que ficou composto por três categorias.

1- Provocações entre as crianças ocorridas em lugares específicos

1.1) Na sala de aula, trazendo sentimentos negativos. Ex: Um menino fica me xingando, me fazendo conversar na sala de aula. Sinto-me mal.

1.2) No recreio, trazendo sentimento de tristeza/raiva/dor. Ex: Um dia eu estava no recreio sentada no palco, veio um moleque, me empurrou e eu caí. Eu fiquei com raiva e com dor.

1.3) Na hora da saída, trazendo sentimentos de tristeza/raiva. Ex: Na hora da saída os meninos me empurram. Eu sinto raiva.

2- Provocações entre as crianças sem especificar o local

Brigas. Ex: Os meninos me xingam, falam um monte de palavrão, me batem. Me sinto ofendido.

3- Não acontece nada de errado com o aluno na sala de aula, no recreio e na saída.

Ex: Não.

As porcentagens das respostas dadas pelos alunos encontram-se na Tabela 47.

Tabela 47- Porcentagem de respostas das crianças se e o que acontece com elas de errado na escola, divididas por série.

Séries	1- Provocações entre as crianças ocorridas em lugares específicos			2- Provocações entre as crianças sem especificar o local	3- Não acontece nada de errado	Total
	Classe	Recreio	Saída	Brigas		
2ª série	10%	7,5%	10%	32,5%	40%	100%
3ª série	20%	5%	12,5%	20%	42,5%	100%
4ª série	8,7%	8,7%	10%	28,8%	43,8%	100%
Média Total	12,9%	7,1%	10,8%	27,1%	42,1%	100%

A maioria dos alunos de todas as séries disse que o envolvimento em brigas é o que acontece com eles de errado no ambiente escolar e que se sentem muito tristes diante desta situação.

Pergunta 9 - E em casa, acontece alguma coisa que deixa você chateado? O quê?

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelos alunos das três séries do Ensino Fundamental, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização, que ficou composto por três categorias.

1- Situações envolvendo as pessoas da família, em que as crianças são observadoras.

1.1) Quando os pais brigam/discutem. Ex: Quando meus pais brigam

1.2) Quando os pais saem e não levam a criança. Ex: Quando meus pais saem e não me levam.

1.3) Ciúmes da mãe com os irmãos. Ex: Não gosto quando minha mãe agrada mais meu irmão do que eu.

1.4) Não gostar de certas coisas que os pais/irmãos/parentes fazem. Ex: Não gosto quando meus parentes vão lá em casa brigar com meu pai.

2- Situações envolvendo diretamente a relação pais/irmãos e a criança

2.1) Uso de punição verbal por parte dos pais. Ex: Quando a minha mãe grita comigo.

2.2) Uso de punição física por parte dos pais. Ex: Quando minha mãe me bate.

2.3) Brigas com os irmãos. Ex: Quando eu brigo com meus irmãos.

3- Não há nada errado em casa. Ex: Nada

As porcentagens das respostas dadas pelos alunos encontram-se na Tabela 48.

Tabela 48- Porcentagem de respostas das crianças sobre fatos que acontecem em casa que eles não gostam, divididas por série.

Séries	1- Situações envolvendo a família – criança como observadora				2- Situações envolvendo pais/irmãos e a criança			3- Não há nada de errado	Total
	Pais	Passeio	Ciúmes	Discordância	PF	PV	Brigas		
2ª série	8,8%	8,8%	5,2%	12,3%	13,7%	13,7%	13,7%	23,8%	100%
3ª série	20,7%	3,2%	0	10,7%	13,2%	15,7%	8,2%	28,2%	100%
4ª série	17%	4,5%	4,6%	5,8%	12%	13,2%	24,6%	18,3%	100%
Média Total	15,5%	5,5%	2,8%	10,1%	13%	14,2%	15,5%	23,4%	100%

As respostas das crianças de todas as séries aparecem bem divididas entre as categorias. Para os alunos da 4ª série as brigas com os irmãos é o que mais incomoda, em seguida aparecem as brigas entre os pais e depois a punição verbal praticada por pai/mãe contra eles.

Já para 20,7% de entrevistados da 3ª a briga entre os pais é o que incomoda em casa, em seguida aparecem a punição verbal e física dos adultos dirigida à eles como algo que chateia as crianças no ambiente familiar.

Para os alunos de 2ª série, em seu maior número (na mesma porcentagem), aparece as punições físicas, verbais e as brigas com os irmãos, ou seja, as situações que envolvem diretamente a criança é o que incomoda e em terceiro aparece o desconforto em certos acontecimentos praticados por outras pessoas, não sendo estas ações diretamente voltadas para a criança.

Pergunta 10 - O que você gostaria que mudasse na sua casa?

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelos alunos das três séries do Ensino Fundamental, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização, que ficou composto por cinco categorias.

1- Mudanças das situações que não envolvem diretamente a relação pais/irmãos e a criança.

1.1) Que os pais parassem de brigar Ex: Que meus pais não brigassem mais

1.2) O jeito/a maneira dos irmãos agirem Ex: Que meu irmão mudasse, fosse mais legal.

2- Mudanças das situações envolvendo diretamente a relação pais/irmãos e a criança

2.1) Pararia com a punição física Ex: Que minha mãe parasse de me bater

2.2) Pararia com a punição verbal. Ex: Que meus pais não gritassem mais comigo.

2.3) Pararia com as brigas com os irmãos Ex: Que meu irmão parasse de me encher e a gente não brigasse mais.

3- Mudança do próprio comportamento Ex: Queria ficar mais bonzinho

4- Mudanças materiais

4.1) Reformas na casa e nos móveis como um todo Ex: Compraria um DVD, tocaria os móveis.

4.2) Mudaria de casa. Ex: Ia morar em uma casa nova

5- Não mudaria nada. Ex: Gosto de tudo, não mudaria nada.

As porcentagens das respostas dadas pelos alunos encontram-se na Tabela 49.

Tabela 49- Porcentagem de respostas dos alunos sobre o que mudariam em casa, divididos por série.

Séries	1-Mudanças indiretas		2-Mudanças diretas			3- Mudança do próprio comportamento	4-Mudanças materiais		5- Não mudaria nada	Total
	Pais	Irmãos	PV	PF	Brigas		Reformas na casa	Mudaria de casa		
2ª série	12,5%	25%	10%	7,5%	10%	0	20%	7,5%	7,5%	100%
3ª série	17,5%	22,5%	7,5%	7,5%	0	5%	10%	5%	25%	100%
4ª série	18,3%	19,5%	5%	5%	17,5%	1,2%	9,7%	5%	18,8%	100%
Média Total	16,1%	22,3%	7,5%	6,7%	9,2%	2,1%	13,2%	5,8%	17,1%	100%

Nesta questão também as respostas dos alunos das três séries transitam entre as categorias. As respostas dos entrevistados de 4ª série, em uma porcentagem bem próxima, estão em modificar o comportamento dos pais (fazendo com que eles parassem de brigar) e dos irmãos e gostariam que as brigas com os irmãos diminuíssem.

Os alunos de 3ª série, em um grande número, desejam que os irmãos transformem suas atitudes e que os pais parassem de discutir.

Os dados obtidos com os alunos de 2ª série mostram que um grande número deles mudaria as atitudes dos irmãos, em seguida há aqueles que fariam mudanças materiais na casa (compra de novos móveis, reformas nos cômodos, ampliação da casa) e 12,5% dos alunos gostariam que os pais não mais discutissem.

Discussão

Os resultados dessa investigação trouxeram muitos pontos a serem discutidos, dentre eles a importância que as crianças atribuem aos adultos no seu processo de socialização.

No que diz respeito ao comportamento adequado de pais e professores, na visão das crianças participantes do estudo, eles agem assim porque são bons e amorosos, cuidam e gostam da criança. Já quando os socializadores agem de uma maneira inadequada, a tendência dos participantes é considerar que a criança é a responsável pela maneira deles se comportarem frente a ela, assinalando que a punição acontece porque a criança fez algo de errado e que precisa ser corrigida.

Talvez isto aconteça porque na aplicação da punição física e verbal ocorra uma associação entre a dor sentida pela criança e o amor em relação aos adultos, que vem acompanhada de um discurso freqüente de que eles punem porque amam a criança e batem para o bem dela. Segundo Weber, Viezzer e Brandenburg (2004):

“Estes pontos contraditórios colocam a criança em uma situação de conflito em relação ao código moral sobre o que é certo e errado, já que os próprios pais podem contribuir para a ambivalência dos filhos quando dizem que a criança precisa apanhar para ser corrigida, porém ela não pode bater no irmão ou no amiguinho, por exemplo” (p.33).

Segundo Bolsoni-Silva e Marturano (2002), o uso de punições, além de não resolver os problemas de comportamento, leva a ressentimentos e a dificuldades na interação entre pais e filhos, comprometendo o relacionamento de amizade e cooperação que deveria ocorrer, além de favorecer o surgimento de problemas na vida adulta e mesmo na infantil, tais como baixa auto-estima e pouca flexibilidade comportamental diante às dificuldades encontradas no dia a dia.

Deste modo, há uma tendência da criança a não culpabilizar o adulto e sim justificar suas ações punitivas como necessárias face ao fato de que ela precisa ser educada, e a punição seria um dos meios para tal. Em outros termos, a criança mostra-se muito próxima dos adultos e também muito acessível á transmissão de regras e valores por eles feita. Ou

seja, ela se encontra disposta a ser corrigida, acatando as condições impostas pelos pais e professores.

Outros temas abordados nos desenhos foram os relacionados ao comportamento adequado e inadequado da criança. Os entrevistados interpretam que quando a criança se comporta bem, isto decorre da sua boa educação, e, inversamente quando elas apresentam um comportamento oposto, eles afirmam que elas são mal educadas.

Na avaliação das situações com os pares, as respostas evidenciam que as crianças têm uma percepção dos seus colegas também de acordo com o que os adultos costumam dizer, ou seja, as provocações advêm do fato de que o aluno fez alguma coisa para o outro.

Importante assinalar que, as crianças indicam seu incômodo com o fato de estarem sempre sujeitas ou observando brigas entre os companheiros; elas mostram suas dificuldades no lidar com os pares e consideram a agressão um comportamento errado, que deve ser mudado.

Talvez o fato da geração mais nova estar sendo criada em uma sociedade atual que desvaloriza as regras externas explícitas, a tal ponto que cada um pode escolher o modo de agir de acordo com suas preferências e crenças; pode estar dificultando a implantação de estratégias que leve a criança a um comportamento adequado, com controle e valorização da disciplina (Biasoli-Alves, 2002).

Os adultos, transmissores das normas e valores, se vêem perdidos ao tentar colocar limites e frear o mau comportamento da criança. E em muitas vezes, quando o professor se depara com tais situações, ele fica sem saber como agir para resolver e prevenir os múltiplos conflitos que surgem no cotidiano escolar, ele tem dificuldades de lidar com as situações de conflito, de maneira a propiciar ao aluno experiências educativas de interação social construtiva que favoreçam a sua formação ética e minimizem a violência na escola (Gonçalves et al., 2005).

Este fato se confirma quando os entrevistados deste estudo, relatam em suas respostas, que acham errado o professor gritar e brigar com o aluno e dizem que gostam quando o educador está de bom humor, elogia e premia a criança pela tarefa bem feita. Isto mostra que os professores não são apenas transmissores de conhecimento acadêmico, eles são detentores de outras tarefas, Leite (1997) diz que *“a relação professor aluno não se limita à apresentação dos papéis diferentes. Uma vez colocados na sala de aula, professor*

e alunos passam a construir uma dinâmica própria, e entre eles se desenvolvem, muitas vezes, intensas relações interpessoais (...)” (p. 312 e 313). Os professores são assim junto com os pais, pessoas essenciais na formação da criança e modelos a serem imitados por elas.

No processo de educação dos filhos, os pais também, em muitos momentos sentem confusos a respeito da melhor maneira de agir frente a diversas situações. Ao tentar colocar limites, eles podem usar métodos violentos, como bater no intuito de disciplinar a criança.

Em uma pesquisa feita em 2003 com quatrocentas e setenta e duas crianças (4^a e 5^a séries) e adolescentes (7^a e 8^a séries) de três escolas da cidade de Curitiba, sendo uma escola particular, uma municipal e um colégio estadual da região metropolitana, alguns dos dados mostraram que os entrevistados pensam que a criança que apanha vai querer bater em todo mundo e que bater é um jeito de provocar violência no futuro, isto demonstra que se a criança convive com a violência no ambiente familiar, isto pode gerar violência em outros contextos, por exemplo, no escolar (Weber; Viezzer; Brandenburg, 2004).

E os resultados desta pesquisa ilustram muito bem este fato, quando perguntados o que mais incomoda em casa, os participantes relataram que a punição física e verbal praticada por seus pais é um comportamento que eles repudiam e gostariam que os adultos modificassem estas atitudes. Um dado que chamou a atenção, foi que os entrevistados se incomodam com as brigas e discussões entre os pais, eles dizem que ver pai e mãe brigar é muito dolorido e gostariam que eles se relacionassem melhor.

Outra questão que pode estar ligada ao comportamento agressivo das crianças na escola é relacionado à televisão, os entrevistados dizem que assistir televisão é uma das atividades que mais gostam de fazer em casa e os desenhos aparecem como o programa preferido. Algumas mudanças podem ser feitas para que assistir televisão se torne um hábito mais saudável, tais como a criação de rotinas, nas quais as crianças devem realizar outras atividades, limitando o tempo diante da TV; a adequação de uma abordagem sobre a convivência com a TV à idade da criança, o diálogo entre os adultos e as crianças sobre os valores positivos para um ambiente não agressivo (Njaine; Minayo, 2004). Aqui também, a presença do adulto é de fundamental importância, tanto para assistir TV junto a criança, quanto para conversar com ela sobre os assuntos exibidos nos programas.

O que se afirma então, a partir dos resultados obtidos, é que a percepção das crianças, independentemente da série freqüentada, é de que dos adultos depende a sua educação, portanto, a responsabilidade deles é grande, seja no sentido do ensinar e transmitir os valores e as normas, seja no exercício do controle sobre a maneira da criança agir. Assim, é certo que reações agressivas e descontroladas que pais e professores usam no intuito de “educar” e “disciplinar” a criança está causando uma série de problemas, pois eles são modelos para as gerações mais novas e elas estão claramente refletindo no ambiente escolar o que aprendem com seus socializadores, então é preciso ter cuidado com a maneira de transmitir as regras para que se possa ter crianças capazes de se auto-controlar e conviver harmoniosamente com seus pares e com a sociedade como um todo.

E finalmente outro ponto a ser considerado, com os dados obtidos após o término da entrevista, é o da colocação dos participantes de que eles acharam fundamental as perguntas feitas sobre o que estariam sentindo as crianças dos desenhos. Isto indica, de certa forma, que eles transportaram este fato para a vida real, e mostraram que gostariam de ser perguntados sobre o que sentem em determinadas situações, sejam elas boas ou ruins.

Segundo Maldonado (1998) é fundamental que os adultos saibam escutar a criança e compreender o que sentem diante das situações que enfrentam, encorajando a expressão dos sentimentos de tristeza, raiva e medo, oferecendo o apoio necessário para que eles se sintam seguros, ao mesmo tempo em que incentivem sua independência e iniciativa para criar saídas e soluções para os problemas.

Rogers (1961) afirma que desde bem pequenas, as crianças apresentam capacidade de empatia, sendo essencial que os sentimentos de compaixão, compreensão e solidariedade sejam estimulados para contrabalançar a impulsividade e a violência.

De outro lado, fica evidente também a importância de dar voz às gerações mais novas, sobretudo quando se pretende ter dados que venham a subsidiar projetos futuros de intervenção, porque é a partir daí que se pode, de fato, identificar quais são suas necessidades e, então, qual o direcionamento que deve ser dado à intervenção. Assim, apoiado nos resultados obtidos neste estudo, propôs-se a direção da escola uma intervenção com os alunos de 4ª série baseada nos principais temas trazidos por eles, visando testar a adequação de uma forma de levar os alunos a desenvolverem um nível maior de tolerância.

Estudo III

Introdução

A Psicologia do Desenvolvimento assinala que é na infância que a criança incorpora os valores e normas de conduta transmitidos pelo seu grupo social (Rutter, 1996; Herbert, 2003); então, pode-se considerar ser este o momento propício para promover a assimilação dos fatores relativos à tolerância, à convivência com os pares, bem como qual seria sua opção diante de diferentes situações que envolvem conflitos, bem como as justificativas por eles propostas para suas escolhas.

O interesse em trabalhar estes assuntos com as crianças vem da necessidade primeiro de verificar qual a percepção que elas têm de fatos que são comuns no cotidiano das famílias, do contato com os pares, para a partir daí introduzir as questões vinculadas a Direitos e Deveres.

Assinale-se que respeitar o direito do próximo é antes de tudo, ao conviver com outras pessoas que pensam e agem de maneiras diferentes, ser capaz de tolerar aquilo que o outro apresenta e que não é exatamente o que se deseja ou se aprova, aceitando-o com suas características.

E tolerar é um dos princípios básicos para se conviver de forma harmoniosa com o outro; como afirma Madonado (1998):

“a tolerância é a base para fazer acordos de convívio, significa também ser capaz de tolerar frustrações, contornar obstáculos e modificar os próprios desejos, indispensáveis ao autocontrole da raiva e a frustração inevitáveis, de modo não destrutivo” (p. 114).

Formar indivíduos capazes de identificar quais são os seus direitos, como garanti-los e, ao mesmo tempo respeitar os dos outros não é tarefa fácil; trata-se de uma construção que deve ser iniciada desde a mais tenra idade, tendo os adultos a função de educar a criança de uma forma em que a experiência da convivência, da comunicação e da tolerância esteja presente cotidianamente, fazendo com que se tenha um processo de educação que a leve a desenvolver competência para lidar com o social, aptidão para exercer seus direitos, levando também em conta os dos que estão ao seu redor (Biasoli-Alves, 2001c).

E esta tarefa cabe aos pais e professores, já que a instituição escolar junto com a familiar tem co-responsabilidade no ato de formar a criança (Inforsato, 2001). A escola, além de intervir na transmissão de conhecimento acadêmico, influi no processo de socialização do aluno, dado que o seu ambiente propicia a ampliação das relações sociais com outros adultos e com seus pares (Perez, 2000).

Deste modo, a escola é um ambiente de muita importância no vir a ser da criança, segundo a Declaração de Princípios sobre a Tolerância (1995)¹⁵ no seu artigo quarto 4.1:

“A educação é o meio mais eficaz de prevenir a intolerância. A primeira etapa da educação para a tolerância consiste em ensinar aos indivíduos quais são seus direitos e suas liberdades a fim de assegurar seu respeito e de incentivar a vontade de proteger os direitos e liberdade dos outros” (p. 210).

E ainda no artigo quatro 4.4:

“... Por conseguinte, torna-se necessário dar atenção especial à melhoria da formação dos docentes, dos programas de ensino, do conteúdo dos manuais e cursos e de outros tipos de material pedagógico, inclusive as novas tecnologias educacionais, a fim de formar cidadãos solidários e responsáveis, abertos a outras culturas, capazes de apreciar o valor da liberdade, respeitadores da dignidade dos seres humanos de suas diferenças e capazes de prevenir os conflitos ou de resolvê-los por meios não violentos” (p. 210).

Então, educar para a tolerância implica em levar a criança a desenvolver sua competência para encontrar formas de resolver problemas que não incluam a violência, mas incluam o diálogo e a busca conjunta de solução (Gonçalves et al., 2005).

Nessa perspectiva, este estudo buscou avaliar e compreender como a criança lida com as diferenças e quais suas reações frente a situações conflitantes, para, a partir daí criar as condições de discussão capazes de fazer aparecer como ponto focal o respeito aos direitos humanos de cada pessoa, gerando como consequência enfatizar a necessidade da tolerância.

A importância de se investigar tais assuntos com a geração mais nova é inquestionável, quando se assume que é desde pequena que a criança está sendo formada como cidadã, levando-a a ampliar sua consciência de seus direitos e deveres (Biasoli-Alves, 2001c).

¹⁵ A Declaração de Princípios sobre a Tolerância está no livro organizado por Fischmann e Biasoli-Alves (2001d).

Objetivo Específico

1) Qual a reação os alunos dizem ter diante de situações que envolvem a família, tais como o irmão quebrar seu brinquedo, presenciar um ato de violência em casa; para depois propor e discutir formas de agir que vão na direção da tolerância e respeito à diversidade.

2) Qual a reação os alunos dizem ter diante de situações que envolvem sua relação com os pares, tais como características de outras crianças com cor de pele diferente, ser agredido no recreio por um aluno; para depois propor e discutir formas de agir que vão na direção da tolerância e respeito à diversidade.

3) Qual a reação os alunos dizem ter diante de situações que envolvem participação em jogos e disputas, tais como seu time perder, alguém jogar mal; para depois propor e discutir formas de agir que vão na direção da tolerância e respeito à diversidade.

4) Qual a reação os alunos dizem ter diante de situações sociais mais amplas, tais como ceder o espaço para a participação dos outros; como responde à violência; para depois propor e discutir formas de agir que vão na direção da tolerância e respeito à diversidade.

Metodologia

Esta intervenção teve duas fases: 1) Intervenção Paralela; 2) Intervenção propriamente dita.

Fase 1 – Intervenção Paralela

Quando se iniciou a coleta de dados com os alunos, deparou-se com o problema da indisciplina na sala de aula. No início a pesquisadora tentou conversar com as turmas, pedindo que eles se comportassem, visto que isto não surtiu o efeito esperado, passou-se a ressaltar as características positivas dos alunos no intuito que eles se comportassem de uma forma mais adequada, todas as vezes que as crianças participavam da discussão havia elogios e incentivos por parte da pesquisadora (principalmente dos alunos mais indisciplinados); porém este método também não trouxe um bom resultado.

Diante deste fato, no terceiro dia de intervenção, após supervisão com a orientadora a respeito do que fazer frente ao comportamento inadequado das crianças, resolveu-se levar a efeito uma pré-intervenção na perspectiva behaviorista fazendo uso de um procedimento de custo de resposta (ou sistema de reforçamento por fichas), com o objetivo de diminuir a indisciplina na sala de aula para que o pretendido neste trabalho fosse atingido. O custo de resposta consiste na “*retirada contingente de um reforço após um comportamento problema ou inadequado*” (Rimm; Masters, 1983, p. 193), ou ainda conforme Simpson (1980) há uma aplicação de penas para certos tipos de comportamento inapropriado.

Segundo Hall (1973), este sistema é usado em salas de alunos com comportamento muito inadequado e que não respondem a elogios, atenção da professora ou outros reforçadores comuns. O sistema de reforçamento por ficha inclui o uso de pontos, fichas de jogos ou outros itens concretos que podem ser trocados por objetos ou atividades desejadas.

Neste caso, optou-se por usar um sistema de pontos com as salas. Foi estabelecido um total de 50 pontos por encontro (cada criança ganhava esta quantia de pontos no início da sessão), se caso a criança desrespeitasse alguma regra, ela era advertida e avisada que na próxima vez ela perderia 10 pontos. No quinto encontro o total de pontos conseguidos era trocado, no caso desta intervenção, por objetos.

Assim, foi perguntado aos alunos se eles aceitavam “jogar” este sistema de pontos; imediatamente eles responderem que sim e junto com a pesquisadora montaram as seguintes regras, que se não fossem seguidas acarretaria em perda dos pontos:

- Participar da discussão
- Não conversar com os colegas
- Não brigar (bater e xingar)
- Não sair da carteira
- Levantar a mão para falar
- Não fazer “graça”

Embora as regras tenham sido montadas pelos alunos do período da manhã, houve uma concordância por parte das crianças da turma da tarde em seguir as mesmas regras, elas não quiseram mudar nada e nem acrescentar outras.

No último encontro os objetos foram levados até a sala de aula para que os alunos pudessem trocar seus pontos por eles. Os objetos e seus respectivos “preços em pontos”

foram os seguintes: caneta especial (30 pontos), caneta (25 pontos), bloco (15 pontos), lápis (10 pontos), enfeite de cabelo (5 pontos), adesivos (5 pontos), pirulito (5 pontos) e chiclete (5 pontos).

Os alunos dos dois períodos responderam muito bem a este sistema com uma mudança visível no comportamento, eles se mostraram mais participativos e atentos depois da introdução deste método.

Fase 2- Intervenção

Para cumprir os objetivos desta intervenção, pediu-se a autorização da direção de uma Escola Pública (participante do Estudo I e II que mostrou interesse em dar continuidade à pesquisa), para poder ter contato direto com seus alunos de 4ª séries do EF, especificando quais os objetivos do terceiro estudo e as tarefas que deveriam ser executadas.

Obtida a anuência da direção da Escola, entrou-se em contato com os professores de duas 4ª séries, uma do período da manhã e outra da tarde, também assinalando quais os objetivos dessa etapa do trabalho, e solicitando que eles liberassem os alunos para a participação na intervenção.

Participantes

Duas classes de 4ª série do Ensino Fundamental, ambas com 24 crianças e com alunos do sexo masculino e feminino, uma do período da manhã e outra do período da tarde.

A escolha em trabalhar com os alunos de 4ª série foi baseada em dois pontos: 1- Estes alunos estão às vésperas de ingressar na 5ª série, devendo portanto, num futuro próximo, enfrentar várias mudanças no seu sistema escolar; 2- São crianças de 9/10/11 anos e portanto caracterizadas como pré-púberes, o que também significa estarem elas prestes a entrar em uma fase do desenvolvimento que envolve maior autonomia, distanciamento do controle familiar e grande influência do grupo de companheiros.

Material

Para se trabalhar com questões sobre Direitos Humanos, Tolerância e Cidadania, tomou-se por base o livro organizado por Fischmann e Biasoli-Alves (2001d), que traz em um dos seus capítulos um tipo de jogo que consiste em lançar uma certa situação com duas possíveis alternativas a serem escolhidas pelos seus participantes.

Um conjunto de quatro cartazes foi utilizado

A tolerância começa em Casa;

A Tolerância cria Amizades;

A tolerância detém a Violência;

A tolerância traz a Paz.

Cada um destes cartazes é composto de cinco situações, desenhadas na forma de caricatura, seguida de uma descrição do que estava se passando, tendo depois dois tipos de resposta para o participante escolher uma delas, sendo uma direcionada para a revanche, a culpa, a baixa auto-estima, a incompreensão, a desobediência, e o outro voltado para a tolerância, a recusa à agressão, a busca por ajuda e recursos para enfrentar situações adversas, a compreensão face à diversidade, a serem propostos na forma de jogos orais.

Procedimento

Após a anuência da Direção em permitir que a pesquisadora continuasse a realização da pesquisa na escola e de ter conversado com as professoras de 4ª série, se deu início a intervenção.

O procedimento implicou em realizar sessões, em separado com os alunos de cada classe, no seu período de frequência à Escola, em espaço destinado a este trabalho pela direção, sendo os alunos liberados de uma aula (50/60 minutos) para poderem participar.

Ao todo foram feitas cinco sessões, no decorrer de uma semana, seis meses após o término do Estudo II. Os encontros foram divididos em duas partes: na primeira era apresentado o cartaz do dia, com as respectivas situações e solicitado a cada criança que se colocasse na situação e dissesse como reagiria; na segunda uma discussão coordenada pela pesquisadora era feita, buscando mostrar o que seria mais certo e desejável e os inconvenientes da outra opção; a duração média das sessões foi de 50 minutos, sendo as repostas dadas registradas por um observador, que também tinha a tarefa de anotar os comportamentos manifestados pelas crianças no decorrer das discussões, sobretudo sua

forma de se relacionar com os colegas. A partir da segunda sessão, foi introduzida, uma verificação, antes da apresentação do cartaz do dia, em que era solicitado aos participantes que relatassem se haviam vivenciado no intervalo entre a sessão anterior e a que se iniciaria, alguma situação semelhante às discutidas e, em caso positivo, qual havia sido sua reação.

Iniciou-se a primeira sessão com a apresentação da pesquisadora e da pessoa que a acompanhava, explicando os objetivos às crianças do que seria a atividade do dia, dando a seguir um tempo para responder às dúvidas que surgissem, pedindo depois que cada criança se apresentasse.

Análise dos dados.

Os dados foram analisados de forma quantitativa. Mas, assinala-se que, quando além da resposta específica à pergunta feita, a criança trouxe mais dados, às vezes exemplos e relatos de situações vivenciadas, acrescentou-se, ao final da análise quantitativa uma complementação.

Resultados

1ª encontro: “A Tolerância Começa Em Casa”

Os dados obtidos a partir das respostas dos alunos das turmas da manhã e da tarde encontram-se na Tabela 50.

Tabela 50- Frequência e porcentagem de respostas de alunos de 4ª série (manhã e tarde) frente a situações propostas no 1ª encontro.

	Situações	Alternativas de Respostas	Turma da manhã		Turma da Tarde		Total	
			F	%	F	%	F	%
1ª Encontro: A Tolerância Começa Em Casa N= 24 alunos	<i>1-Irmãozinho quebrou brinqu/</i>	<i>a) Perdoa</i>	7	29,2%	19	79,2%	26	54,2%
		<i>b) Bate nele</i>	17	70,8%	5	20,8	22	45,8%
	2- Presencia ato de violência em casa	a) Não faz o mesmo	22	91,7%	18	75%	40	83,3%
		b) Sente que fica violento	2	8,3%	6	25%	8	16,7%
	<i>3- É Tratado com violência</i>	<i>a) Devolve na mesma moeda</i>	19	79,2%	17	70,8%	36	75%
		<i>b) Diz NÃO e procura ajuda</i>	5	20,8%	7	29,2%	12	25%
	4- Não quer passear com a família	a) Escândalo	4	16,7%	7	29,2%	11	23%
		b) Vai passear	15	62,5%	17	70,8%	27	56,2%
		Não respond/	5	20,8%	0	0	10	20,8%

Com relação a este primeiro encontro, cujo tema foi “A Tolerância Começa Em Casa”, das quatro perguntas feitas, as duas salas mostraram três respostas em comum, sendo que duas delas trazem o tema da violência, porém com atitudes opostas. Na primeira, a maioria dos alunos das duas turmas diz que não compactua com a violência quando esta acontece em casa, porém em outra questão quando alguém os trata com violência, a maioria devolve na mesma moeda. Isto mostra que quando eles são expectadores de um ato de violência em casa há uma tendência em não compactuar com este tipo de comportamento, porém quando a violência os atinge diretamente, eles revidam.

A outra resposta em comum nas duas turmas diz respeito ao passeio com a família, a maioria dos alunos relatou que passeia com a família para não criar caso. E há um número de crianças do período da manhã que não sabe como agir diante desta situação.

A única questão divergente entre as turmas é sobre bater no irmão menor; a maioria dos alunos do período da manhã bate na criança e os da tarde acham melhor perdoá-la.

A segunda questão (quando presencia um ato de violência em casa) suscitou uma série de desabafos por parte dos alunos do período da tarde. Um menino relatou que a violência está presente na casa dele, entre os pais, e quando os pais brigam, ele entra no meio para que eles parem; ele usa métodos como gritar e mandar os pais calarem a boca; disse também que tem vezes que sente vontade de bater no pai por este agredir a mãe. As outras crianças também disseram presenciar as brigas entre os pais e que esta é uma situação muito ruim e dolorida para elas. Elas disseram que seria melhor que os pais conversassem ao invés de brigar.

No final deste encontro houve uma discussão do tema com os alunos dos dois períodos e propôs-se que eles pensassem no que foi conversado e trouxessem questões para se trabalhar no outro dia.

2ª encontro: “A Tolerância Cria Amizades”

As respostas dos alunos às questões iniciais se haviam pensado no que tinha sido discutido anteriormente e se havia acontecido algo semelhante, mostraram que: alguns da turma da manhã disseram que tinham brigado com o irmão menor e que bateram, pois na hora nem pensaram no que tinha sido discutido no encontro passado. Já os da classe da tarde iniciaram a sessão falando dos pontos discutidos no primeiro encontro; um disse que

brigou com o irmão menor e bateu nele, mas lembrou da conversa tida no encontro, e justificou que o irmão foi quem provocou e que ele era muito folgado, outra criança disse que o irmão veio provocá-lo, mas ela saiu de perto evitando a briga.

A seguir, foi trazida à tona a questão de que “A Tolerância Cria Amizades”, composta por cinco questões. As respostas dos alunos das turmas da manhã e da tarde encontram-se na Tabela 51.

Tabela 51- Frequência e porcentagem de respostas de alunos de 4ª série (manhã e tarde) frente a situações propostas no 2ª encontro.

	Situações	Alternativas de Respostas	Turma da manhã		Turma da Tarde		Total	
			F	%	F	%	F	%
2ª Encontro: A Tolerância Cria Amizades N= 24 alunos	1- <i>Maria está mal vestida</i>	a) <i>Não tem importância</i>	14	58,3%	22	91,7%	36	75%
		b) <i>Riem dela</i>	10	41,7%	2	8,3%	12	25%
	2- Maria tem cor de pele diferente	a) Procura conhecê-la.	24	100%	24	100%	48	100%
		b) Não gosta de gente desta cor	0	0	0	0	0	0
	3- <i>Tem que sentar perto de alunos do outro sexo</i>	a) <i>Conversa com este aluno</i>	10	41,7%	19	79,2%	29	60,4%
		b) <i>Diz que todos são chatos</i>	14	58,3%	5	20,8%	19	39,6%
	4- Vê alguém ser agredido no recreio	a) Defende a pessoa	10	41,7%	14	41,7%	24	50%
		b) Finge que não vê	14	58,3%	10	58,3%	24	50%
	5- <i>A criança deficiente se aproxima</i>	a) <i>Conversa com ela</i>	23	95,8%	22	91,7%	45	93,8%
		b) <i>Desvia o olhar</i>	1	4,2%	2	8,3%	3	6,2%

As crianças de ambas as turmas se mostraram muito abertas às questões referentes a diferentes tipos de diversidade, a maioria não têm preconceito contra pessoas de outra cor, ou deficientes ou com o fato da criança estar mal vestida. Apenas quando o assunto é ser menino ou menina, a maioria dos alunos da manhã diz não querer conversar com o sexo oposto, rotulando-o como chato, ao contrário da sala da tarde que tenta conversar com ele e conhecê-lo melhor.

Em uma outra pergunta sobre violência, a maioria das crianças dos dois períodos em um mesmo número, diz fingir que não vê o outro apanhando e justifica esta resposta relatando que se defendesse esta pessoa poderia apanhar também.

Novamente discutiu-se sobre o tema deste dia e pediu-se aos alunos das duas turmas que pensassem no que foi conversado e trouxessem questões para se trabalhar no próximo encontro.

3ª encontro: “A Tolerância Detém A Violência”

As crianças das duas turmas não trouxeram nenhuma questão sobre o encontro anterior para ser discutida.

Em seguida o terceiro encontro foi proposto “A Tolerância Detém a Violência”.

As respostas dos alunos das turmas da manhã e da tarde encontram-se na Tabela 52.

Tabela 52- Frequência e porcentagem de respostas de alunos de 4ª série (manhã e tarde) frente a situações propostas no 3ª encontro.

	Situações	Alternativas de Respostas	Turma da manhã		Turma da Tarde		Total	
			F	%	F	%	F	%
3ª Encontro: A Tolerância Detém Violência N= 24 alunos	1- Se o seu grupo está perdendo	a) Vc anima o grupo até o fim	20	83,3%	22	91,7%	42	87,5%
		b) Fica furioso	4	16,7%	2	8,3%	6	12,5%
	2- Seu time perdeu	a) Dá parabéns p/ quem ganha	15	62,5%	3	12,5%	18	37,5%
		b) Recusa a cumprimentar quem ganha	9	37,5%	21	87,5%	30	62,5%
	3- Uma nova pessoa joga mal	a) Se lembra que já jogou mal	19	79,2%	14	58,3%	33	68,8%
		b) <i>Pede que substitua a pessoa</i>	5	20,8%	10	41,7%	15	31,2%
	4- Se você se sente violento	a) Chuta a bola com raiva	17	70,8%	20	83,3%	37	77,1%
		b) Agride a todos que o incomodam	7	29,2%	4	16,7%	11	22,9%
	5- Se o árbitro apita uma infração	a) <i>Aceita as regras do jogo</i>	17	70,8%	15	62,5%	32	66,7%
		b) <i>Discute até o fim</i>	7	29,2%	9	37,5%	16	33,3%

A discussão foi sobre jogos e grupos, vitórias e derrotas. A maioria dos alunos dos dois períodos trouxe o mesmo tipo de resposta em quatro questões.

Houve divergência apenas com relação à derrota do time e suas conseqüências, os alunos da turma da manhã assinalaram que cumprimentam o time vencedor, já os da tarde disseram não dar parabéns aos adversários. Os alunos do período da tarde ainda relataram

que se cumprimentam os vencedores é porque são obrigados pela professora e não por vontade própria.

Este encontro trouxe uma série de questionamentos por parte dos alunos da turma da manhã, eles disseram que várias crianças estavam mentindo em suas respostas, relatando que todos ali sabiam o que era certo (aceitar a derrota, não ser violento, não julgar um companheiro que joga mal), porém quando se deparavam com o fato faziam exatamente o contrário, sendo difícil agir corretamente diante de situações que pedem autocontrole. Diante disto, discutiu-se este tema, em que as pessoas sabem qual a atitude certa a tomar, mas em muitas vezes agem de um modo inadequado. Esta questão levantada pelos alunos mostra o efeito do próprio processo da intervenção, em que eles começam a refletir sobre as formas mais adequadas de reação (voltadas para a tolerância, à recusa a agressão), embora ainda seja difícil agir de acordo.

Pedi-se aos alunos das duas turmas que pensassem sobre o tema e trouxessem questões para discutir no dia seguinte.

4ª encontro: “A Tolerância Traz A Paz”

As respostas dos alunos às questões iniciais se haviam pensado no que tinha sido discutido anteriormente e se havia acontecido algo semelhante, mostraram que: os da manhã relataram que houve aula de Educação Física no dia anterior (após o encontro) e que o time deles perdeu, eles refletiram no que foi conversado no encontro e alguns disseram que mudaram a sua atitude (cumprimentaram os vencedores, não criticaram os colegas que jogaram mal) e outros apenas lembraram da conversa, mas mantiveram sua reação de frustração, recusando-se a cumprimentaram o time adversário. Os da tarde não trouxeram questões para a discussão.

Em seguida o terceiro encontro foi proposto “A Tolerância traz a paz”.

As respostas dos alunos das turmas da manhã e da tarde encontram-se na Tabela 53.

Tabela 53- Frequência e porcentagem de respostas de alunos de 4ª série (manhã e tarde) frente a situações propostas no 4ª encontro.

	Situações	Alternativas de Respostas	Turma da manhã		Turma da Tarde		Total	
			F	%	F	%	F	%
4ª Encontro: A Tolerância Traz A Paz N= 24 alunos	1- <i>Você não concorda com alguém</i>	a) <i>Procura ouvir o outro</i>	20	83,3%	18	75%	38	79,2%
		b) <i>Não deixa a pessoa falar</i>	4	16,7%	6	25%	10	20,8%
	2- Na aula vc já respondeu	a) Dá a vez p/ os outros	15	62,5%	16	66,7%	31	64,6%
		b) Continua respondendo	9	37,5%	8	33,3%	17	35,4%
	3- <i>Você responde à violência</i>	a) <i>Dizendo NÃO</i>	20	83,3%	13	54,2%	31	64,6%
		b) <i>Com mais violência</i>	4	16,7%	6	25%	11	22,9%
		c) <i>Não faz nada</i>	0	0	5	20,8%	6	12,5%
	4- Alguém traiu sua confiança	a) Você pede explicações	8	33,3%	15	62,5%	23	47,9%
		b) Você se vinga	16	66,7%	5	20,8%	21	43,8%
		c) Não fala + a pessoa	0	0	4	16,7%	4	8,3%
	5- <i>Para acabar com a guerra</i>	a) <i>Entender o que provoca as guerras</i>	9	37,5%	13	54,2%	22	45,8%
		b) <i>Não há nada a fazer</i>	8	33,3%	11	45,8%	19	39,6%
		c) <i>Não sabe</i>	7	29,2%	0	0	7	14,6%

Os alunos do período da manhã e da tarde apresentaram semelhanças e diferenças em suas respostas. A maioria dos alunos de ambas as turmas diz que procura ouvir o outro caso discorde dele, dá a vez para outra criança falar na sala de aula e responde à violência dizendo não. Vale lembrar que nesta última questão, os alunos da tarde acrescentaram mais uma resposta, dizendo que não fazem nada diante da violência, pois tem medo de apanhar e se meter em confusão, assim preferem manter uma atitude neutra diante desta situação.

Quando alguém trai a confiança, a maioria das crianças do período da manhã diz querer se vingar, já para os alunos da tarde pedir explicações é a melhor atitude a ser tomada e estes também relataram que uma outra opção seria não conversar mais com a pessoa que o traiu.

Com relação ao que fazer para a acabar com as guerras, os alunos das duas turmas se mostraram um pouco confusos em falar de um assunto distante que não faz parte do dia a dia deles, houve uma certa dificuldade em entender a perguntar e discuti-la.

5ª encontro-Encerramento.

Este último encontro teve como objetivo encerrar a intervenção. Fez-se um resumo do que foi discutido nas quatro sessões. A pesquisadora agradeceu as crianças pela colaboração e por participarem dos encontros.

Os objetos foram levados para que os alunos pudessem trocar seus pontos. Eles estavam muito felizes por “comprar” o que quisessem e segundo uma aluna: “É muito bom poder escolher o que eu quero levar, ainda mais que fui eu que consegui manter os meus pontos com a minha participação e cumprindo as regras que toda a sala montou junto!”

Os dados coletados mostraram semelhanças e diferenças entre as duas classes. Os alunos do período da manhã, em grande número de situações, deram respostas indicativas de intolerância e reações agressivas, porém suas atitudes foram mudando ao longo da intervenção, tanto na direção de escolher a opção do jogo que trazia a busca e o recurso para enfrentar situações adversas quanto para discutir e refletir sobre suas atitudes, muitas vezes inadequadas, e o que seria o melhor a fazer diante de uma ocasião conflitante. Os da turma da tarde, em seu maior número, apresentaram respostas voltadas para a tolerância e também ao longo da intervenção trouxeram vários assuntos para a discussão, numa expressão clara que estavam refletindo sobre o que era conversado durante os encontros.

Vale acrescentar, que em conversas paralelas com a pesquisadora as crianças que fizeram parte da intervenção relataram que aprenderam a conviver com a diversidade e ser tolerantes, dentre outros fatores, tendo conversas com os pais e discutindo em sala de aula com a professora sobre este tema.

Discussão

Os resultados deste estudo trouxeram vários pontos que merecem destaque.

Durante a intervenção os alunos das duas turmas disseram entender e conviver bem com as diferenças físicas das outras crianças, a maioria não tem preconceito contra pessoas de outra cor, ou deficientes ou com o fato de o colega estar mal vestido, por outro lado quando se deparam com situações de violência, brigas e discordâncias elas tendem a reagir de diferentes maneiras, quando são atingidas diretamente pela violência elas tendem a

reagir com mais violência, ao passo que se elas estão como expectadoras de atos agressivos, elas se sentem incomodadas e procuram não se envolver nestas situações.

Importante assinalar que o fato de se ter um predomínio de moralidade individualista na sociedade moderna (Biasoli-Alves, 2004) não favorece, em algumas situações em que a criança se sente diretamente atingida, o desenvolvimento de atitudes mais voltadas à tolerância, fazendo com que haja dificuldades em lidar com impasses e conflitos de modo não violento (Maldonado, 1998).

Outro dado que chamou a atenção nesta intervenção e também no Estudo II, foi o fato de os alunos trazerem para a discussão o problema das constantes brigas entre os pais. Ou seja, observar os adultos se agredindo gera mal estar. E, isto pode estar trazendo problemas para o desenvolvimento dessas crianças, pois conforme evidenciam estudos feitos nesta área (Dodge, 1986; Osofsky, 1995) crianças que testemunham violência entre os pais podem vir a imitar suas atitudes, já que elas vêem nestes adultos modelos a serem seguidos e, ao imitarem o comportamento agressivo dos pais, elas tendem a usar a violência em suas relações, dentro e fora do ambiente familiar, porque aprendem que a violência é uma maneira de controlar os outros, obter o que se deseja e evitar as frustrações.

E também há que se atentar sempre ao papel dos adultos na transmissão de valores às gerações mais novas. Levando em conta, os relatos de certas crianças sobre mudanças que começaram a fazer na sua forma de se comportar e mesmo de buscar conversar com os adultos sobre as questões de tolerância, vê-se a importância da comunicação, que assinale o certo e o errado, o desejável e o indesejável, as conseqüências da agressividade e da violência, bem como da abertura de condições para se dialogar com elas, como sendo formas de atuação que podem sim trazer benefícios para o desenvolvimento de atitudes marcadas pelo maior respeito à diversidade, bem como pela criação de outras maneiras de agir que não as caracterizadas pela violência.

Assim, se conviver de uma forma harmoniosa com os colegas nas mais diversas situações é difícil, seria importante que pais e professores apontassem qual o comportamento de que não gostaram, dizendo como se sentiram frente a esta atitude da criança e sugerindo alternativas para que ela se comporte de forma mais adequada, sem, contudo, usarem de acusações que podem interferir na sua auto-estima e prejudicar as

interações entre elas e seus socializadores, pois funcionam como punições (Bolsoni-Silva; Marturano, 2002).

Deste modo, transmitir regras, conversar com a criança quando ela não se comportou bem de modo que ela se sinta a vontade para interagir com os adultos, expressando seus sentimentos e suas dúvidas pode ser fundamental para que ela faça a assimilação do que foi dito e passe a agir de maneira mais tolerante em suas interações.

Concluindo, afirma-se que os dados do Estudo III trouxeram muitos pontos que sugerem ser necessário dar continuidade ao estudo desta temática, gerando novas reflexões, pois ficou evidente a importância de se dar voz à geração mais nova para que se possa intervir de fato nas suas reais necessidades, trabalhando questões como cidadania e respeito aos direitos de cada um.

Considerações Finais

No primeiro momento deste trabalho, em que se buscou verificar a percepção que pais e professores tinham a respeito das formas de educar as crianças e da violência doméstica contra elas optou-se por utilizar na coleta de dados uma entrevista estruturada (para os pais) e jogo de sentenças incompletas (também feita na forma de entrevista com os professores) por se pensar que estes instrumentos atingiriam os objetivos propostos.

O que se constatou na análise dos dados foi que estes instrumentos conseguiram alcançar o pretendido no estudo. Deste modo, a entrevista se mostrou um método eficaz ao investigar com os pais participantes questões relacionadas à educação dos filhos, pode-se através dela estabelecer uma boa relação entre entrevistador e entrevistado e as repostas surgiram de uma forma espontânea, atendendo ao que se esperava. Quanto aos jogos de sentenças incompletas, este instrumento quando aplicado aos professores trouxe uma resposta imediata deles, permitindo captar as opiniões destes participantes a respeito da educação de crianças, violência contra elas em casa e na escola.

A partir dos resultados obtidos neste primeiro estudo (relevantes e abrangentes) houve o interesse em dar continuidade à pesquisa (Estudos II e III). Quando se optou por construir desenhos no Estudo II, alguns fatores foram levados em conta, tais como a idade das crianças participantes (7 a 10 anos), o fato de muita delas terem dificuldade em ler e compreender questões relacionadas aos temas propostos, assim pensou-se que trabalhar com desenhos seria uma maneira eficiente de interagir com o público infantil e atingir o pretendido. Esta fase do estudo foi muito trabalhosa, principalmente pela necessidade de se contatar outro profissional para fazer as ilustrações que deveriam trazer situações escolares e familiares entre adultos e crianças (adequadas e inadequadas).

Quando os desenhos ficaram prontos, foram testados e finalmente pode-se começar a coleta de dados propriamente dita, observou-se que este instrumento atingiu os objetivos esperados, as crianças entrevistadas entenderem as ilustrações (a maioria descreveu o que estava se passando nos desenhos), responderam de uma maneira clara as perguntas feitas e ao final da entrevista elas disseram que gostaram muito dos desenhos.

O outro instrumento usado no Estudo II foi o Roteiro de Entrevista, perguntados sobre o que achavam certo e errado em casa e na escola, as crianças trouxeram respostas

além do esperado, falaram o que pensam sobre os adultos (pais e professores), seus pares, o que as incomodam e se pudessem o que mudariam para tornar os ambientes familiar e escolar melhores. Os alunos entrevistados se mostraram abertos a estas questões, respondendo-as de uma maneira objetiva e verdadeira.

O Estudo III trouxe vários questionamentos. Entrou-se na sala de aula para realizar a intervenção com os alunos de 4ª série, com todo o material pronto e os objetivos estabelecidos, porém o comportamento das crianças se mostrou tão fora de controle que após várias tentativas frustradas de alterar a maneira delas agirem teve-se que recorrer a uma técnica comportamental para que os alunos se comportassem melhor para só assim conseguir atingir os objetivos do estudo. Quando a técnica de abordagem comportamental foi proposta houve uma mudança significativa na atitude dos alunos, eles se mostraram mais participativos e bem comportados, demonstrando que a “premiação” (trocar pontos por objetos da lojinha) foi um método eficaz e aprovado por eles.

O instrumento utilizado na intervenção (questões formuladas através de jogos) trouxe dados importantes, ficou claro que as crianças não conseguem lidar bem com situações que envolvem auto-controle, a maioria delas reage de uma forma violenta com os colegas quando estão diante destas ocasiões. Porém com relação ao respeito à diversidade, a maioria se mostrou muito tolerante com as diferenças e dispostas a ajudar o próximo. Durante os encontros procurou fazer com que os alunos pensassem em suas atitudes e buscassem maneiras mais brandas ao lidar com os pares, discutindo questões ligadas à tolerância e respeito aos direitos e deveres do outro.

Deste modo, este trabalho trouxe muitos resultados importantes. O que se constatou no Estudo I (dentre outros dados), foi que apesar da maioria dos pais fazer uso da conversa como forma de conter o comportamento inadequado dos filhos, a punição mais severa (bater) ainda aparece como uma maneira de “educar” a criança seja sozinha ou associada a outras práticas como conversar e castigar. E este dado vem de encontro às respostas de alguns participantes sobre o que pensam sobre a violência doméstica contra a criança, eles dizem que é uma forma de educar em que a punição física é excessiva.

É preciso se ater a esta questão, pois os dados mostram que os adultos pensam que a violência contra a criança praticada pelos responsáveis por ela é uma forma de educar, nas palavras de uma mãe entrevistada: “Eu converso, converso, converso....quando eu vejo que

não adianta nada eu bato para valer, para mostrar que ele (o filho) está fazendo uma coisa errada e precisa me obedecer” , revelando que em muitos casos “o bater” se equipara a uma prática educativa ainda utilizada no século XXI.

Ficou claro também que os professores são grandes aliados na detecção da violência doméstica contra a criança, por eles conviverem diariamente com o aluno percebem através do próprio comportamento dele que as coisas não vão bem em casa e tentam agir de algum modo para acabar com este problema, porém o que se percebeu nos dados coletados é que alguns educadores sentem medo das conseqüências que a denúncia pode causar ou acham que não é um problema que diz respeito a eles, segundo a fala de uma professora que disse não fazer nada diante da violência doméstica: “Não gosto de me intrometer, acho que é um problema da família, particular”.

Porém, o se obteve nos dados coletados é que a maioria dos pais e professores entrevistados de escolas particulares e públicas repudia a violência contra a criança, se indignam com quem pratica tal ato e cobram soluções para este problema que vem atingindo famílias de todas as camadas sociais.

Paralelamente a estes dados, o que se obteve com as crianças nos Estudo II e III foi que dos adultos depende inteiramente a sua educação, elas mostraram-se muito acessíveis á transmissão de normas e valores por eles feita e os consideram modelos a serem seguidos. Ao mesmo tempo as crianças parecem estar incomodadas com algumas atitudes dos adultos, tais como as discussões entre pais, as punições físicas e verbais contra elas e as explosões de humor das professoras (gritos), assim é preciso que os adultos se atentem a seu papel de socializadores da geração mais nova, sendo mais consistentes e coerentes na transmissão dos valores.

Deste modo, este trabalho trouxe várias questões que merecem um olhar mais atento. Um assunto que apareceu com uma certa constância no discurso das crianças entrevistadas relaciona-se às brigas entre os pais e que podem estar influenciando negativamente as atitudes dos filhos frente a seus colegas. Porém, este é um assunto extenso e merece mais estudos, não se pretende aqui afirmar que apenas as discussões entre os pais é a responsável pela agressividade e intolerância da criança nas variadas situações, mas sim refletir e realizar mais pesquisas sobre este tema.

E ao investigar temas ligados à infância seria sempre importante levar em conta não só a opinião dos adultos (neste caso pais e professores), mas também ouvir o que a geração mais nova tem a dizer para que de fato possa se elaborar intervenções que atendam as suas reais necessidades.

Como disse um aluno de 10 anos quando perguntado o que ele achou dos desenhos e do roteiro de entrevista (Estudo II): “Gostei muito de tudo, principalmente das perguntas feitas nos desenhos sobre os sentimentos, é muito bom perguntar o que as crianças sentem, poder falar o que a gente acha certo e errado...as vezes os adultos vem e mandam a gente fazer um monte de coisa, mas nem param para ouvir a nossa opinião, o que a gente está sentindo, se está bem ou mal, feliz ou triste!”

Devolutiva com pais e professores

Os professores de 1^a a 4^a série do Ensino fundamental e os pais dos alunos de 4^a série das duas turmas que fizeram parte da intervenção da Escola Pública foram convidados a participar de dois encontros (separadamente, um encontro com os professores e um com os pais) com a pesquisadora e a orientadora no intuito de receber uma devolutiva sobre os três estudos feitos na escola.

A iniciativa em dar uma devolutiva a pais e professores partiu do princípio de que esta Escola participou de todas as etapas da pesquisa, sempre disposta em permitir que a pesquisadora realizasse entrevistas com seus professores, pais de alunos e com os próprios alunos. Porém a adesão de pais e professores foi muito baixa, cinco professores e apenas uma mãe compareceram aos encontros.

Mas mesmo devido ao baixo número de participantes, a devolutiva foi dada e as pessoas que estavam nos encontros acharam muito justo e produtivo ter um retorno sobre as pesquisas realizadas na escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Acevedo, J. **La Convencion sobre los Derechos del Niño**. UNICEF, Lima: Rádda Barnen, 1993.

Alves, P. B. **O brinquedo e as atividades cotidianas de crianças em situação de rua**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

_____. **Infância, tempo e atividades cotidianas de crianças em situação de rua: As contribuições da Teoria dos Sistemas Ecológicos**. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

Ariès, P. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

Badinter E. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

Baurind, D. **Effectes of authoritative control on child behavior**. Englewood Cliffts, N. J.: Prentice Hall, 1966.

Berger P. L.; Luckman T. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1976.

Biasoli-Alves, Z. M. M. **Desenvolvimento Humano**. Texto Didático. Ribeirão Preto: FFCLRP/USP, 1992.

_____. **Família- Socialização- Desenvolvimento**. Tese (Livre Docência) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 1995.

_____. **As Dimensões e a Prática de Educação da Criança e do Adolescente.** Texto Didático. Ribeirão Preto: FFCLRP/USP, 1996.

_____. Famílias Brasileiras do século XX: os valores e as práticas de educação da criança. **Temas em Psicologia: processos sociais e desenvolvimento**, Ribeirão Preto, n.3, p.33-49, 1997.

_____. A Pesquisa em Psicologia – análise de métodos e estratégias na construção de um conhecimento que se pretende científico. In: Romanelli, G.; Biasoli-Alves, Z. M. M. **Diálogos Metodológicos sobre Prática de Pesquisa.** Ribeirão Preto: Legis Summa, 1998. p. 135-157.

_____. Crianças e adolescentes: a questão da tolerância na socialização das gerações mais novas. In: Fischmann, R.; Biasoli-Alves, Z. M. M. **Crianças E Adolescentes – construindo uma cultura da tolerância.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001b. p.79-93.

_____. Crianças e adolescentes – Construindo uma cultura da Tolerância e da Solidariedade. In: Fischmann, R.; Biasoli-Alves, Z. M. M. **Crianças E Adolescentes – construindo uma cultura da tolerância.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001c. p. 27-32.

_____. A questão da disciplina na prática de educação da criança no Brasil do século XX. **Veritati – Revista da UCSal**, Salvador, v.2, n. 2, p. 243-259, jul. 2002.

_____. Pesquisando e intervindo com famílias de camadas sociais diversificadas. In: Althoff, C. R.; Elsen, I.; Nitschke, R. G. **Pesquisando a família: Olhares contemporâneos.** Florianópolis: Papa Livro Editora, 2004. p. 91-106.

_____; Caldana, R. H. L.; Dias da Silva, M. G. F. Práticas de educação da criança na família: a emergência do saber técnico-científico. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, v. 7, n. 1, p. 49-62, 1997.

_____; Dessen, M. A. C. O estudo da família como base para a promoção da tolerância. In: Fischmann, R.; Biasoli-Alves, Z. M. M. **Crianças E Adolescentes – construindo uma cultura da tolerância**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001a. p.183-193.

_____; Fischamann R. Pensemos um mundo diferente a partir dos Direitos da Criança: Escuta meus Direitos e Ensina-me meus Deveres. In: _____
Crianças E Adolescentes – construindo uma cultura da tolerância. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001d. p. 217-229.

Bolsoni-Silva, A. T.; Marturano E. M. Práticas educativas e problemas de comportamento: uma análise à luz das habilidades sociais. **Estud. Psicol.**, Natal, v. 2, n. 7, p. 227-235, jul - dez. 2002.

Bordão-Alves, D. P. **Maltrato infantil: práticas e concepções de negligência sob a ótica do Conselho Tutelar e das famílias**. Monografia - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2005.

Bringiotti, M. I. **La escuela ante los niños maltratados**. Buenos Aires: Piados, 2000.

Brito, A. M. M. et al. Violência doméstica contra crianças e adolescentes: estudo de um programa de intervenção. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 10, n. 1, p. 143-149, jan-mar. 2005.

Bronfenbrenner, U. **The two worlds of childhood (URSS and USA)**. Harmonds Worth, Penguin Books, 1974.

_____. Ecological systems theory. **Annals of Child Development**, v. 6, p. 187-249, 1989.

_____. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. Tradução Maria Adriana Veríssimo. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

_____. **Making Human Beings Human. Bioecological Perspectives on Human Development**. Cornell University. California: Sage publications, 2005.

Bruschini, C. Teoria crítica da família. In: Azevedo, M. A.; Guerra, V. N de A. **Infância e Violência Doméstica: fronteiras do conhecimento**. São Paulo: Cortez, 1997. p. 49-77.

Caldana, R.H.L. **Família: Mulher e Filhos. Três Momentos Numa Revista Católica Brasileira (1935 a 1988)**. Dissertação de Mestrado. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 1991.

_____. A criança e sua educação na família no início do século: autoridade, limites e cotidiano. **Temas em Psicologia**, v. 6, n. 2, p. 87-103, 1998.

_____; Biasoli-Alves Z. M. M Família e educação de filhos no Brasil: orientações numa Revista Católica (1935-1988). In: Bittencout, C. M. F.; Iokoi, Z. M. G. **Educação na América Latina**. São Paulo: EDUSP, 1996. p. 189-200.

Camino, C.; Camino, L.; Moraes, R. Moralidade e socialização: estudos empíricos sobre práticas maternas de controle social e o julgamento moral. **Psicologia Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 41-61, 2003.

Ceballos, E.; Rodrigo, M. J. Las metas y estrategias de socialización entre padres y hijos. In: Palacios, J.; Rodrigo, M. J. **Família y desarrollo humano**. Madrid: Alianza Editorial, 1998. p. 225- 243.

Cecconello, A. M.; De Antoni, C.; Koller, S. H. **Práticas educativas, estilos parentais e abuso físico no contexto familiar**. *Psicologia e Estudos*, v. 8, p. 45-54, 2003.

Day V. P. et al. Violência doméstica e suas diferentes manifestações. **Revista Psiquiátrica**, Rio Grande do Sul, v. 25, n. 1, p. 9 – 21, abr. 2003.

Delfino, V. et al. A identificação da violência doméstica e da negligência por pais de camada média e popular. **Texto e Contexto – Enfermagem**, Florianópolis, v. 14, n. especial, p. 38-46, 2005.

Delors, J. Educar para o futuro. **O Correio da UNESCO**, v. 24, n. 6, p. 6-11, 1996.

Deslandes, S. F. Atenção a crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica: análise de um serviço. **Cad Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.10, n. 1, p. 177-87, 1984.

Dias Da Silva, M. G. F. **A educação dos filhos nos últimos 50 anos: A busca do “melhor”?** Dissertação de Mestrado. São Paulo: Instituto de Educação da Universidade de São Paulo, 1986.

Dodge, K. A. A social – information – processing model of social competence in children. In: Perlmutter, M. **Minnesota symposia on child psychology** (18th ed., p.77-125). Hillsdale, NJ: Erlbaum, p. 77-125, 1986.

ECA- **Estatuto da Criança e do Adolescente**, Lei n.º 8.069, de 13 de julho de 1990.

Gomes, R. et al. Por que as crianças são maltratadas? Explicações para a prática de maus-tratos infantis na literatura. **Cad. Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v.18 (3), p. 707-714, maio-jun. 2002.

Gonçalves, M. A. S. et al. Violência na escola, práticas educativas e formação do professor. **Caderno de Pesquisa**. São Paulo, v. 35 (126), p. 635-658, set-dez. 2005.

Guerra, V. N. A. **Violência de pais contra filhos: a tragédia revisitada**. São Paulo: Cortez; 1998.

Hall (1973), R. V. **Manipulação de comportamento: modificação de comportamento**. Tradução Waldir Betttoi. São Paulo: EPU, 1973.

Herbert, M. **Conduct disorders of Childhood and Adolescence: a social learning perspective**. Chinchester: John Wiley and Sons, 1987.

_____. **Typical and atypical development from conceptions to adolescence**. Malden: BPS Blackwell Book, 2003.

Iacocca, L.; Iacocca M. **O que fazer? Falando da convivência**. São Paulo: Ática, 1994.

Inforsato, F. A. E. **Interação da escola e a família: considerações a partir de uma abordagem ecológica**. Tese de Doutorado. Araraquara: Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista- UNESP, 2001.

Koller, S., H.; Bernardes, N. M.G. Desenvolvimento moral pró-social: semelhanças e diferenças entre os modelos teóricos de Eisenberg e Kohlberg. **Estudos em Psicologia**, Natal, v. 2, n. 2, p. 223-262, 1997.

Leite, D. M. Educação e relações interpessoais. In M. H. S. Patto (Org.). **Introdução à Psicologia Escolar**. São Paulo: Casa do Psicólogo. 1997, p. 301-327.

- Lüdke, M.; André M. E. D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: E. P. U., 1986.
- Maccoby, E. E.; Martin, J. A. Socialization in the context of the family: parent-child interaction. In: Hetherington, E. M. **Mussen Manual of Child Psychology** 4 (p. 1-10). New York: Wiley, 1983.
- Maldonado, M. T. Caminhos da prevenção da violência doméstica e escolar: construindo a paz. **Adolesc. Latinoam.**, Porto Alegre, v. 1, n. 2, p. 111-117, jul-set., 1998.
- Marin, I. da S. K. Instituições E violência – Violência Nas Instituições. In: Levisky, D. L. **Adolescência Pelos Caminhos Da Violência**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998, p. 101-112.
- Newson, T.; Newson, E. Cultural aspectsof chidreaing in the English speaking world. In Richards, M. P. M. **The integration of a child into a social world**. London, Cambridge University Press, 1974, p. 53-82.
- Njaine, K.; Minayo, M. C. de S. A violência na mídia como tema da área da saúde pública: revisão da literatura. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 201-211, jan., 2004.
- Osofsky, J. D. Children who witness domestic violence: The invisible victims. **SRCD Social Policy Report**, v. 9, n. 3, p. 11-16, 1995.
- Pavese, M. P. A influência da televisão no comportamento das crianças. **Momento & perspectiv. saúde**, v.2, n. 2, p.39-46, jul.-dez., 1998.
- Perez, M. C. A. **Família e escola na educação da criança: análise das representações presentes em relatos de alunos, pais e professores de uma Escola Pública do Ensino**

Fundamental. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2000.

Pina-Neto, J. M. de. **Aconselhamento genético: avaliação dos resultados através do seguimento tardio das famílias.** Tese (Livre Docência) – Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, 1983.

Poster, M. **Teoria crítica da família.** Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

Rimm, D; Masters, J. C. **Terapia comportamental: técnicas e resultados comportamentais.** Tradução de Ana F. Rodrigues Alves. São Paulo: Manole, 1983.

Rogers, C. **On Becoming a Person.** Boston: Houghton Mifflin, 1961.

Romão, J. **Guia de direitos do brasileiro afro-descendente: por uma educação que promova a auto-estima da criança negra.** Brasília: Ministério da Justiça (Séries Cadernos CEAP), 2001.

Rutter, M. Development Psychopathology: Concepts and Prospects. In: Lenzenweger M.; J. Haugaard, J. **Frontiers of Developmental Psychopathology.** New York: Oxford University Press, 1996. p.209-239.

Schaffer, H. R. **Social Development.** Cambridge, USA, 1996.

Simpson (1980), R. L. Behavior Modification and Child Management. In: Fine, E. **Handbook in Parental Education.** *New York*, Academic Press, 1980, p. 103-178.

Thebas, C. **Amigos do peito.** Belo Horizonte: Formato, 1996.

Vitali, I. L. **“Como nossos pais?” A transmissão intergeracional dos estilos parentais.**

Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

Weber, L. N. D.; Viezzer A. P.; Brandenburg, O. J. O uso de palmadas e surras como prática educativa. **Estud. psicol.**, Natal, v. 9, n. 2, p. 227-237, maio-ago, 2004.

Yumi, G. et al. Programas televisivos: relato de pré-escolares. **Rev. bras. Crescimento Desenvolv. Hum.**, v. 8, n. 1/2, p. 40-51, jan.-dez., 1998.

Anexo I

Roteiro de Entrevista utilizado com os pais

- 1- Qual a sua idade?
 - 2- Até que série estudou?
 - 3- Quantas pessoas moram em sua casa?
 - 4- Quantos filhos você tem? Qual a idade deles?
 - 5- Você trabalha? Onde?
 - 6- Com quem ficam seus filhos na sua ausência?
 - 7- Como é seu dia a dia? E dos seus filhos?
 - 8- O que você faz quando seus filhos te desobedecem?
 - 9- O que você sente quando pune seus filhos?
 - 10- O que você faz quando seus filhos se comportam bem, te obedecem?
 - 11- Como seria para você um sistema ideal de educação de crianças?
- | | | |
|----------------------------------|-----------|------------------------------|
| Ausência de autoridade | 1 2 3 4 5 | Autoridade absoluta e total |
| Ausência de afeição e
carinho | 1 2 3 4 5 | Extrema afeição e
carinho |
| Ausência de liberdade | 1 2 3 4 5 | Liberdade total |
| Ausência de exigência | 1 2 3 4 5 | Exigência extrema |
| Ausência de cuidados | 1 2 3 4 5 | Cuidados extremos |
| Ausência de punição | 1 2 3 4 5 | Punição sempre |
| Ausência de explicações | 1 2 3 4 5 | Explicações excessivas |
- 12- O que é violência contra criança?
 - 13- Que tipos de violência contra criança você conhece?
 - 14- O que é negligência?
 - 15- No meio que você vive há algum tipo de violência contra criança? Qual?

Anexo II

Jogo de Sentenças Incompletas aplicado aos Professores

- Escola:
- Série que leciona:
- Idade:
- Formação:
- Tempo de formação:
- Tipo de formação:
- Quanto tempo dá aula nesta escola:

Jogo de sentenças incompletas:

- 1- Quando um aluno se comporta mal na sala de aula eu
 - 2- Quando um aluno se comporta bem na sala de aula eu
 - 3- Meus alunos são educados porque
 - 4- Meus alunos são mal educados porque
 - 5- As pessoas responsáveis pela educação da criança são
 - 6- Como seria para você um sistema ideal de educação de crianças?
- | | | |
|----------------------------------|-----------|------------------------------|
| Ausência de autoridade | 1 2 3 4 5 | Autoridade absoluta e total |
| Ausência de afeição e
carinho | 1 2 3 4 5 | Extrema afeição e
carinho |
| Ausência de liberdade | 1 2 3 4 5 | Liberdade total |
| Ausência de exigência | 1 2 3 4 5 | Exigência extrema |
| Ausência de cuidados | 1 2 3 4 5 | Cuidados extremos |
| Ausência de punição | 1 2 3 4 5 | Punição sempre |
| Ausência de explicações | 1 2 3 4 5 | Explicações excessivas |
- 7- Violência doméstica contra criança é.....
 - 8- Violência física contra criança é.....
 - 9- Violência psicológica contra criança e
 - 10- Violência sexual contra criança é
 - 11- Negligência contra criança é.....

12- Eu já detectei algum tipo destas violências contra meus alunos.....

13- O que me leva a firmar isto é

14- Diante de uma situação de violência contra meus alunos eu.....

15- Eu percebo algum tipo de violência na escola quando.....

16- Diante de uma situação de violência na escola eu.....

Anexo III

Roteiro de Entrevista

- 1- Há coisas que acontecem na sala de aula que você gosta muito? O quê?
- 2- E no recreio?
- 3- E em casa?
- 4- Há alguma coisa que acontece na sala de aula e que você acha errado? O quê?
- 5- E no pátio da escola?
- 6- E na saída da escola?
- 7- Como você acha que deveria ser?
- 8 - Há alguma destas coisas que acontecem com você? Nesse caso, como você se sente?
- 9- E em casa, acontece alguma coisa que deixa você chateado? O quê?
- 10- O que você gostaria que mudasse na sua casa?

DESENHOS

































